



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Educação – CAMPUS I
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História**

WAGNER ARAGÃO TELES DOS SANTOS

**OS JORNAIS COMO SUPORTE PEDAGÓGICO NO ENSINO DE
HISTÓRIA: A FOLHA DO SUBÚRBIO E A PESQUISA EM SALA DE
AULA**

Salvador – Bahia
Agosto/2020

WAGNER ARAGÃO TELES DOS SANTOS

**OS JORNAIS COMO SUPORTE PEDAGÓGICO NO ENSINO DE
HISTÓRIA: A FOLHA DO SUBÚRBIO E A PESQUISA EM SALA DE
AULA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da UNEB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Dr. Marilécia Oliveira Santos.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Marilécia Oliveira Santos
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Prof^a. Dr^a. Cristiana Lyrio Ximenes
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Prof^a. Carollina Carvalho Ramos de Lima
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Salvador, 24 de Setembro de 2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

S237o

Santos, Wagner Aragão Teles Dos

Os Jornais Como Suporte Pedagógico no Ensino de História: A Folha do Subúrbio e a Pesquisa em Sala de Aula / Wagner Aragão Teles Dos Santos.-- Salvador, 2020.

146 fls.

Orientador(a): Mariléia Oliveira Santos.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTORIA, Câmpus I. 2020.

1.Ensino de História. 2.Educação Científica. 3.Ditadura Civil/Militar.

CDD: 907

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família por me apoiar durante esse percurso. Em especial, a minha esposa Cinthia Barreto, por tudo que faz por mim e por ter se mostrado extremamente compreensiva e companheira, principalmente, nos momentos mais difíceis dessa jornada.

Um obrigado às professoras Laiane Lima e Tássia Fernanda e aos professores Yuri Machado e Samuel Nunes. Compalheiros(as) de trabalho que possibilitaram debates profícuos e apresentaram soluções metodológicas importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos alunos do Colégio Estadual Prof^o. Edilson Souto Freire, que fizeram parte da pesquisa, meu muito obrigado! Sem eles, nada disso seria possível.

Agradeço às professoras Carollina Carvalho Ramos de Lima e Cristiana Ferreira Lyrios Ximenes pelas fundamentais contribuições ao trabalho.

Gostaria de agradecer a minha orientadora Marilécia Oliveira Santos, que me auxiliou durante todo o processo, sendo sempre atenciosa e cordial.

Por último, agradeço aos meus gatos Snick e Devi por deixarem meus dias mais alegres e divertidos!

RESUMO

SANTOS, W.A.T. *Os jornais como suporte pedagógico no Ensino de História: a Folha do Subúrbio e a pesquisa em sala de aula*. 2020. 146f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – ProfHistória, Universidade Estadual da Bahia.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões pertinentes ao uso de jornais no Ensino de História e para isso, desenvolvemos uma pesquisa em sala de aula com o jornal *Folha do Subúrbio* – periódico local, produzido em Camaçari, cidade da Região Metropolitana de Salvador – tendo como recorte temporal os anos de 1963-1966, no contexto histórico referente ao período da ditadura civil/militar no Brasil. Conduzimos os discentes à pesquisa documental que permitiu o desenvolvimento de produção textual e o estímulo a uma visão problematizadora sobre o discurso jornalístico, além de buscarmos incentivar a educação científica no Ensino Básico. A partir da metodologia da *Pesquisa-Ação* esse trabalho visou responder algumas questões: como a utilização de jornais nas aulas de História pode contribuir para a efetivação da pesquisa e da educação científica no Ensino Médio? De que maneira a utilização de jornais em sala de aula pode estimular uma visão mais problematizadora dos alunos em relação ao discurso jornalístico? É possível que o uso de jornais em sala de aula torne o Ensino de História mais interessante e proveitoso para os estudantes? Diante desses questionamentos, levamos para a sala de aula um pouco do método científico de análise de documentos utilizado pelos historiadores em sua produção historiográfica, possibilitando que o aluno compreenda que a História não é escrita a partir da imaginação do historiador – confundida muitas vezes como obra ficcional – e é uma ciência humana com seus métodos de pesquisa próprios.

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Científica; Ditadura Civil/Militar; Fontes; Folha do Subúrbio.

ABSTRACT

SANTOS, W.A.T. The newspapers as pedagogical support in history teaching: Folha do Subúrbio newspaper and the classroom research. 2020. 146f. Dissertation (Masters degree in History Teaching) – ProfHistória, State University of Bahia.

The aim of this study was to present pertinent reflections to the use of newspapers in the teaching of History and for that, we developed a classroom research using the newspaper *Folha do Subúrbio* – a local newspaper, produced in Camaçari, city of the Metropolitan Region of Salvador – setting as a time frame over the years 1963-1966, in the historical background referring to the period of the civil/military dictatorship in Brazil. We led students to a documentary research that would allow the development of textual production, in order to stimulate a problematizing view of journalistic discourse, in addition encouraging science education in high school. Furthermore, based on the *Action Research* methodology, this research aimed at answering some questions: how can the use of newspapers in history classes contribute to the realization of research and scientific education in high school? How can the use of newspapers in the classroom encourage a more problematizing view of students related to journalistic discourse? Is it possible that the use of newspapers in the classroom would make History Teaching more interesting and beneficial for students? Given these questions, we took to the classroom a little part of the research method of document analysis used by historians in the historiographical production, making the student understand that History is not written from the historian's imagination – often mistaken as a fictional work – and it is a human science with its own research methods.

Keywords: History Teaching; Scientific Education; Military/Civil Dictatorship; Sources; Folha do Subúrbio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 – OS JORNAIS IMPRESSOS E SUA UTILIZAÇÃO COMO FONTE HISTÓRICA: A FOLHA DO SUBÚRBIO E A DITADURA CIVIL MILITAR NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA.....	21
1.1 – Os jornais como fontes.....	21
1.2 – O discurso jornalístico e a “Conquista dos Corações e Mentes”.....	25
1.3 – A <i>Folha do Subúrbio</i>	29
1.3.1 – Um jornal alinhado aos militares.....	32
1.3.2 – A propaganda anticomunista nas páginas do jornal.....	40
1.3.3 – <i>A Folha do Subúrbio</i> no Contexto da Guerra Fria.....	43
CAPÍTULO 2 – A PESQUISA EM SALA DE AULA E O USO DE JORNAIS IMPRESSOS COMO SUPORTE PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	48
2.1 – A História como área do conhecimento científico.....	48
2.2 – Professor Pesquisador: o princípio científico na educação escolar.....	50
2.3 – O uso de jornais no Ensino de História.....	55
CAPÍTULO 3 – HISTORIANDO OS JORNAIS: ALUNOS PESQUISADORES NO ENSINO MÉDIO.....	62
3.1 – Aprendendo a ler jornais.....	63
3.2 – Analisando os jornais em sala de aula.....	71
3.3 – Analisando os questionários.....	92
3.4 – Analisando a produção textual.....	106
3.4.1 – <i>A Folha do Subúrbio</i> e o Golpe de 1964.....	106
3.4.2 – A ditadura civil militar e a mídia.....	109
3.4.3 – O anticomunismo no Brasil.....	112
3.4.4 – A política externa Norte-Americana.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117

REFERÊNCIAS.....120

ANEXOS.....125

INTRODUÇÃO

Vivemos tempos conturbados nos últimos anos no Brasil. Desde que se iniciou o processo de Impeachment da Presidente Dilma Rousseff, em 2015, o país se afundou numa crise política e econômica que parece não ter fim. Todos os setores da sociedade estão sendo abalados pela dicotomia política e ideológica que se instaurou desde então.

Neste embate, a imprensa brasileira se colocou como forte protagonista desse processo, tendo os espaços digitais como um dos principais campos de batalha pela busca da hegemonia da narrativa. Em meio a tudo isso, os novos veículos da imprensa digital, ligados a visões políticas e ideológicas distintas, ampliaram suas capacidades de comunicação com a população através das redes sociais. É nesse contexto que o fenômeno das *Fake news*¹ se tornou mais evidente no país, chamando a atenção de vários setores da sociedade, principalmente dos conglomerados da imprensa tradicional que, por décadas, direcionam os debates políticos e ideológicos no Brasil e, parece ser notório a todos, que essas *Fake news* tiveram um peso contundente na eleição presidencial de 2018, preocupando ainda mais setores da sociedade comprometidos com a ética nos meios de comunicação.

O debate travado pelos inúmeros setores da sociedade brasileira pela busca da hegemonia da narrativa política e ideológica nos últimos anos nos colocou numa dualidade de pensamento, fazendo com que consensos estabelecidos, desde a Constituição de 1988, começassem a ser questionados de maneira bastante expressiva.

É nesse processo de ruptura do pensamento político e ideológico que alguns grupos em ascensão política no país acirraram ainda mais a disputa pela hegemonia da narrativa histórica referente ao Golpe de 1964 e o regime que se instalou desde então, colaborando para o ressurgimento de discussões acaloradas sobre a natureza do processo que destituiu o Presidente João Goulart. Grupos políticos ligados às Forças Armadas Brasileira afirmam que esse processo foi uma revolução civil/militar que afastou a ameaça de uma Revolução Comunista na década de 60 negando que esse processo tenha colocado o país em uma ditadura militar, contrariando assim, o consenso estabelecido pela sociedade brasileira após a

1 Segundo o Dicionário Online de Português as Fake news são “quaisquer notícias e informações falsas ou mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em redes sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens.” Essas notícias falsas têm se tornado um fenômeno contemporâneo depois do advento das novas tecnologias da informação e hoje, muitos países, assim como empresas tradicionais na área da comunicação, têm buscado criar meios de combater a sua proliferação, principalmente, nos meios digitais.

Constituição de 1988 que afirma o caráter do Golpe de 1964 que lançou o país em uma ditadura que durou por longos 21 anos.

É nesse clima de intensos debates sobre a memória do país que as discussões políticas se afloram também em espaços escolares, tornando a escola um ambiente, do mesmo modo, impactado por essa polarização política e ideológica em que a sociedade brasileira está inserida atualmente.

Além desse aspecto, percebemos nos últimos anos um maior interesse dos alunos do Colégio Estadual Professor Edilson Souto Freire pelo período de ditadura civil militar no Brasil, provavelmente estimulados, tanto pelos dicotomizados debates referentes a memória do país, quanto pelas tensões e discussões geradas a partir do processo de deposição da Presidente Dilma Rousseff e da popularização entre os alunos das ideias e discursos políticos binários veiculados, sobretudo, nas redes sociais desde então. Vale destacar que nos últimos dois anos, as Unidades da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia passaram a ser divididas em três unidades, permitindo otimizar a divisão dos conteúdos trabalhados ao longo do ano, possibilitando um trabalho mais proveitoso na última Unidade; momento em que trabalhamos o período de Ditadura Civil Militar com os alunos do 3º ano. Isso viabilizou maiores e melhores debates sobre o tema em sala de aula.

O nebuloso processo de Impeachment em 2016 e a exacerbação da polarização do cenário político brasileiro têm permitido os alunos fazerem uma relação dos últimos acontecimentos políticos no país com o período em que o mesmo foi governado pelos militares entre os anos de 1964 a 1985. A partir disso, percebemos certa polarização na sala entre alunos que apresentam visões políticas progressistas e conservadoras, tendo como pano de fundo em algumas discussões, tanto a dualidade entre Nazismo e Comunismo ao tratarem da Segunda Guerra Mundial, quanto a rivalidade entre militares e comunistas durante o regime militar. A dicotomia é potencializada pelos debates acalorados gerados pelos meios de comunicação de massa, propagados pela Internet, que criaram bolhas de pensamento através das redes sociais, nas quais o contraditório é cada vez menos valorizado.

Essa polarização política exacerbada, em grande medida se deve à maneira como a grande mídia se comportou nos fatídicos episódios políticos ocorridos a partir de 2015. O comportamento pouco democrático e plural da grande imprensa possibilitou o surgimento de jornais virtuais com o objetivo de se contrapor ao discurso dominante da imprensa hegemônica. Por outro lado, vemos uma sociedade dividida social e politicamente e com

pouca capacidade de refletir aprofundadamente sobre os discursos jornalísticos e os interesses que estão por trás deles.

Diante desse cenário político nacional, acreditamos ser necessário chamar a atenção para o trabalho com fontes em sala de aula que permita analisar os discursos jornalísticos com alunos da rede básica de ensino, para que seja possível perceber os interesses implícitos existentes no trabalho da imprensa. Portanto, é de fundamental importância para o Ensino de História levar até os alunos fontes impressas para que sejam exploradas por eles, possibilitando assim, uma ampliação do conhecimento histórico que possa fazer com que eles estabeleçam relações entre o passado e o presente, ao mesmo tempo em que analisam as narrativas jornalísticas que mais tarde poderão se constituir em fontes para as narrativas históricas.

Os jornais impressos se consolidaram no século XX como ferramenta importante de pesquisa na área de História. No século XIX, as documentações oficiais do Estado eram priorizadas nos estudos históricos, sendo para muitos a verdadeira representação do fato acontecido. Os jornais eram vistos com desconfiança pelos historiadores, por reconhecerem a parcialidade desses veículos de comunicação que, invariavelmente, atendiam a interesses de determinados grupos.

Hoje, o historiador tem uma infinidade de documentos que podem ser utilizados como fonte e também como objeto de estudo. Os jornais impressos se constituíram nesse contexto em arcabouço importante da pesquisa historiográfica, pois ao utilizarmos os mesmos como objeto de estudo, podemos acessar e analisar discursos e representações sociais criados por esses meios de comunicação e os grupos sociais de quem são porta-vozes.

Dentro dessa dinâmica, o presente trabalho teve como objetivo analisar o discurso do jornal *Folha do Subúrbio* nos anos de 1963-1966, no contexto histórico que culminou na ditadura civil/militar no Brasil, tendo como proposta pedagógica levar para a sala de aula essas fontes para serem exploradas junto com os alunos, para com isso, fomentar uma visão problematizadora dos discursos jornalísticos e das representações por eles criadas, assim como também, estimular a pesquisa e a educação científica na educação básica, enriquecendo assim o conhecimento dos alunos no que se refere ao contexto histórico estudado.

No que diz respeito ao uso de jornais em sala de aula, tivemos como referência as concepções de Maria Alice Faria.² Segundo a autora, em seu clássico livro, *Como Usar o*

2 FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Jornal em Sala de Aula, “se a leitura do jornal for bem conduzida, ela prepara leitores experientes e críticos para desempenhar bem seu papel na sociedade.” Mais adiante, no que tange à formação geral do estudante, ela ressalta que “a leitura crítica do jornal aumenta sua cultura e desenvolve suas capacidades intelectuais.” Por fim, a autora explica que “os bons jornais oferecem, tanto ao professor quanto aos alunos, uma norma-padrão escrita que sirva de ponto de referência para a correção na produção de textos.”³ Ou seja, podemos dizer que a utilização de jornais em sala propicia aos alunos uma visão mais problematizadora no que diz respeito aos discursos jornalísticos, assim como pode desenvolver ainda mais as habilidades e competências necessárias para o amadurecimento da leitura e escrita, possibilitando melhor desempenho durante a sua produção de texto, estimulando a coesão textual, a clareza das ideias e a capacidade de síntese, além de ampliar o seu repertório vocabular em seu processo de escolarização.

Faria explica também que a utilização de jornais em sala de aula pode levar o aluno a “desenvolver operações e processos mentais que concorrem para a construção da inteligência.”⁴ Dentre essas operações e processos a autora destaca: “identificar, isolar/relacionar, combinar, comparar, selecionar, classificar, ordenar, induzir, deduzir, levantar hipóteses e verificá-las...”⁵ Isso mostra que é possível, com a utilização de jornais na escola, estimular nos alunos várias habilidades e competências, que não servirão apenas para analisar jornais antigos ou atuais no futuro, mas sim, os auxiliarão nas tarefas diárias e no mercado de trabalho ao longo de suas vidas, quando precisarão selecionar, analisar, comparar, classificar, deduzir, levantar hipóteses e etc. Além de auxiliar na formação de sujeitos críticos e leitores do mundo.

Trabalhamos também com o conceito de *Educar pela Pesquisa*, defendido pelo sociólogo e educador Pedro Demo⁶. Em seu livro, *Pesquisa: princípio científico e educativo*, o autor chama a atenção para a necessidade da pesquisa em ambiente educacional. Ele destaca que é preciso tornar o ambiente educacional em um espaço de investigação e, sobretudo, produção científica. Espaço esse que deixe de ser simplesmente um reproduzidor de um saber já estabelecido.

Segundo Demo, “predomina entre nós a atitude do imitador, que copia, reproduz e faz

3 Ibid. p.11.

4 Ibid. p.13.

5 Ibid. p.13.

6 DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

prova. Deveria impor-se a atitude de aprender pela elaboração própria, substituindo a curiosidade de escutar pela de produzir.”⁷ Ou seja, o autor aponta para a necessidade de fomentarmos a pesquisa em ambiente escolar, propiciando uma formação mais autônoma e emancipatória nos estudantes.

Infelizmente, ainda é notório o fato de que uma parcela considerável de nossas escolas trabalha como simplesmente reprodutora de um conhecimento produzido na academia. Diante dessa questão, vemos a premência de se trabalhar em ambiente escolar com metodologias que migrem do simples reproduzir para a produção da pesquisa com princípios científicos. Sobre essa questão Demo explica que “o aluno não pode apenas escutar; tem que produzir” e, “a única coisa que vale a pena aprender é a criar, o que já muda a noção de aprender. O professor que apenas ensina imbeciliza o aluno. Nunca foi deveras professor.”⁸

Cabe destacar que esta abordagem educacional está alinhada com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece como competência geral da Educação Básica,

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.⁹

Além disso, a BNCC define como competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.¹⁰

A partir disso, o presente trabalho tem como pretensão incentivar a produção de um saber a ser produzido em sala de aula, no que tange o Ensino de História – utilizando jornais como fontes em ambiente escolar – que permita estimular no aluno a sua capacidade cognitiva através do espírito investigativo da pesquisa historiográfica e motive a escola a abandonar metodologias em que ainda prevaleça a simples reprodução e cópia de conteúdos. Para isso,

7 Ibid., p.10.

8 Ibid., p.57-58.

9 BRASIL, *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020. p.09.

10 Ibid., p.570.

utilizaremos as concepções de aula-oficina compreendidas por Isabel Barca, na qual “o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento” e “as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação.”¹¹ Isto é, nesse modelo o aluno é desafiado e estimulado a construir conhecimento através das atividades propostas nas oficinas. Contudo, vale ressaltar que não se busca com essa ação tornar os estudantes em historiadores, mas que eles se familiarizem com as ferramentas e métodos utilizados por estes.

No que diz respeito à História como área do conhecimento científico, vale salientar que o “pensar historicamente” – objetivo importante num trabalho com fontes em sala de aula – não significa “conduzir o aluno/cidadão a assimilar uma das muitas doutrinas sociais ou científicas como a verdade a partir da qual todas as outras visões sejam medidas.”¹² E que, “por se tratar de método científico, o método histórico supõe, como única verdade, que o melhor argumento deve prevalecer no processo de discussão de ideias.”¹³ E por isso, podemos dizer que o conhecimento histórico “é provisório, e nossas ‘verdades’ só merecem esse título quando continuamente submetidas a teste e à possibilidade de refutação. Do contrário, construiríamos dogma, que é o oposto do saber científico.”¹⁴

Afirmando o caráter científico da História, Marc Bloch deixou claro em seu clássico livro, *Apologia da História*, que “a história é uma ciência que tem como uma de suas características, o que pode significar sua fraqueza mas também sua virtude, ser poética, pois não pode ser reduzida a abstrações, a leis, as estruturas.”¹⁵ Ou seja, a história é uma ciência, com as peculiaridades e subjetividades inerentes à pesquisa sobre as ações do ser humano no tempo. É uma ciência humana com métodos próprios, que tem como característica a possível “imperenidade” de suas “verdades”, desde que sejam refutadas a partir de documentação específica e argumentos consistentes devidamente colocados a testes. Porém, Eric Hobsbawn afirma que “aquilo que os historiadores investigam é real.” Para ele, é fundamental para o ofício historiográfico a distinção entre “fato comprovável e ficção, entre declarações

11 BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 132.

12 CERRI, Luis Fernando. *Ensino de História e Consciência Histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p.66.

13 Ibid., p.66.

14 Ibid., p.66.

15 BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. P.19.

históricas baseadas em evidências e sujeitas a evidenciação e aquelas que não o são.”¹⁶ O historiador ressalta que,

(...) sem a distinção entre o que é e o que não é assim, não pode haver história. Roma derrotou e destruiu Cartago nas Guerras Púnicas, e não contrário. O modo como montamos e interpretamos nossa amostra escolhida de dados verificáveis (que pode incluir não só o que aconteceu mas o que as pessoas pensaram a respeito) é outra questão.¹⁷

Portanto, compreendemos o fazer historiográfico como uma ciência humana que sabe não ser possível reproduzir fielmente a realidade, mas que tem um compromisso com a busca de uma verdade inalcançável, sabendo de seus limites e possibilidades e, entendendo que as condições materiais em que estão inseridos os agentes envolvidos na construção da narrativa da história podem influenciar nos seus posicionamentos políticos e ideológicos. No entanto, sabemos também que o historiador estuda o real e não tem pretensão de produzir ficção.

É importante ressaltar que este trabalho transita no território da *História Política* – não aquela que tinha como preocupação principal a narrativa linear dos grandes eventos históricos e a exaltação dos “heróis nacionais”, e sim uma História Política que analisa e reflete sobre os eventos passados, reconhecendo o papel dos diversos grupos inseridos na sociedade – e da *História Social*, tendo sempre como campo central da pesquisa o *Ensino de História*.

Diante da atual disputa de narrativa sobre o passado recente do país, é importante utilizarmos as fontes impressas em sala de aula, estimulando os alunos a pensarem como se constituem as narrativas jornalísticas, permitindo que eles compreendam como os discursos são construídos a partir do lugar de fala daqueles que estão envolvidos no trabalho da imprensa, bem como, percebam o quanto esses discursos podem ser recepcionados pela população como uma representação única e absoluta do real.

Nesse trabalho, priorizamos utilizar as páginas do jornal *Folha do Subúrbio* em sala de aula, como objeto de análise do discurso jornalístico, referente aos primeiros anos da Ditadura Civil Militar no Brasil, buscando identificar de que maneira a utilização de fontes de jornais pode favorecer uma compreensão mais ampla por parte do alunado, tanto no que se refere às questões dos discursos jornalísticos, quanto do processo ditatorial que se iniciou no país em 1964.

Para levantamento e análise dos dados, utilizamos como referência a *Pesquisa-Ação*: método de pesquisa qualitativa que permite reunir “o pesquisador acadêmico e o professor do

16 HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.08.

17 Ibid., p.09.

Ensino Fundamental e Médio num mesmo projeto, a ser realizado no ambiente escolar, e prevê interferência no trabalho docente com o objetivo de favorecer a qualidade deste”¹⁸. Mais especificamente, trabalhamos com a perspectiva metodológica da *Pesquisa-Ensino*; modalidade inserida no interior da *Pesquisa-Ação*, “na qual o professor lança mão dos referenciais da pesquisa acadêmica não só para compreender a sua atuação, como também para propor modificações nas práticas escolares”¹⁹.

Diante disso, esse trabalho visou responder algumas questões: como a utilização de jornais nas aulas de História pode contribuir para a efetivação da pesquisa e da educação científica no Ensino Médio? De que maneira a utilização de jornais em sala de aula pode estimular uma visão mais problematizadora nos alunos em relação ao discurso jornalístico? É possível que o uso de jornais em sala de aula torne o Ensino de História mais interessante e proveitoso para os estudantes?

A partir desses questionamentos, levamos para a sala de aula um pouco do método científico de análise de documentos utilizado pelos historiadores em sua produção historiográfica, instigando o aluno a compreender que a História não é simplesmente escrita a partir da imaginação do historiador – confundida muitas vezes como obra ficcional – e sim uma ciência humana com seus métodos de pesquisa próprios.

É evidente que não estamos querendo com isso firmar a História como uma ciência aos modos Iluministas. Estamos apenas dizendo que essa área do conhecimento, com todas as suas peculiaridades, têm métodos de análises de documentos históricos que a diferencia de uma literatura estritamente ficcional, apesar da subjetividade e do caráter interpretativo intrínseco ao ofício do historiador. É importante salientar que os condicionamentos e a subjetividade do pesquisador aparecem em qualquer investigação e de qualquer área, contudo, é exatamente a metodologia que vai reduzir ou “controlar” a presença desses condicionantes.

Mostrar ao aluno que a História, enquanto área do conhecimento humano, se vale de métodos e abordagens investigativas na busca da verdade histórica – que sabemos ser inalcançável – é necessário para estimular a valorização e compreensão da disciplina no Ensino Básico, principalmente em tempos de “*Fake News*” e “*Pós-Verdade*”.

18 PENTEADO, Heloísa Dupas. A Relação Docência/Ciência sob a Perspectiva da Pesquisa-Ação. In: PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elsa (Org.). *Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor*. São Paulo: Paulina, 2010. p.21.

19 SOARES, Olavo Pereira. A Pesquisa-Ensino no Ensino de História. In: PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elsa (Org.). *Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor*. São Paulo: Paulina, 2010. p.125.

O nosso trabalho, nesse sentido, visou propiciar ao aluno o entendimento de como funciona o ofício do historiador, buscando romper as barreiras existentes entre o universo de pesquisa desse profissional na academia e a realidade do aluno em sala de aula, possibilitando que o discente compreenda de que maneira se opera a construção da produção historiográfica, ao mesmo tempo que se tenta despertar nele um pensamento crítico sobre o passado e o desejo pelo conhecimento histórico.

Ao trabalhar com as fontes oriundas da imprensa escrita em sala de aula, é necessário discutir com os alunos o papel da imprensa, sua importância num país democrático e os interesses políticos, econômicos e individuais que estão escamoteados por trás do discurso jornalístico.

Fábio Lopes e Ivanor Luiz explicam que, inicialmente, precisamos ficar atentos para os critérios jornalísticos que fizeram a matéria se tornar notícia e como ficou sua materialização:

Nesse caso, deve ser conferido o destaque dado ao acontecido, ou seja, em que espaço do periódico se deu a publicação, pois se deve estabelecer as diferenças entre as publicações de manchetes e o que é relegado às páginas internas, bem como suas posições nas referidas páginas, pois ênfase em certos temas, linguagens, natureza de conteúdo, está associado aos interesses do órgão, público que visa atingir. Numa palavra, o espaço ocupado pela notícia informa muito da intencionalidade dos agentes responsáveis por sua publicação.²⁰

É necessário deixar claro que o discurso jornalístico não é neutro nem imparcial. É carregado de sentidos, significados e interesses econômicos e de classe e nesse sentido, é preciso ter em vista a necessidade de compreender e interpretar os interesses por trás dos discursos e narrativas propagados pela imprensa, como também, identificar o grupo que está por trás da linha editorial do veículo de comunicação e seus colaboradores, além de “inquirir sobre as ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário”²¹ e “indagar sobre o ‘lugar de fala’, o lugar específico no interior de uma dada instituição, a fonte do discurso daquele falante, e sobre a sua efetiva ‘posição de sujeito’ – suas ações concretas, basicamente como sujeito incitador e produtor de saberes.”²²

Vale deixar claro nesse momento, que o trabalho não teve como objetivo utilizar as

20 ALVES, Fábio Lopes.; GUARNIERI, Ivanor Luiz. A Utilização da Imprensa Escrita para a Escrita da História: diálogos contemporâneos. In: *Revista Brasileira de Ensino do Jornalismo*, v.1, n.2, 2007. p.11. Disponível em: <<http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/93/40>>. Acesso em: 18 abril 2020.

21 Ibid., p.11.

22 FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.114, p.197-223, nov. 2001. p.208.

edições do periódico como ferramenta que visasse evidenciar para o aluno que o professor está correto sobre o assunto ministrado em aula ou como prova de que aquele determinado fato aconteceu; prática ainda muito utilizada em sala de aula.

Maria Auxiliadora Schimidt e Marlene Caineli, ao tratarem sobre os riscos do emprego das fontes históricas no ensino de História, explicam que,

Do ponto de vista didático, a utilização do documento histórico como prova do real, para legitimar o discurso do professor, trazia como perspectiva metodológica um ensino centrado na figura deste. Era ele quem explorava o documento e suas características com a finalidade de comprovar o que ensinava ao aluno.²³

Na nossa proposta de pesquisa, utilizamos os jornais em sala de aula para que eles fossem explorados pelos alunos, pois acreditamos “que sua utilização hoje é indispensável como fundamento do método de ensino, principalmente porque permite o diálogo do aluno com realidades passadas e desenvolve o sentido da análise histórica.”²⁴ Além disso, entendemos a utilização de fontes em sala de aula numa perspectiva que torne o aluno, não agente central do processo de ensino e aprendizagem, mas participe, ao lado do professor, desse processo, sem que haja abusos de hierarquias e autoritarismos na relação professor/aluno. Alinhadas a esse entendimento, Maria Schimidt e Marlene Caineli refletem:

Referentemente ao processo ensino-aprendizagem, essa nova concepção de documento histórico exclui qualquer tipo de relação autoritária, como a do ensino sempre centrado no professor. O inverso também não está adequado a esse processo de renovação, isto é, o aluno não pode ser relegado a sua própria sorte, como se o ato de conhecer fosse algo dado e espontâneo. Essa concepção propõe que a relação entre professor, aluno e conhecimento seja interativa, uma relação em que o trabalho com os conteúdos e o prazer de aprender poderão ajudar aluno e professor a pensarem historicamente se apoderarem da história vivida numa dimensão totalmente humana.²⁵

Deste modo, a nossa proposta consistiu inicialmente, em pesquisar junto com os alunos da Turma C Vespertino, do 3º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire, o jornal *Folha do Subúrbio*, explicando à turma a sua importância para a História local, supondo que a utilização de um jornal local, produzido e distribuído na cidade de Camaçari, pudesse aproximar os alunos do conhecimento histórico, evidenciando para eles que todos nós somos agentes históricos, transformadores cotidianos da realidade, tanto política quanto econômica e social.

Resolvemos dividir o trabalho em três capítulos, além da introdução e das

23 SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004. p.92.

24 Ibid., p.94.

25 Ibid., p.95.

considerações finais. No primeiro capítulo, analisamos a importância do uso de jornais como fonte e o processo de sua valorização na historiografia. Mais adiante, fazemos uma discussão sobre o discurso jornalístico na “Conquista de Corações e Mentes” e finalizamos o capítulo apresentando a origem da *Folha do Subúrbio* analisando o seu discurso jornalístico referente ao Golpe Civil Militar de 1964 e a Ditadura Civil Militar instalada desde então, no contexto da Guerra Fria. Vale destacar também que a pesquisa se restringiu aos anos de 1963 a 1966.

No segundo capítulo, debatemos sobre a importância da pesquisa científica no Ensino Básico, nos pautando na tese do sociólogo Pedro Demo; que compreende o processo de educação escolar como um momento de produção do saber e não simplesmente como um espaço de reprodução do conhecimento acadêmico. Nesse debate, a História é inserida como disciplina importante na construção do conhecimento científico, tendo os jornais impressos como suporte pedagógico fundamental no Ensino de História, suscitando nos alunos a compreensão de como funciona o ofício do historiador e a produção do saber histórico, ao mesmo tempo em que se tornam agentes ativos na produção do saber.

No terceiro capítulo, fizemos uma análise da documentação obtida durante a pesquisa realizada em sala de aula, em que foram utilizadas edições do jornal *Folha do Subúrbio*. Dentre estes documentos, estão os relatórios produzidos pelos estudantes no decorrer do processo, um questionário respondido pelos mesmos e os artigos produzidos por estes ao final da pesquisa. É importante salientar aqui que por motivos de privacidade da identidade dos discentes, preferimos omitir os seus nomes, atribuindo a eles letras do nosso alfabeto no decorrer de nossas análises, como forma de evitar a exposição dos participantes da pesquisa e eventuais impactos sociais. Além disso, vale destacar que nas citações dos textos produzidos por eles, fizemos pequenas correções ortográficas e textuais, tendo cuidado para que não houvesse alterações semânticas no material empregado.

Sabemos que a renovação historiográfica que ocorreu na década de 1970 e os investimentos nos estudos culturais nas décadas seguintes deram destaque às fotografias como fonte de pesquisa e nesta linha investigativa as imagens veiculadas nos jornais e revistas impressas se revelaram profícuas. São vestígios ricos do passado que se busca investigar e a reflexão entre texto verbal e não verbal dos periódicos revelam muito das relações entre o dito e o não dito. Cabe pontuar que não é o nosso propósito aqui fazer uma reflexão das imagens veiculadas no jornal *Folha do Subúrbio* bem como dos textos verbais que nele circularam. O que buscamos foi munir os alunos de ferramentas básicas de uma investigação histórica para

que eles fizessem as análises possíveis. Demos de forma ampla algumas orientações metodológicas de análise das imagens nos jornais de acordo com Ana Maria Mauad e Charles Monteiro.²⁶

26 MAUAD, Ana Maria; MONTEIRO Charles. Fotografia, cultura visual e história: perspectivas teóricas e metodológicas. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre. v.44, n.1, p. 3-7.

CAPÍTULO 1

OS JORNAIS IMPRESSOS E SUA UTILIZAÇÃO COMO FONTE HISTÓRICA: A FOLHA DO SUBÚRBIO E A DITADURA CIVIL MILITAR NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA

Existem vários sentidos para a ideia de pensamento histórico. Para nós, nesse momento, vamos definir que pensar historicamente é nunca aceitar as informações, ideias, dados etc, sem levar em consideração o contexto em que foram produzidas: seu tempo, suas peculiaridades culturais, suas vinculações com posicionamentos políticos e classes sociais, as possibilidades e limitações do conhecimento que se tinha quando se produziu o que é posto para análise. É nunca deixar de lado que todo produto de uma ação tem um ou mais sujeitos, pois isso condiciona o sentido da mensagem. Por exemplo, estatísticas sobre reprovação de alunos, discursos de políticos e de mulheres, documentos oficiais, todos se ligam a um contexto, que inclui sujeitos, interesses e visões de mundo das quais se pode estar consciente ou não.²⁷

Este trabalho tem como base o uso de jornais impressos como fonte em sala de aula, refletindo como essa prática pedagógica no ensino de História pode ajudar os alunos no processo de aprendizagem dessa disciplina tão questionada nos últimos anos. Porém, antes de tratarmos da aplicabilidade dos jornais em sala de aula, discutiremos nesse capítulo, sobre a natureza do discurso jornalístico e as maneiras como a História utiliza os jornais impressos como fonte. Além disso, apresentamos o jornal *Folha do Subúrbio* analisando o seu discurso jornalístico durante os anos de 1963 a 1966, no que diz respeito ao Golpe de 1964 e o posicionamento político e ideológico em suas páginas durante esse período.

1.1 Os jornais como Fonte

Podemos dizer que as fontes são o motivo da existência do ofício do historiador. Sem elas fica muito difícil estudar o passado, saber sobre eventos importantes, personagens, estruturas sociais e econômicas de tempos pretéritos. “O documento é a base para o julgamento histórico.”²⁸ Pesquisar o passado sem utilizar algum tipo de fonte apenas permitiria o pesquisador elaborar um trabalho simplesmente fruto de sua imaginação. “É das

27 CERRI, op. cit., p.59.

28 KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A Memória Evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (Org.) *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2017. p.09.

fontes que o historiador desenvolve seu trabalho.”²⁹ Porém, para que as fontes sirvam de ferramentas eficientes na pesquisa em História é necessário que sejam “analisadas, questionadas, comparadas, enfim, devem passar pelo crivo do pesquisador para a produção historiográfica.”³⁰ Ou seja, é a investigação rigorosa da fonte que permitirá que o historiador desenvolva a sua tarefa de reconstrução de uma narrativa histórica, confrontando-a e analisando-a sob diversos prismas. Deste modo,

(...) o historiador ao se deparar com as fontes, percebe que elas não falam por si, mas respondem a uma gama de perguntas a serem formuladas procurando obter possíveis respostas presentes nas fontes, o que as tornam dessa forma, as peças fundamentais na operação historiográfica.³¹

É necessário problematizar o trabalho com a fonte, senão o historiador não fará nada além de reproduzir o que ela diz, contudo, o que ela diz não representa, necessariamente, aquilo que aconteceu, e sim uma representação daquilo que pode ter acontecido. Analisar, questionar e confrontar a fonte com outros documentos é talvez, o mais fascinante do ofício do historiador. “As fontes, por mais rigor e análise que possamos despender, não respondem por si, precisam ser indagadas e, somos nós, os historiadores, que investigamos.”³² Além disso, é importante ressaltar que no esforço interpretativo do trabalho investigativo, o historiador “não pode contrariar ou desmentir as fontes, muito menos inventá-las. O trabalho historiográfico exige tirocínio para buscar em arquivos documentos que possam servir para contar o ocorrido, o mais próximo possível do acontecido.”³³

A fonte é classicamente conceituada como sinônimo de documento e a partir das discussões levantadas pela escola metódica no século XIX, foi entendida não apenas como documento escrito, mas principalmente, como significado de documentos oficiais. Atualmente, os historiadores têm preferido utilizar a palavra vestígio para designar a fonte, compreendendo esta, muito além do documento oficial. Todo vestígio da produção humana, a partir dessa visão se torna “fonte para o conhecimento da história.”³⁴ E entre os vestígios mais amplamente utilizados pelos historiadores a partir do último quarto do século XX, estão os jornais impressos.

29 SOUZA, Quincas Rodrigues de. *O Uso de Fontes como Estratégia Didática para Aprendizagem Histórica na Educação Básica*. 2016. 128f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Rio de Janeiro. p.62.

30 Ibid., p.62.

31 ALVES; GUARNIERI, op. cit., p.05.

32 SOUZA, op. cit., p.62.

33 ALVES; GUARNIERI, op. cit., p.04-05.

34 SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2006. p.158.

Desde o nascimento da imprensa brasileira em 1808, com a chegada do primeiro número do periódico *Correio Braziliense*, produzido em Londres e idealizado por Hipólito da Costa, os jornais impressos vêm se tornando cada vez mais, uma ferramenta importante na disseminação de ideias, crenças e valores no Brasil. Essa ferramenta, segundo alguns autores, pode ser utilizada para propagação de ideias de classes, com o intuito de manter o pensamento popular vinculado ao pensamento de quem a controla. Por causa de sua parcialidade, durante muito tempo, os historiadores relutaram em escrever uma história por meio da imprensa. Havia muita desconfiança nos jornais como fonte, pois durante o século XIX, e mesmo na primeira metade do século XX, acreditava-se que o historiador deveria trabalhar com fontes que fossem caracterizadas pela “objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciada de seu tempo.”³⁵

Para parcela significativa de historiadores da época, os documentos oficiais do Estado representavam a imparcialidade necessária para o fazer historiográfico, num contexto em que a busca pela verdade dos fatos era o foco principal do ofício do historiador. Diante disso, os documentos advindos da imprensa eram desvalorizados, por acreditarem que este tipo de documento carecia da “imparcialidade” e “objetividade” necessária e, “eram pouco adequados para a recuperação do passado”, pois “continham registros fragmentários do presente, realizados sob influxo de interesses, compromissos e paixões.” Para eles, esses documentos “forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas.”³⁶

Na segunda metade do século XX, a partir dos questionamentos feitos pela Escola dos *Annales* – movimento, que nas palavras de Peter Burke, representou uma verdadeira “Revolução Francesa da Historiografia”³⁷ - o documento deixou de ser visto simplesmente como detentor da verdade e sim, como um registro que deveria ser analisado, interrogado e interpretado. Com isso, os jornais passaram a ser menos negligenciados pelos historiadores, se tornando uma fonte importante na árdua tarefa de “reconstruir” o passado. Isso se deu, principalmente, a partir das transformações ocorridas na historiografia nas últimas décadas do século XX, com a terceira geração dos *Annales*, que propunha “novos objetos, problemas e abordagens” para a historiografia.³⁸

35 DE LUCA, Tania Regina. A História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.112.

36 Ibid. p.112.

37 BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p.17.

38 DE LUCA, op. cit., p.112.

No Brasil, até a década de 1970, poucos historiadores utilizavam a imprensa escrita como fonte, porém, “alguns trabalhos já demonstravam a importância de escrever a história da imprensa, (...) apesar de uma certa dificuldade em aceitar e/ou até mesmo fazer história por meio da imprensa”.³⁹

Nas últimas décadas, os jornais se tornaram fontes valorizadas pela historiografia brasileira, tanto no que se refere à escrita de uma História da imprensa, quanto à escrita da História por meio da imprensa. Atualmente, o seu uso como fonte de pesquisa está bastante disseminado entre as áreas do conhecimento humano. “Nos diversos campos de pesquisa, da comunicação à semiótica, da crítica literária à educação, a imprensa aparece como fonte e também como objeto de pesquisa.”⁴⁰ No entanto, as discussões sobre a sua objetividade e neutralidade continuam no centro dos debates.

A professora Tania Regina de Luca nos explica que apesar de ser empolgante discutir sobre esse tema, ele “pouco colabora para o trabalho efetivo do historiador com suas fontes.” Luca ressalta que,

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (...) Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos.⁴¹

Isso quer dizer que o rigor metodológico da análise do documento pode dirimir eventuais problemas existentes na falta de objetividade dos jornais impressos. Isso não quer dizer que o trabalho do historiador é neutro ou imparcial. Assim como a atividade jornalística, o trabalho de pesquisa historiográfica é carregado de subjetividades, fruto da complexidade da natureza humana e da relação em sociedade. Para além dessas questões, a pesquisa

39 ALVES; GUARNIERI, op. cit., p.08-09.

40 CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre História e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p.253-270, dez. 2007. p.254.

41 DE LUCA, op. cit., p.139.

historiográfica, hoje, se vale largamente da imprensa. Seu caráter parcial é objeto de investigação que permite acessar anseios, desejos, aspirações e projetos de mundo presentes explicitamente ou nas entrelinhas do texto jornalístico. Talvez isso torne os jornais um documento tão fascinante de se estudar no trabalho do historiador.

1.2 – O Discurso Jornalístico e a “Conquista dos Corações e Mentes”

Segundo Clóvis Rossi, o jornalismo é uma grande batalha pela “conquista de mentes e corações” e se constitui em

Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva; a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. Mas uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político e social, o que justifica e explica as imensas verbas canalizadas por governos, partidos, empresários e entidades para o que se convencionou chamar de comunicação de massa.⁴²

A imprensa, definida muitas vezes como o 4º poder, tem como função vigiar os outros três poderes da República, ao lado dos outros veículos de comunicação de massa. Ela ampliou tanto o seu poder “ao se tornar(em) indústria, das mais poderosas, que detém poder econômico e político” e isso possibilitou, segundo Maria Helena Capelato, o aumento significativo de sua capacidade de conquistar os ‘corações’ e ‘mentes’.⁴³ Para a autora, “a imprensa registra, comenta e participa da história.”⁴⁴ Isso faz dela, uma força política importante em que “os governos e os poderosos a utilizam e temem: por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais.”⁴⁵

Para Clóvis Rossi, é inegável que a imprensa, “desempenha, claramente, um papel-chave para ganhar as mentes e corações dos seguimentos sociais que, no Brasil ao menos, formam o que se chama de opinião pública,” composta basicamente, pela classe média, “principal responsável pelo consumo de jornais e revistas em um país em que se lê desesperadamente pouco.”⁴⁶

Quando se trata da imprensa, é importante deixarmos claro que as narrativas e discursos por ela construídos, compõem apenas uma representação da realidade por ela

42 ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000. p.07.

43 CAPELATO, Maria Helena Rolim. Mídia e Populismo/ Populismo e Mídia. In: *Revista Contracampo*, v.28, n.3, ed. dez-mar, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. p. 55.

44 CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A Imprensa na História do Brasil*. São Paulo: Contexto. EDUSP, 1988. p.13.

45 Ibid. p.13.

46 ROSSI, op. cit., p.08.

retratada. Segundo Selva Guimarães, “quando o acontecimento é registrado, o ‘real’ transforma-se em representação.”⁴⁷ Ou seja, o jornal é apenas uma representação da realidade ou do fato, e não o fato em si. Representação essa que é quase sempre vendida como o real, símbolo de uma “verdade absoluta”.

Derocina Sosa explica que o jornalismo, “ao selecionar e transmitir a notícia, procede a uma manipulação do conhecimento apreendido pelo público leitor. Os discursos construídos pela imprensa criam e recriam o real, ou, como no dizer de Foucault, ‘o discurso constrói o real’.”⁴⁸ Evidenciando assim o poder da imprensa na sociedade contemporânea, a autora afirma também, que a imprensa escrita vem desempenhando ao longo da História do Brasil, o papel de “espaço privilegiado de exercício da política, como exposição de ideias ou ainda da política partidária, responsável pela construção de discursos.”⁴⁹ A autora complementa discorrendo que,

A imprensa escrita atua, desse modo, em um cenário com o qual interage o discurso; fazendo parte de sua atividade e enquanto órgão de informação e de formação, é capaz de manipular a opinião pública, colocando-a ao lado de um ou de outro discurso. Ela é um órgão político, que representa os anseios da sociedade e ao mesmo tempo é responsável pela mudança de comportamento dessa mesma sociedade.⁵⁰

Ou seja, a imprensa tem poder de exercer uma forte influência sobre a opinião pública, sendo capaz de alterar os rumos políticos e comportamentais de uma sociedade. E isso faz dela o que muitos chamam de o “Quarto Poder” da República.

Segundo Marcos Alexandre e Renata Fernandes,

A partir do momento que a imprensa passou a seguir o dinheiro e não a ética, sua vigilância ficou totalmente comprometida com o poder ou com os interesses empresariais. Apesar disso, não deixou de adotar o papel, que teoricamente pertence ao poder Judiciário, de tribunal, onde ela julga, acusa, condena e absolve. Nesse sentido a imprensa desenvolve o poder de alterar a realidade, pois, através das normas e valor jornalístico, consegue elaborar várias opiniões sobre homens e fatos.⁵¹

Nessa batalha por “conquistar os corações e mentes” os jornais têm como meta “sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios

47 SELVA, Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 13.ed. Campinas: Papirus, 2012. p.334.

48 SOSA, Derocina Alves Campos. *Imprensa e História. Biblos*, Rio Grande, 19: 109-125, 2006. p.118.

49 Ibid. p.113.

50 Ibid. p.118.

51 ALEXANDRE, Marcos; FERNANDES, Renata. O Poder da Mídia. *Comum*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 26, Jan./Jun. 2006. p.145.

utilizados para esse fim são múltiplos.”⁵² Os interesses políticos e de lucro se entrelaçam e cada veículo de comunicação enfrenta a concorrência com a arma que tem. Há um conflito ou convergência entre os interesses do dono do jornal, dos funcionários envolvidos na produção do periódico e o seu público consumidor da notícia.

Na luta pelo convencimento da opinião pública, o jornal precisa estar atento para a parte visual do seu produto. “Para aumentar a venda de um produto, não apenas o conteúdo mas também a embalagem tem que ser atraente.” Por isso, “na primeira página concentram-se todos os recursos persuasivos de propaganda da mercadoria.”⁵³

É importante deixar claro que a imprensa se tornou uma empresa jornalística e como tal, “coloca no mercado um produto específico: a mercadoria política. Nesse tipo de negócio há dois aspectos a se levar em conta – o público e o privado (o público relaciona-se ao aspecto político; o privado, ao empresarial).”⁵⁴

A informação é um direito público, mas o jornalismo é, geralmente, uma atividade exercida pelo setor privado.

Os empresários-jornalistas atuam na esfera privada, orientados pela lógica do lucro. Enfrentam os concorrentes com todas as armas de que dispõem: notícias, opiniões e atrativos diversos para atender a todos os gostos. No entanto, a imprensa tem outra face: é veiculadora de informações, direito público, e nesse papel norteia-se pelo princípio de publicidade, colocando-se como intermediária entre os cidadãos e o governo.⁵⁵

É nesse ponto que os interesses do jornal não necessariamente são os mesmos interesses do público, como muitos querem fazer crer. “Ocorre que nesse mundo desigual a informação, direito de todos, transforma-se numa arma de poder manipulada pelos poderosos.”⁵⁶ Nesse momento, os interesses privados das mídias são alçados ao público como se fossem interesse de todos. “Como instituição pública e, neste caso, seu compromisso está relacionado com a ‘opinião pública’, cabendo a elas o papel de expressá-la e formá-la; mas também se constitui como empresas privadas que produzem uma mercadoria voltada para o lucro.”⁵⁷

A partir da segunda metade do século XX, no Brasil, os jornais começaram a utilizar novas estratégias de convencimento da opinião pública. Dentre essas estratégias estava aquela

52 CAPELATO, op. cit., 1988. p.15.

53 Ibid., p.17.

54 Ibid., p.18.

55 Ibid., p.18.

56 Ibid., p.18.

57 CAPELATO, op. cit., 2013. p. 55.

que visava veicular em suas páginas o pensamento dominante no veículo de comunicação de maneira escamoteada. “Essa linha política que não criticava às claras foi substituída por um tipo de imparcialidade que criticava sim, mas nas entrelinhas.” Assim, “o poder passou a ser sutil, ou seja, imperceptível. Como explica Pierre Bourdieu, o poder explícito passou a ser simbólico fantasiado de imparcialidade e objetividade.”⁵⁸

Diante dessas afirmações, podemos dizer que a imprensa exerce um relevante poder sobre o grande público, através de seus discursos, opiniões e fatos, baseados na rede de interesses em que está inserida, seja este o interesse de classe ou o interesse do capital que financia o jornal, interferindo na suposta “liberdade de imprensa” e massificando cada vez mais o pensamento elitista na sociedade contemporânea. Corroborando com essa afirmação, Maria Nascimento e Claudia Zanlorenzi explicam que “a liberdade de imprensa, na sociedade capitalista, é condicionada pelo capital, dependente cada vez mais das agências de publicidade, ocorrendo de forma oculta a ideologia do Estado burguês.”⁵⁹

Marx e Engels ao elaborarem a tese que se constituiria no Materialismo Histórico, mostram como as classes subalternas são influenciadas pelo discurso das classes dominantes. Para eles, “as ideias dominantes, são, pois, nada mais que a expressão ideal das relações materiais dominantes.”⁶⁰ A partir dessa afirmação, podemos entender que a ideologia serve para manter a estrutura social de uma determinada época, sem que haja grandes modificações, fazendo com que o antagonismo de classe não seja questionado pela classe oprimida. Diante disso, vale lembrar que para Marx e Engels, a classe dominante só exerce esse poder porque também detém os meios de produção materiais da sociedade em que está inserida.⁶¹ Nesse sentido, podemos afirmar que os jornais impressos são ferramentas importantes para a manutenção da condição social e propagação das ideias dos grupos dominantes de uma determinada sociedade.

Corroborando com as afirmações de Marx e Engels, Marilena Chauí argumenta que,

A ideologia consiste precisamente na transformação das ideias da classe dominante em ideias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das ideias).⁶²

58 ALEXANDRE; FERNANDES, op. cit., p.149.

59 NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. Estado, Imprensa e Ideologia. *Revista de Educação*, Cascavel, jan./jun. 2009. f.165.

60 MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008, p.78.

61 Ibid., p.78.

62 CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. p.88.

Seguindo essa linha de raciocínio, Marilena Chauí explica que “a ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados.”⁶³ Desse modo, é necessário que a classe dominada absorva o discurso dominante sem perceber os reais interesses que estão ocultos nesse discurso, permitindo desta forma, o controle ideológico da classe dominante.

Assim, a imprensa, sendo influenciada pelo capital e inserida num mundo em que a ideologia neoliberal avança cada vez mais rápido, no qual os interesses da classe que detêm o poder econômico não são os mesmos das massas populares da sociedade, permite levantar-se dúvidas sobre o que é “verdade” no discurso jornalístico. Talvez isso explique o ceticismo de parte da população em relação a grande mídia nos últimos anos.

1.3 – A *Folha do Subúrbio*

Idealizado pela mente do seu criador, Eduardo Cavalcante Silva, nasceu em 21 de março de 1936 no bairro do Lobato, em Salvador, o jornal *Folha do Subúrbio*.⁶⁴

Eduardo Cavalcante Silva nasceu na cidade de Senhor do Bonfim, Bahia, em 13 de outubro de 1915 e se tornou jornalista formado pelo curso de capacitação jornalística do Instituto de Jornalismo da Bahia e exerceu também as atividades de desenhista, historiador e poeta. Escreveu vários livros de poesia, entre eles estão *Pétalas*, publicado em 1952 e *Folhas no Caminho* em 1961, que revelam sua erudição e sensibilidade com as palavras. Em 1972, em homenagem ao sesquicentenário da Independência do Brasil, escreveu sua primeira obra de cunho histórico intitulada *Abrantes: Berço da Civilização Brasileira*, em que narra a história da Bahia pela perspectiva do povoado de Abrantes, que mais tarde se tornaria a cidade petroquímica de Camaçari.

Neste polêmico e curioso livro, dentre outras coisas, o autor defende a ideia de que Diogo Álvares Caramuru teria naufragado e sido descoberto pela índia Moêma entre as pedras da praia de Arembepe e não na de Itapuã,⁶⁵ local que os historiadores baianos costumam geralmente apontar como o que ocorreu o naufrágio de Caramuru.

63 Ibid., p.82.

64 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 02 mar. 1948. n. 182.

65 SILVA, Eduardo Cavalcante. *Abrantes, Berço da Civilização Brasileira*. 2. ed. Camaçari: Folha do Subúrbio, 1972. p.08.

Em 1937, Eduardo Cavalcante Silva transferiu a sede do jornal para o arraial de Parafuso, localizado no município de Camaçari, dando início a uma história de mais de 70 anos da *Folha do Subúrbio*, encerrada assim, como a vida de seu criador, em 2008, último ano da versão impressa do jornal, tendo a partir desta data, uma versão digital comandada por seu filho, Marcio Eduardo de Matos Silva.

Nos primeiros anos de publicação, o jornal era impresso em formato de tabloide e publicava todos os meses em suas páginas um conteúdo de caráter informativo, autodenominado “independente” e de cunho social, atento aos problemas políticos de Camaçari, da Bahia, do Brasil e do mundo. Nas páginas do jornal, muitas matérias estampavam desenhos, mapas e caricaturas feitas pelo próprio editor e dono do periódico.

Na década de 1960 – período estudado nesta pesquisa – o jornal tinha uma estrutura física composta por dez a doze páginas em cada edição e trazia em suas capas, geralmente, editoriais que tratavam de temas diversos, mas principalmente, notícias políticas de cunho nacional e internacional. Na parte superior direita da primeira página estava o título do jornal, grafado ainda com o acento circunflexo no “o” de “Folha” e sem o acento agudo em “Subúrbio”. No cabeçalho deixava claro que a “Direção e Propriedade” era de Eduardo Cavalcante Silva, além de informar que as notícias nacionais e estrangeiras eram enviadas por agências especializadas espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, demonstrando que não se limitava às questões locais e regionais. Além disso, constavam também no cabeçalho a data de publicação, o ano de existência e o número da edição.

O jornal tinha como anunciantes, parceiros de Camaçari e Região Metropolitana, como escritórios de advocacia, consultórios médicos, farmácias, cerâmicas, dentre outros, além de algumas marcas de caráter regional ou nacional que em algumas edições eram anunciadas, a exemplo do *Banco Mercantil do Nordeste*, *Biotônico Fontoura* e *Banco Itaú*; possivelmente acordos publicitários definidos a partir de representantes locais destas marcas.

A *Folha do Subúrbio* não era um jornal volumoso e dividido em cadernos, no entanto, continha algumas seções tratando de temas diversos em suas páginas, dentre elas a *Folha Social* que anunciava os aniversariantes, os casamentos e as notas fúnebres do mês; a *Poesias*, que apresentava poesias de diversos autores, inclusive as produzidas pelo dono do jornal, Eduardo Cavalcante Silva; a *Fatos da História*, que tratava de assuntos históricos; a *Você Sabia?*, que trazia curiosidades sobre a humanidade e, *Ivansinho*, *O Terrível: sua vida atrás da Cortina de Ferro*, que mostrava charges criticando o regime soviético.

Durante várias décadas o jornal se consolidou como a fonte informativa local mais importante da cidade, mantendo a população de Camaçari atenta aos assuntos políticos e sociais que se discutiam na imprensa nacional. Assim a população poderia se informar sobre momentos importantes do Brasil e do mundo. A Segunda Guerra Mundial, a deposição e a morte de Getúlio Vargas e a guerra do Vietnã, foram alguns dos inúmeros fatos históricos noticiados pelas páginas deste pequeno jornal local.

Da sua criação até o início da década de 1960, o jornal se manteve em vários momentos, alinhado com os discursos políticos das forças políticas dominantes no país.

Além de defender publicamente a postura nacionalista de Getúlio Vargas, em 01 de fevereiro de 1941, o jornal, na sua edição nº 31, publicou em primeira página, o ofício enviado pelo então, Diretor-Geral do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), o Sr. Lourival Fontes, autorizando o jornal a exercer suas atividades jornalísticas normalmente,⁶⁶ que demonstrava a sincronia ideológica entre o governo e o jornal ou pelo menos, o seu orgulho pela liberação da autorização para veiculação do periódico pelo Estado Novo.

Com a redemocratização em 1946, o jornal explicita pleno apoio aos governos de Gaspar Dutra, Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Nas eleições de 1961, o jornal publicou um manifesto declarando apoio à candidatura do Marechal Henrique Teixeira Lott.⁶⁷ No entanto, com a vitória de Jânio Quadros, as reportagens e o editorial do jornal se inclinaram à favor do candidato vencedor, talvez como estratégia de sobrevivência diante do contexto político local e nacional.

Após a renúncia de Jânio em 25 de agosto e a chegada ao poder de João Goulart, observa-se nas páginas do periódico um ataque sistemático ao governo por estar supostamente inclinado a apoiar movimentos de esquerda.

Na edição de fevereiro de 1963, o jornal publicou um artigo de Paulo J. Guimarães; possivelmente um correspondente do Sul do Brasil – o jornal publicava regularmente colunas e matérias advindas de agências de notícias sulistas – em que dizia que as crises sociais e econômicas no país afloravam os movimentos de esquerda e, que isso era resultado de “um governo à matroca, desprogramado, acometido de sínopes aflitivas, com um orçamento arrasado por vultosíssima clientela eleitoral,”⁶⁸ evidenciando, sua condenação aos

66 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 01 fev. 1941. n. 30.

67 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 31 ago. 1960. n. 424.

68 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 20 fev. 1963. n. 465.

movimentos de esquerda e ao governo de João Goulart, assim como também, deixando claro o discurso da classe social a qual ele estava alinhado.

Luís Henrique Dias Tavares afirma que, neste momento da nossa história, a oposição a João Goulart tinha,

Total apoio do empresariado do alto comércio, da indústria e dos bancos nacionais e estrangeiros. O seu objetivo era derrubar o governo de Goulart, ao qual os setores mais conservadores do país acusavam de abrir vias de acesso ao poder para o “comunismo” com o programa de reformas de base.⁶⁹

Observando os editoriais do jornal e a importância que o mesmo dava a determinadas notícias, percebemos consonância com o posicionamento político e econômico dos grupos que viam na figura do Presidente João Goulart um perigo à segurança nacional e aos seus interesses de classe.

Em 31 de março de 1964, alianças articuladas pelo então chefe do Estado-Maior do Exército, general Humberto de Alencar Castelo Branco, deflagram um golpe contra o governo vigente, contra o país e contra a democracia nacional, instaurando assim, uma ditadura que durou 21 longos anos. Todavia, a ditadura instaurada, foi exposta nas páginas da *Folha do Subúrbio* como sendo “A Revolução de 1964”.

1.3.1 – Um jornal alinhado aos militares

Em 31 de março de 1964, inicia-se no Brasil um dos momentos mais controversos de sua história. As Forças Armadas brasileira, auxiliadas por setores empresariais, religiosos e parte considerável da imprensa nacional, depõem o então Presidente João Goulart, que havia assumido o cargo após a renúncia de Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961.

Vários setores da sociedade brasileira que apoiaram o Golpe acreditavam que ele serviria como uma pequena intervenção militar que tinha como objetivo colocar o país novamente rumo ao desenvolvimento econômico, afastando-o do risco de uma Revolução Comunista.⁷⁰ Políticos como Juscelino Kubitschek e Carlos Lacerda acreditavam que a intervenção serviria para afastar João Goulart das eleições presidenciais de 1965 (o Presidente

69 TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 11. ed. São Paulo: Ed. da UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008. p.476.

70 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. p.335-337.

tinha um grande apoio político entre as classes populares), aumentando suas chances no pleito eleitoral.⁷¹

Em seu livro, *O Golpe de 1964: momentos decisivos*, o historiador Carlos Fico explica que,

Segundo o Ibope (que foi criado em 1942), às vésperas do golpe, Goulart tinha razoável apoio popular. O instituto doou acervo da época à Unicamp e o historiador Luiz Antonio Dias tem trabalhado o material. Segundo ele, as chances de vitória de Goulart seriam grandes no caso de o Presidente disputar a reeleição em 1965. Contava com mais da metade das intenções de voto na maioria das capitais pesquisadas, perdendo para Juscelino Kubitschek apenas em Belo Horizonte e Fortaleza.⁷²

Em outro momento o pesquisador afirma que “alguns analistas importantes veem uma continuidade quase natural entre a campanha de desestabilização e a conspiração pela derrubada de Goulart” e, que para eles, “o golpe de 1964 decorreu da falta de votos das forças políticas contrárias a Goulart. Assim, o golpe seria o único caminho viável para a conquista do poder.”⁷³

João Goulart, desde 1963, enfrentara enorme resistência de parte da grande mídia brasileira, devido principalmente, a sua postura populista ao lidar com a classe trabalhadora. *O modus operandi* do Presidente, ao mesmo tempo em que aumentava sua popularidade junto à classe trabalhadora e setores vulneráveis, afastava setores médios urbanos e empresariais do diálogo político.

É bem verdade que João Goulart já não era bem-visto por alguns setores da sociedade desde sua posse em 1961, por causa do seu passado varguista. Vale lembrar que as Forças Armadas naquele momento intervieram diretamente na posse de Goulart, o impedindo de assumir o poder com a autoridade presidencial plena. Os militares articularam a criação de um parlamentarismo tupiniquim que diminuísse o poder do Presidente da República.

Os comandantes das forças Armadas (que na época tinham o *status* de ministro) logo declararam que não aceitariam o retorno de Goulart ao Brasil para ser empossado como o novo Presidente da República. (...) Três dias após a renúncia de Jânio, Ranieri Mazzilli acedeu em enviar uma mensagem ao presidente do Congresso dizendo que os ministros da Guerra (assim era designado o futuro Ministério do Exército), (...) “na qualidade de chefes das Forças Armadas, responsáveis pela ordem interna, [l]he manifestaram a absoluta inconveniência, por motivos de segurança nacional, do regresso ao país do vice-presidente João Belchior Marques Goulart”.

Não satisfeitos em usar Mazzilli como garoto de recados, os ministros decidiram lançar, dois dias depois, um manifesto à nação contra a posse de Jango. Eles repetiram que o retorno de Goulart ao país era uma “absoluta inconveniência”.

71 FICO, Carlos. *O Golpe de 1964: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p.08-09.

72 Ibid., p.08.

73 Ibid., p.31.

Insinuaram que Jango, quando fora ministro do Trabalho de Getúlio Vargas (1953-54), mostrara “suas tendências ideológicas incentivando e mesmo promovendo agitações sucessivas e frequentes nos meios sindicais, com objetivos evidentemente políticos e em prejuízo mesmo dos reais interesses de nossas classes trabalhadoras”.⁷⁴

Alguns jornais se colocaram contra a posse de João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros e dentre eles estavam *O Estado de São Paulo* e *O Globo*.⁷⁵ E diante de tal celeuma, a solução encontrada foi a adoção do sistema parlamentarista, que limitava “os poderes do presidente da república”.⁷⁶ E em 07 de setembro de 1961, na data comemorativa da Independência do Brasil, João Goulart assumiu a presidência com poderes reduzidos diante da implementação da nova forma de governo.

A situação de Goulart na presidência nunca foi confortável junto às elites nacionais, no entanto, degingolou de vez a partir do Comício da Central que ocorreu no dia 13 de março de 1964. Nesse comício o Presidente levou a proposta das Reformas de Base, “a fim de pressionar o Congresso Nacional”.⁷⁷ As Reformas foram vistas pelas elites e setores médios como uma ameaça e naquela noite, Brizola subira no palanque e fez um discurso radical que atacava o Congresso e propunha uma Constituinte, sem a participação dos grupos econômicos e da imprensa.⁷⁸

Carlos Fico afirma que,

Os conspiradores não se detiveram em minúcias. Não procuraram distinguir as ponderações de Jango dos ataques de Brizola. Viram, apenas, a presença das massas clamando por reformas, agitando bandeiras comunistas com foice e o martelo (que, diga-se, nem eram tão numerosas assim). Enfim, encontraram o pretexto que buscavam pra a deposição de Goulart.⁷⁹

Se o Presidente já não tinha apoio de parte considerável da grande imprensa nacional, depois do Comício da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, a sua relação com a imprensa ficou ainda mais delicada, abrindo espaço para o Golpe Civil Militar em 31 de março de 1964.

Na edição de 30 de abril de 1964, o jornal camaçariense, *Folha do Subúrbio*, publicou como matéria principal de capa, a chegada do Marechal Castelo Branco à presidência, expondo a sua aversão ao comunismo e evidenciando o seu apoio ao golpe deflagrado:

74 Ibid., p.17.

75 Ibid., p.20.

76 Ibid., p.21.

77 Ibid., p.44.

78 Ibid., p.45.

79 Ibid., p.48.

O Estado de Revolução entra em recesso, para instalar-se a normalidade democrática. Realiza-se o ideal da Nação brasileira, que via, aterrorizada, a marcha ascensional do comunismo, bafejado pelos próprios governantes federais, que traíam os mandatos que tinham sido conferidos.⁸⁰

A propaganda anticomunista fica evidente em várias edições do jornal, durante toda a década de 1960, alardeando para a população de Camaçari o “perigo” do comunismo para a sociedade brasileira. Esse discurso anticomunista e de apoio ao governo, mostra em grande medida, o alinhamento ideológico do jornal com os militares que assumiram o poder no Brasil. Segundo Carlos Fico,

(...) milhares de veículos, por todo Brasil, assumiram posturas pragmáticas ou de apoio ostensivo ao regime, o que tem sido por vezes chamado, de ‘autocensura’, expressão que não revela todos matizes do problema. Afinal, ‘autocensura’ denota um comportamento de colaboracionismo, algo distinto dos processos pragmáticos dos que pretendiam ‘evitar problemas’ ou dos que seguiam as ordens por receios diversos.⁸¹

No caso da *Folha do Subúrbio*, não parece que sua identificação com o regime estivesse relacionada a uma simples postura pragmática de sobrevivência, pois o seu apoio à deposição de João Goulart e a chegada ao poder pelos militares sempre foi muito evidente em suas páginas, assim como também, a manutenção do seu alinhamento ideológico com o regime ao longo de toda a década de 1960. O anticomunismo era o que unia diversos grupos da imprensa tanto no combate ao governo de João Goulart quanto no apoio aos militares.

Flávio Aguiar explica que a maior parte da grande imprensa estava alinhada com o discurso dos militares mesmo antes do golpe de 1964. Para Aguiar,

Deve-se assinalar que como quase toda a imprensa apoiou o golpe de 1964, com alguns dos jornais e seus proprietários participando ativamente da conspiração para derrubar João Goulart, houve um momento em que os próprios jornais, rádios e televisões praticavam uma espécie de autocensura, procurando construir versões das informações favoráveis ao regime autoritário, seguidamente apontado com “salvador da democracia” contra o perigo comunista.⁸²

Percebe-se, que o discurso de parte da imprensa nacional estava alinhado com os interesses da burguesia brasileira, que via no comunismo a ameaça da perda das benesses oferecidas pela sociedade capitalista.

80 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 abr. 1964.n. 481.

81 FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). *O Brasil Republicano: O tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.189.

82 AGUIAR, Flávio. Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Tempo. In: MARTINS, Ana Luzia; DE LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p.238.

Beatriz Kushnir expõe outro lado desse prisma, esclarecendo que muitos jornais foram perseguidos durante o regime militar. Segundo ela, “muitos dos que ‘combateram’ as práticas do Estado pós-1964 e pós-AI-5 ficaram desempregados, foram encarcerados e perseguidos.” Além disso, “muitos jornalistas igualmente desempenhavam uma militância de esquerda – de simpatizantes a engajados – e padeceram (muitas vezes com marcas na própria pele) por tais atitudes.”⁸³

A partir dessas afirmações, percebemos que os veículos de imprensa que se mantiveram contra os militares, foram sistematicamente perseguidos e muito provavelmente, alguns jornais foram obrigados a ficar do lado do regime ou pelo menos, a não revelar ou demonstrar oposição devido às circunstâncias que estavam submetidos. Entretanto, é possível que este não tenha sido o motivo do alinhamento da *Folha do Subúrbio* com o regime vigente, pois desde o período do Estado Novo, as páginas do jornal já propagavam suas ideias de aversão ao comunismo e de incentivador de discursos conservadores. Para o editor e proprietário do jornal, o golpe deflagrado em 31 de março de 1964, foi de fato, uma “revolução”, que serviu para afastar o perigo comunista que rondava o Brasil e os governantes em Brasília.

Em primeiro lugar, é praticamente unânime entre os cientistas sociais que o termo “revolução”, significa o processo de mudanças estruturais de uma determinada sociedade.⁸⁴ Processo tal, que não ocorreu após o golpe deflagrado pelos militares apoiados por setores da sociedade civil em 1964. Durante todo o período militar as estruturas socioeconômicas do país se mantiveram sem grandes alterações, permitindo a manutenção de agudos problemas sociais e de distribuição de renda que evidenciavam a absurda desigualdade econômica vigente no Brasil.

Depois, é difícil pensar no Presidente João Goulart como um revolucionário comunista, que estava disposto a implementar uma ditadura do proletariado no Brasil durante o seu governo. João Goulart era advogado, filho de um grande latifundiário do Rio Grande do Sul e que tinha um diálogo político com os movimentos sociais ligados aos trabalhadores urbanos, pois havia sido Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, nos anos de 1953 e 1954 e era líder do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Sobre essa questão Carlos Fico diz que,

83 KUSHNIR Beatriz, *Cães de Guarda: Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2012. p.27.

84 SILVA, K; SILVA, M. op. cit., p. 362.

Jango estava longe de ser comunista. Era fazendeiro, dono de boa quantidade de terras do Rio Grande do Sul. Mas também era um político popular, sobretudo desde que aumentara em 100% o salário mínimo, em 1954, enquanto estivera no Ministério do Trabalho, aspecto que os ministros militares não mencionaram diretamente, mas que se pode antever em seu manifesto.⁸⁵

Essas credenciais, de fato, não são as de um revolucionário comunista. Todavia, podemos afirmar que João Goulart era um reformista, e as medidas mais importantes anunciadas no seu plano de governo foram as famosas “Reformas de Base”, que visavam implementar a *reforma agrária*, que tinha por objetivo a criação de vários pequenos proprietários de terra; a *reforma bancária*, que tinha como intuito, fomentar projetos nacionais; a *reforma tributária*, que tinha como objetivo, dentre outras coisas, a criação do imposto de renda progressivo e a *reforma do estatuto do capital estrangeiro*, que objetivava a regulamentação dos investimentos de capital estrangeiro e as remessas de lucros para o exterior além da *reforma universitária*.⁸⁶ Nada de revolução comunista, mas sim, reformas importantes que tinham como objetivo amenizar graves distorções sociais; algumas delas ainda existentes em nosso país.

Na matéria de capa do dia 30 de abril de 1964, a *Folha do Subúrbio*, tece grandes elogios à figura do General Humberto Castelo Branco, recém-empossado Presidente da República:

O homem que assume a presidência, hoje, é uma figura adequada ao momento crítico por que passa a Nação. Se o Marechal Dutra foi o homem capaz de restaurar a democracia, depois de longo período ditatorial, em 1946, é de lembrar-se o quanto com ele parece o General Castelo Branco. Cidadão austero, digno, simples, patriota. [...] Deste homem, assim competente e assim digno, espera muito a Nação brasileira. Em suas mãos está não só o restabelecimento da autoridade aos cargos públicos, como o império do equilíbrio no exercício do poder, o rumo do país pelo seu desenvolvimento econômico e tranquilidade social, que se vinha perdendo...⁸⁷

Nesta matéria de capa, fica muito claro o apoio do jornal ao Presidente Castelo Branco, considerando-o como “cidadão austero, digno simples e patriota” e capaz de restabelecer a ordem no país.

Numa reportagem de capa, de abril de 1964, intitulada de *A Marcha da Família também nesta Cidade*, o articulista descreve a passeata que ocorreu em Camaçari, com o objetivo de comemorar a intervenção das Forças Armadas, em Brasília, no mês anterior.

No dia 19 último, Camaçari assistiu uma de suas maiores festas cívicas dos últimos tempos, quando quase toda a população foi às ruas, em homenagem às Forças

85 FICO, op. cit., p.18.

86 REIS, Daniel Arão. *Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2000. p. 24.

87 FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 abr. 1964. n. 481.

Armadas Brasileiras, numa passeata vibrante embora debaixo de chuvas constantes. Pela manhã houve missa em ação de graças, na igreja matriz de São Tomaz de Cantuária, onde grande número de fiéis rendeu graças a Deus pela vitória que todo Brasil cristão festeja, contra o comunismo ateu e sanguinário. Cerca de mil pessoas de todos os credos e partidos, acompanharam os sentimentos da Nação Brasileira nesta hora quando a pátria se liberta das garras da hidra vermelha que ameaça o mundo.⁸⁸

O texto exalta de maneira ufanista a participação das Forças Armadas do Brasil, no que chamaram de “Revolução”, evidenciando muito fortemente um anticomunismo atrelado a um sentimento supostamente cristão que buscava abater o inimigo pagão imaginário e satisfazer as certezas conspiratórias mais extremistas. O tom anticomunista amalgamado com o religioso já não era novidade na imprensa baiana naquele momento.⁸⁹

Em 19 de março de 1964, estourou no Brasil, uma série de manifestações em resposta ao discurso emitido pelo então Presidente João Goulart, feito no comício realizado por ele no dia 13 de março, em que informava à população, dentre outras coisas, a estatização de cinco refinarias que operavam no Brasil, a desapropriação de terras numa faixa de dez quilômetros da margem de rodovias, ferrovias e barragens, além de prometer realizar as chamadas Reformas de Base.

Em Camaçari, a marcha só aconteceu no dia 19 de abril, em comemoração ao golpe deflagrado no dia 31 de março. Em Salvador, quatro dias antes, a manifestação ocorreu sob participação de Hildeth Lomanto, esposa do governador Lomanto Júnior, que em seu discurso lera uma mensagem do marido, que apoiava a marcha e exaltava valores familiares e cristãos.⁹⁰ O evento aconteceu na capital baiana sob grande apelo midiático. Renato Simões, proprietário do jornal *A Tarde*, publicou um texto de sua autoria nas páginas do periódico agradecendo e celebrando “a derrubada do governo João Goulart através da participação na ‘Marcha da Família com Deus pela Democracia’ que seria realizada na quarta-feira de 15 de abril daquele ano”.⁹¹

Na futura cidade petroquímica da Bahia, dentre os participantes da “Marcha da Família com Deus Pela Democracia” estava o dono e editor do jornal *Folha do Subúrbio*, Eduardo Cavalcante.⁹² Segundo a reportagem publicada no periódico, havia cerca de mil

88 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 abr. 1964. n. 481.

89 LIMA, Thiago Machado de. *Pelas ruas da cidade: o golpe de 1964 e o cotidiano de Salvador*. Curitiba: CRV, 2018. p.71.

90 *Ibid.*, p.76-77.

91 *Ibid.*, p.71.

92 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 abr. 1964. n. 481.

pessoas na passeata, motivada em grande medida, pelo ódio ao comunismo; apelo comum nas variadas “Marchas” que aconteceram no país, que viabilizava a união de setores da elite econômica e da classe média, amedrontados pela suposta ameaça de uma revolução comunista que desapropriaria suas riquezas e as distribuiria de maneira igualitária à população.

Na mesma edição de abril de 1964 o jornal publicou uma coluna assinada por Benedito A. Anunciação com o título “*Com Deus pela Democracia*”, em que celebrava a marcha ocorrida na cidade. Segundo o colunista, o movimento teve como objetivo “homenagear as forças armadas, que conseguiram, sem derramar sangue, dominar os comunistas que implementavam o terror vermelho em nossa pátria.” Para ele, essa comemoração “foi a maior festa cívica de todos os tempos” que teria ocorrido na cidade, percorrendo “os bairros principais, conduzindo a bandeira brasileira.”⁹³

A reportagem de capa revela que entre os vários oradores, teria se destacado,

(...) Pela sua veemência e verdadeiro sentimento cívico o nosso companheiro jornalista Eduardo Cavalcante Silva, homem que jamais cedeu aos vermelhos um só minuto das suas convicções, seja nas lutas locais, ou através das colunas deste jornal que tem sido a sua tribuna e a sua trincheira, nos seus 28 anos de jornalismo.⁹⁴

Percebemos, na retórica do jornal, a tentativa de alinhar o seu discurso político e ideológico ao discurso religioso, católico/cristão das massas. Relacionar os regimes comunistas diretamente ao ateísmo era uma estratégia inteligente para se obter o apoio de um país majoritariamente cristão. Para o periódico, havia a necessidade do povo se unir contra a ameaça do “comunismo ateu e sanguinário”. Nesse contexto, portanto, os militares seriam os salvadores que livraram o país de um mal que se alastrava. Para além dessa questão, é perceptível o apoio do editor e dono do jornal *Folha do Subúrbio*, às manifestações favoráveis ao golpe do dia 31 de março, bem como o uso do veículo de comunicação para promoção do seu proprietário e de suas ideias.

No ano seguinte, a edição do mês de abril, publicou um editorial intitulado “Maculando a Revolução”, no qual criticava a administração municipal por ter aumentado o imposto de *Transmissão Intervivus* e o *Imposto Territorial Urbano*. Para o editor do jornal a decisão municipal era uma afronta à “Revolução” de 31 de março uma vez que “feriram eles, os pontos mais visados pela Revolução, que são terra e casa – as principais necessidades do

93 FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 abr. 1964. n. 481.

94 FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 abr. 1964. n. 481.

povo, e quando alguém reclama eles maldizem da atual situação nacional”.⁹⁵Nesse sentido, o jornal atuava como defensor do regime em Camaçari, denunciando eventuais “desvios” da suposta “Revolução” e atacando o poder municipal em nome do poder central. O início dessa matéria afirma o posicionamento do periódico diante do assunto:

Ninguém como nós, de Folha do Subúrbio, pode dar melhores e mais positivas e concretas provas de repúdio aos atos vermelhos dos últimos governos passados, pois o nosso jornal está aí, no seu arquivo, patenteando toda a nossa luta contra a influência totalitária derrubada pela Revolução de 31 de março!⁹⁶

O editorial citado acima evidencia claramente o posicionamento político da *Folha do Subúrbio*, ao evocar seu alinhamento ideológico com os militares, antes mesmo do golpe desferido ao Estado brasileiro em 1964. O veículo de comunicação apoiava explicitamente o regime que vigorava no país, sendo propagador do seu discurso e colaborador no que diz respeito às denúncias feitas ao governo municipal. Para o periódico, a intervenção militar de março de 1964, teria sido de fato, uma revolução deflagrada para livrar o país do espectro que rondava o Brasil, o espectro do comunismo.

1.3.2 – A propaganda anticomunista nas páginas do jornal

A propaganda anticomunista fica evidenciada em várias edições do periódico, durante a década de 1960. Alardeando para a população de Camaçari o “perigo” do comunismo para a sociedade brasileira, o jornal fazia sistemáticas críticas ao regime soviético, ao governo de Fidel Castro em Cuba e ao regime comunista da Alemanha Oriental.

Devemos lembrar que o mundo estava vivendo um conflito ideológico, talvez, sem precedentes na História humana. A Guerra Fria estava em seu auge, colocando em tensão política, militar, econômica e ideológica uma grande parcela do globo, diante do conflito “velado” entre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América (EUA).

Durante esse contexto de grande tensão internacional, a *Folha do Subúrbio* se posicionava abertamente favorável à política externa Norte-americana e contrária ao regime Soviético e aos agentes políticos e sociais ligados ao pensamento de esquerda baseado no comunismo e socialismo. Segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta, entre 1961 e 1964,

⁹⁵ FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 abr. 1965. n. 493.

⁹⁶ FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 abr. 1965. n. 493.

“o anticomunismo adquiriu uma importância preponderante, constituindo-se na fagulha principal a detonar o golpe militar de 31 de março.”⁹⁷

Na edição de 31 de agosto de 1964, o jornal publicou uma matéria intitulada, “*Os comunistas e a UNE*”, na qual acusava a União Nacional dos Estudantes – UNE, de ser infiltrada por comunistas soviéticos e de receber financiamento destes no período em que João Goulart ainda era Presidente. Para o articulista, a UNE teria sido usada para pregar a falência das nossas instituições democráticas argumentando que,

Em sua ânsia de conquistar mais um satélite, os membros da filial brasileira do PC internacional têm procurado intervir nas classes mais susceptíveis de organização – os operários e os estudantes. [...] Os países da “cortina de ferro” também contribuíam para a desmoralização de nossa juventude. [...] Os países sob a esfera moscovita ofereciam também bolsas de estudos a indivíduos escolhidos por sua ideologia. Regressando ao Brasil, estes bolsistas foram utilizados como agentes da poderosa máquina de subversão instalada no país pelos comunistas.⁹⁸

Vale ressaltar que os estudantes tiveram um papel fundamental no período de Goulart, e também por esse motivo muitos foram perseguidos pelo regime militar. A UNE havia sido invadida e incendiada pelos militares em 1º de abril, logo após o golpe, passando assim, alguns de seus membros a atuar na clandestinidade.⁹⁹ Vários movimentos sociais contrários ao regime militar ou alinhados ideologicamente aos movimentos comunistas espalhados pelo mundo, eram constante e sistematicamente atacados pelas páginas da *Folha do Subúrbio*.

Na edição nº 507 do jornal, de 30 de junho de 1966, foi publicada uma matéria com o título: “Abraçar o comunismo é abraçar o ateísmo.”¹⁰⁰ Declaração do arcebispo de Siena, D. Castellano, com o nítido objetivo de manter a população católica aliada à luta contra o comunismo no mundo. Interesse visível, tanto do arcebispo na Itália, quanto do jornal em Camaçari. Nessa declaração, o arcebispo afirma que, “quem abraçar o comunismo integralmente, abraça também o ateísmo”, e que o comunismo “funda-se numa concepção da sociedade humana diametralmente oposta à verdadeira doutrina católica.”¹⁰¹

É claro na retórica do jornal o interesse em utilizar a religião como “pano de fundo” para o seu discurso ideológico, contrário às forças de esquerda no Brasil e no mundo. Isso já estava evidente na *Marcha da Família com Deus Pela Liberdade*, citada no tópico anterior, em que o dono e editor do jornal, Eduardo Cavalcante, ajudou a mobilizar parte da população

97 MOTTA, op. cit., p.286.

98 FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 31 ago. 1964. n. 485.

99 FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2012. p. 258.

100 FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 jun. 1966. n. 507.

101 FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 jun. 1966. n. 507.

da cidade para comemorar a derrubada do governo de João Goulart e a instauração do que ele chamou de “Revolução Militar”.

O historiador Rodrigo Patto Sá Motta explica ainda que várias representações anticomunistas foram utilizadas durante esse período:

Em grande medida, as representações anticomunistas divulgadas significavam uma continuidade com a tradição iniciada logo após os eventos de 1917 e consolidadas na década de 1930. Assim, temas clássicos do repertório anticomunista foram recuperados, como as denúncias acerca dos sofrimentos no mundo comunista, a associação do comunismo à imagem do mal (demônio, doença, violência) e a práticas imorais.¹⁰²

Segundo o historiador, houve uma primeira “onda anticomunista” no Brasil que aconteceu na década de 1930. Nesse período, o cristianismo, principalmente, o católico, utilizava de representações comunistas bastante maniqueístas que atribuía ao catolicismo “o papel de principal força do ‘bem’ a opor-se ao comunismo ‘maléfico’.”¹⁰³ Portanto, nesse período, o comunismo era a representação do “mal”, a materialização das forças malignas e, que precisava ser combatido pela Igreja Católica. Porém, na década de 1960,

Observa-se uma mudança significativa: a ortodoxia católica foi substituída por uma espécie de ecumenismo anticomunista. Igrejas reformadas, judeus, espíritas e até umbandistas ocuparam lugar nas mobilizações do período (...) Além do mais, a postura fortalecia a imagem de que o repúdio ao comunismo era um sentimento universal e não atributo de um único grupo.¹⁰⁴

Na *Folha do Subúrbio*, por outro lado, percebemos a utilização majoritariamente, do discurso católico, como representação adotada no combate ao comunismo. Na edição de 30 de abril de 1965, o jornal publicou uma matéria com o discurso do cardeal Franz Koenig, arcebispo de Viena, questionando a falta de liberdade religiosa nos regimes comunistas. O que estava em jogo era o debate sobre as liberdades individuais, mas o arcebispo focalizava o discurso na questão religiosa:

(...) O que o comunismo entende por liberdade religiosa não se refere à religião verdadeira, mas sim a uma forma muito restrita de liberdade cultural. [...] Os fatos demonstram que nos últimos anos a liberdade no mundo comunista não aumentou, mas sim, em muitos casos, diminuiu. Na União Soviética tornou-se mais restrito o campo para a vida e obras religiosas.¹⁰⁵

102 MOTTA, op. cit., p.301.

103 Ibid., p.303.

104 Ibid., p.303-304.

105 FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 abril. 1965. n. 493.

A matéria de capa dessa edição do jornal trouxe também o pronunciamento do recém-empossado Arcebispo da arquidiocese de São Paulo, D. Agnello Rossi, em que adverte os fiéis para o perigo do comunismo:

Não nos iludamos com as promessas fascinantes porém enganosas dos comunistas, pois somente nos podem levar a um despótico capitalismo de Estado, sob o proletário sem Deus e sem liberdade. [...] o fenômeno mais grave do nosso tempo, máximo quando identificado com um regime econômico, social e político como é o caso do comunismo ateu.¹⁰⁶

Ao destacar esse pronunciamento como matéria de capa, o jornal deixa bastante explícito sua retórica religiosa diante do comunismo. Percebemos em vários momentos, o objetivo de utilizar o discurso do “ateísmo comunista” como ferramenta fundamental para convencer os leitores do jornal de que o comunismo era um perigo para as pessoas tementes a Deus e à Igreja.

Na dificuldade de elaborar argumentos políticos e econômicos plausíveis para o convencimento do leitor, o jornal lançou mão de uma arma ideológica ligada às crenças religiosas da população em geral, muito utilizada nesse período, pelas forças conservadoras e anticomunistas. Evidenciar nas páginas do jornal, um dos elementos essenciais do Materialismo Histórico foi, provavelmente, uma arma ideológica poderosa para convencer o fiel cristão do perigo do comunismo “ateu”.

1.3.3 – A Folha do Subúrbio no Contexto da Guerra Fria

Além de utilizar argumentos religiosos, o jornal utilizava também a geopolítica do período de Guerra Fria, para convencer os seus leitores da ameaça do comunismo no mundo. A *Folha do Subúrbio* se posicionava diretamente contrária à política externa dos países que se auto proclamavam socialistas ou comunistas colocando-se abertamente favorável às investidas militares dos Norte-Americanos em diversos lugares do mundo com o argumento da defesa a ameaça do comunismo.

Na década de 1960, houve um grande esforço do governo dos Estados Unidos para que os países latino-americanos ficassem alinhados político e economicamente com os interesses de Washington, num contexto de muita rivalidade que foi o período da Guerra Fria. A revolução Cubana de 1959 deixou o governo Norte-Americano bastante preocupado com a

106 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 abril. 1965. n. 493.

influência soviética na região e isso forneceu a justificativa de que o “Grande Irmão” intensificasse sua política intervencionista na América Latina. Segundo Carlos Fico, duas diretrizes se consolidaram nesse período:

Os Estados Unidos buscariam apoiar economicamente a América latina tendo em vista a diminuição da pobreza (vista como causa das aspirações socialistas) e a melhoria de sua imagem, mas não admitiriam a implementação de ‘outra Cuba’, mesmo que fosse preciso adotar ações unilaterais e invasões. O fortalecimento de governos militares na região também seria visto como admissível e desejável, tendo em vista o combate ao comunismo.¹⁰⁷

Entre os anos de 1961 e 1964, vários grupos nacionais patrocinaram uma enorme campanha contra o Presidente João Goulart, com auxílio do governo Norte-Americano, “envolvendo muito dinheiro e extensiva atividade de propaganda.”¹⁰⁸ O objetivo era desestabilizar o governo de Jango, com o intuito de impedir seu segundo mandato e qualquer influência soviética no país.

Analisando as páginas da *Folha do Subúrbio*, percebemos que o jornal estava alinhado ao discurso do governo *estadunidense* naquele contexto de Guerra Fria. Na edição de 31 de março de 1966, foi publicado um artigo em que cobrava da população brasileira um posicionamento político diante do conflito que ocorria no Vietnã, em que os Estados Unidos apoiavam o Vietnã do Sul, contra os comunistas do Vietnã do Norte. O artigo inicia deduzindo que as pessoas mais carentes da nossa sociedade não seriam capazes de se posicionar criticamente diante dos problemas geopolíticos do mundo:

Ninguém pode exigir do brasileiro mais modesto, sem pão que baste, escola para seus filhos e sem outra paisagem a não ser a oferecida pelos barracos e mocambos, que reflita um momento sobre problemas mundiais, levantando suas vistas para além das fronteiras do nosso país.¹⁰⁹

É notório o discurso paternalista que desqualifica a capacidade de reflexão das populações mais carentes. O fato das pessoas terem outras urgências em suas vidas cotidianas, não tira delas a capacidade de reflexão sobre a realidade vivida.

Não podemos nos esquecer, que o argumento de que o povo brasileiro não sabe votar foi utilizado para deposição do governo de João Goulart e instauração do Regime Militar em 1964. Vários setores da sociedade recorreram ao argumento de que a população brasileira não tinha maturidade suficiente para eleger os seus governantes, e por isso, o Exército deveria intervir para colocar o Brasil no que seria o rumo certo novamente.

107 FICO, op.cit., p.26.

108 Ibid., p.30-31.

109 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 31 maio. 1966. n. 506.

Mais adiante, o articulista do jornal faz uma reverência a cultura letrada e expõe o seu interesse referente ao que considerava a politização das massas:

É preciso que os brasileiros, pelo menos o que têm o hábito de correr os olhos, todos os dias, pelas manchetes dos jornais, acompanhem com mais interesse os acontecimentos que se desenrolam naquela região, pois não se trata apenas de uma batalha entre dois grupos ou dois países, mas sim de uma luta por bem muito maior, que não pertence nem aos soldados nem aos governos, pois é a própria luta pela liberdade.¹¹⁰

Para o articulista da matéria, os Estados Unidos estariam envolvidos na Guerra do Vietnã simplesmente por uma luta pela liberdade da população local. Assim, o governo Norte-Americano teria ido ao Vietnã proteger a população do Vietnã do Sul da ameaça dos comunistas do Norte. Percebemos que o discurso do articulista estava alinhado com o do governo *estadunindense*, pois era o mesmo utilizado por este, para justificar a sua participação na guerra.

O que estava em jogo, na verdade, era o controle geopolítico da região, num contexto em que o mundo estava bipolarizado entre EUA e URSS. Naquele momento, as duas grandes potências mediam forças ao apoiarem os seus aliados em conflitos locais, acirrando ainda mais a polarização do mundo entre capitalistas e comunistas.

No decorrer do artigo, há uma citação do Presidente americano, Lyndon Johnson, que tentava convencer a população americana e mundial dos seus interesses “altruístas” na guerra do Vietnã:

Nosso propósito é impedir o êxito da agressão. Não é a conquista, não é o império, não são as bases no estrangeiro, não é o domínio. É impedir a conquista, pela força, do Vietnã do Sul pelo Vietnã do Norte. Fazemos uso da força necessária e tão somente necessária para por termo à agressão.¹¹¹

Fica evidente que o discurso do jornal estava em sintonia com o do Presidente americano, tendo como objetivo convencer a população de que a investida *estadunidense* no Vietnã não tinha interesses imperialistas, e sim, humanitários. Estavam, segundo as palavras do Presidente, lutando pela liberdade do Vietnã do Sul, evitando assim, que o comunismo se ampliasse, garantindo posicionamento estratégico no tabuleiro geopolítico da região.

Diante disso, o jornal se posicionou claramente favorável ao discurso do Presidente Lyndon Johnson:

110 FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 31 maio. 1966. n. 506.

111 FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 31 maio. 1966. n. 506.

Ora, se o problema é a liberdade, não podemos permanecer alheios, como se nada tivéssemos com isso. Também os 200 mil soldados norte-americanos que lutam no Vietnã poderiam pensar assim, se eles próprios não soubessem, como disse Johnson, citando frase memorável do presidente Kennedy, que “pela sobrevivência e triunfo da liberdade, temos que pagar qualquer preço, suportar qualquer carga, sofrer quaisquer penalidades, correr em ajuda de qualquer amigo e opor-nos a qualquer inimigo”.¹¹²

As palavras reiteram o posicionamento da *Folha do Subúrbio* diante da política externa Norte-Americana contrária a ameaça da expansão comunista no Vietnã. Não podemos esquecer que a Guerra Fria estava intimamente ligada a esse fato, pois a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) apoiava o governo do Vietnã do Norte na luta contra o Vietnã do Sul e esse conflito demarcou posições simbólicas que foram muito além das questões locais.

Expondo a dicotomia do período e o seu posicionamento político e ideológico durante a Guerra Fria, a edição do mês de julho de 1966, informava aos leitores, através de uma matéria enviada de Bonn; capital da República Federal da Alemanha, sobre a ajuda financeira e hospitalar deste país ao Vietnã do Sul, em que consistia na construção e ampliação de centros de atendimento aos jovens e refugiados. Assim, segundo o jornal, a República Federal da Alemanha estaria fazendo uma ajuda humanitária, sem fins políticos:

A ajuda alemã ao povo do Vietnam do Sul foi apresentada dentro de um plano de sentido humanitário, sem considerações ao aspecto político da guerra que se desenvolve na região entre forças militares do ocidente contra a absorção do Vietnam pelo regime comunista do Norte.¹¹³

Ao analisarmos essa matéria de maneira descontextualizada, dificilmente veremos um posicionamento político e ideológico claro. Aparentemente, é apenas uma matéria informativa, com o objetivo de esclarecer o seu leitor sobre os acontecimentos da guerra do Vietnã e as doações humanitárias enviadas ao Vietnã do Sul. Todavia, não podemos deixar de esclarecer que a matéria foi enviada por uma agência de notícias, situada na capital da República Federal da Alemanha, controlada durante a Guerra Fria pelas forças capitalista liderada pelos Estados Unidos da América (EUA), em oposição à República Democrática Alemã, controlada pelas forças comunistas e liderada pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

112 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 31 maio. 1966. n. 506.

113 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 31 maio. 1966. n. 506.

Observamos que o discurso do jornal colocava os EUA e seus aliados sempre na posição de propagadores de ações humanitárias e altruístas. Em contrapartida, o bloco liderado pela União Soviética era sempre representado como aquele que os interesses políticos e econômicos movem suas ações ao redor do mundo. Esses discursos defendidos pela *Folha do Subúrbio* configuram retóricas argumentativas que justificavam as ações intervencionistas do governo Norte-Americano no contexto da Guerra Fria. É importante ressaltar que retóricas semelhantes foram utilizadas no século XXI para justificar as invasões *estadunidenses* no Afeganistão, em 2001 e no Iraque, em 2003.

É certo que apenas o fato da notícia ter sido enviada da cidade de Bonn, não deixa claro o posicionamento político do emitente, diante da dicotomia entre as duas Alemanhas, porém, outra matéria, também vinda de Bonn e publicada na mesma edição, lança luz sobre o tema. Intitulado “*13 anos sem Liberdade*”, o texto trata do marco temporal da revolta popular ocorrida na Alemanha Oriental, contra o regime comunista:

Por ocasião da passagem do 13º ano de efetiva ocupação soviética da zona oriental da Alemanha, todo o povo alemão e o mundo livre lastimou a continuação por tanto tempo de um “status quo” que desafia os homens em sua luta pela paz mundial. O grito de liberdade sufocado violentamente em 17 de junho de 1953 foi por todos lembrado. O Dia da Unidade Alemã como é chamado, fez presente ao mundo da era atômica que o muro, as cercas de arame farpado, os tiros nos que tentam a liberdade, a morte inútil de tantos alemães sufocados pelo regime comunista, a imagem de uma Berlim dividida em seu coração de metrópole moderna, tudo isso faz com que se renove as esperanças de uma solução. Solução que se impõe aos alemães, aos homens, ao mundo.¹¹⁴

Nessa matéria, fica evidente o posicionamento do jornal, diante do impasse político entre as duas Alemanhas para os quais, no dizer do responsável pela matéria, “todo o mundo livre” se colocava contrário ao domínio soviético na Alemanha Oriental. Vale ressaltar que, segundo a retórica do jornal, o referido “mundo livre”, dizia respeito aos países capitalistas liderados pelos EUA. Ao final, o texto encerra conclamando os alemães e o mundo a buscarem uma solução para o problema.

Ao analisar essas matérias, observamos o apoio aberto à política externa Norte-Americana e da Alemanha Ocidental, em contraponto às ações políticas da União Soviética e da Alemanha Oriental, considerados pelo jornal como países que cerceavam a liberdade, posicionando-se portanto, como inimigos do “mundo livre”.

114 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 31 maio. 1966. n. 506.

CAPÍTULO 2

A PESQUISA EM SALA DE AULA E A USO DE JORNAIS IMPRESSOS COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio educativo e a tenha como atitude cotidiana. Não é o caso fazer dele um pesquisador “profissional”, sobretudo na educação básica, já que não a cultiva em si, mas como instrumento principal do processo educativo. Não se busca um “profissional da pesquisa”, mas um profissional da educação pela pesquisa. Decorre, pois, a necessidade de mudar a definição do professor como perito em aula, já que a aula que apenas ensina a copiar é absoluta imperícia.¹¹⁵

Neste capítulo, discutiremos o papel do trabalho científico como metodologia pedagógica no Ensino Básico, entrelaçando com a argumentação sobre a importância do uso de jornais em sala de aula a partir dos métodos de investigação histórica para, com isso, evidenciar a necessidade de uma escola comprometida com a investigação científica no Ensino de História.

2.1 – A História como área do conhecimento científico

Um ponto importante que devemos sublinhar neste trabalho é o que versa sobre a pesquisa científica em sala de aula. Vale lembrar, mais uma vez, que não estamos concebendo a ciência no trabalho historiográfico aos moldes objetivistas do Iluminismo e sim pensando ela dentro das limitações, subjetividades e particularidades da ciência histórica.

Segundo Isaac Roitman, membro titular da Academia Brasileira de Ciências e Conselheiro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, “a ciência é o melhor caminho para se entender o mundo.” Para ele, “o conhecimento científico é o capital mais importante do mundo civilizado” e, “investir em sua busca é investir na qualidade de vida da sociedade.” Assim sendo, “o investimento na pesquisa científica tem como principal objetivo

115 DEMO, Pedro. *Educar pela Pesquisa*. 10.ed. Campinas: Autores Associados, 2015. p.02.

o conhecimento de tudo que nos cerca.”¹¹⁶

Alguns historiadores compreendem o conceito de ciência de uma maneira que não inserem a História como uma área do conhecimento humano que se utiliza de métodos científicos em sua construção do saber. Segundo Paul Veyne, “a história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências.”¹¹⁷ Porém, é possível ampliar o conceito de ciência, inserindo as mais variadas áreas do conhecimento humano dentro dele. Não à toa, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional trata a área do conhecimento na qual a História está inserida, como “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas”.¹¹⁸ Ou seja, com suas particularidades, a História é notoriamente reconhecida como uma das áreas de estudos das ciências humanas.

O documento da Unesco intitulado *Declaração Sobre a Ciência e o Uso do Conhecimento Científico*: versão adotada pela Conferência de Budapeste em 1º de julho de 1999, que postula sobre a educação no mundo, segue essa linha de pensamento, conclamando a união de nações e cientistas a usarem o conhecimento de todos os campos da ciência, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas. O documento deixa claro o papel das ciências humanas como área do conhecimento: “Buscamos uma colaboração ativa de todos os campos do empreendimento científico, isto é, das ciências naturais, tais como as ciências físicas, as geológicas e as biológicas, as biomédicas, as engenharias, e as sociais e humanas.”¹¹⁹ Ratificando a importância das ciências humanas e sociais para produção científica em geral.

Jörn Rüsen define ciência “como uma forma específica de conhecimento, que se distingue de outras formas por determinados procedimentos de produção e garantia de validade do saber.” Para ele, “saber científico é conhecimento, e conhecimento é uma forma especialmente destacada do saber.”¹²⁰ Isso quer dizer que o conhecimento científico é algo que se alcança a partir de procedimentos e métodos específicos que tem como objetivo validar

116 ROITMAN, Isaac. *Educação Científica*: quanto mais cedo melhor. p.07. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/rl000001.pdf>>. Acesso em: 11 fevereiro 2019.

117 VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*; Foucault revoluciona a história. 4.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014. p.12.

118 BRASIL. Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional. Edição atualizada até março de 2017. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 11 fevereiro 2019.

119 UNESCO. Declaração Sobre a Ciência e o Uso do Conhecimento Científico: versão adotada pela Conferência de Budapeste, 1 de julho de 1999. f.2. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=14807>. Acesso em: 11 fevereiro 2019.

120 RÜSEN, Jörn. *Teoria da História*: uma teoria como ciência. Curitiba: Editora UFPR, 2015. p.60.

o conhecimento produzido. Nesse sentido, a História, como área do conhecimento humano, não atinge seus resultados de maneira diferente.

No caso da história, a constatação é bem simples: conhecimento histórico-científico se funda na pesquisa, e pesquisa é um procedimento regulado por critérios universalmente aceitos. Ela extrai de dados da experiência, existente empiricamente, processos temporais, aos quais confere a forma de uma “história” baseada na experiência. O suprassumo desses critérios, que regulam o processo do conhecimento enquanto pesquisa, é chamado de “método histórico”.¹²¹

Podemos afirmar que a “História como ciência se distingue por regular metodicamente o pensamento histórico.” E partir desse pressuposto “o saber científico pretende-se especialmente bem fundamentado, uma vez que se refere à experiência obtida e interpretada mediante pesquisa.”¹²² É isso que diferencia a ciência de outras áreas do conhecimento humano. A pesquisa realizada a partir do método científico que fornece os resultados no qual nos amparamos e, que distingue a ciência “de todas as outras formas de constituição histórica de sentido (na arte, no mito, na religião e – especialmente importante na modernidade – nas formas ideológicas de saber, nas quais a história tem um papel central).”¹²³

Deste modo, é necessário pensar em um trabalho que provoque nos alunos a percepção da História como área importante do conhecimento, através do desenvolvimento de pesquisa em sala de aula, despertando assim, o seu desejo pelo conhecimento histórico e científico, como também, mobilize habilidades e competências importantes para a vida futura e contribua para torná-los cidadãos críticos diante dos discursos jornalísticos e de conceitos preestabelecidos pelo senso comum.

2.2 – Professor Pesquisador: o princípio científico na educação escolar

Nessa pesquisa, trabalhamos com os alunos empregando a metodologia da *pesquisa-ação*, propondo assim, uma pesquisa colaborativa, na qual a construção do conhecimento se dê de maneira coletiva e não individual, tendo o *professor pesquisador* envolvido nesse processo junto com os alunos. Dessa maneira, foi possível desenvolver um trabalho de pesquisa levando para a sala de aula, o método do trabalho científico da área de História.

Segundo Heloísa Dupas Penteado e Elsa Garrido,

A escola não é um local reprodutivo, meramente de passagem de informações, mas

121 Ibid., p.60.

122 Ibid., p.60.

123 Ibid., p.60.

um espaço onde sujeitos de diferentes acessos culturais se encontram com a incumbência específica de lidar com o saber produzido, valorizado e preservado pela humanidade, procedente do campo científico, filosófico, artístico, reelaborando-o a partir de suas questões e conhecimentos prévios, para transformá-lo em conhecimento escolar.¹²⁴

Dentro dessa perspectiva, pensamos o professor como o profissional que “pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias: o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico.” O professor, nesse sentido, é aquele “responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista” porque entendemos ser necessário ao professor “ensinar o aluno a levantar problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática.”¹²⁵ Partindo desse pressuposto, o professor perde o pedestal daquele que estava em sala de aula para exclusivamente transmitir o conhecimento ao aluno e passa a ser o agente intermediário entre o saber e o discente, oportunizando um ambiente escolar em que o conhecimento seja construído em conjunto, sem impor hierarquias autoritárias. Consideramos assim que, “ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História.” Para isso, “o aluno deve entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom – comumente ouvimos os alunos afirmarem: ‘eu não dou para aprender História’ –, nem mesmo como uma mercadoria que se compra bem ou mal.”¹²⁶

É preciso deixar claro que “a sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos.”¹²⁷ É nessa interlocução entre professor e alunos que o conhecimento histórico é construído em sala de aula, de maneira problematizadora e democratizante empregando o necessário rigor do saber histórico como área do conhecimento científico.

Segundo Pedro Demo, “a formação científica torna-se também formação educativa, quando se funda no esforço sistemático e inventivo de elaboração própria, através da qual se constrói um projeto de emancipação social e se dialoga criticamente com a realidade.”¹²⁸ Ou seja, é necessário que educação e ciência andem de mãos dadas, tendo como objetivo a emancipação do aluno, conectado com a realidade que o cerca para que assim, seja possível

124 PENTEADO, op. cit., p.22.

125 SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A Formação do Professor de História e o Cotidiano na Sala de Aula. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 12.ed. São Paulo: Contexto, 2017. p.57.

126 Ibid., p.57.

127 Ibid., p.57.

128 DEMO, op. cit., 2011. p.10.

uma interpretação mais clara do real.

Pedro Demo defende a tese de que o ensino deve ser guiado pela construção do conhecimento científico em ambiente escolar, para que a escola deixe de ser apenas uma reprodutora do conhecimento acadêmico e passe a produzir ciência, tendo professores e alunos como protagonistas desse processo. Para ele, a educação precisa ter a pesquisa científica como seu principal objetivo. Porém, “não se trata de imitar padrões externos de universidades, mas é possível deles aprender, desde que não se faça cópia subalterna.”¹²⁹ Isso quer dizer que a escola tem suas singularidades e que deve ser um espaço de construção do saber alicerçado na produção acadêmica, sem que isso signifique ser reprodutora do conhecimento produzido nas universidades e nem copiadora de seus padrões de produção do saber, mas sim um espaço de construção do conhecimento científico, levando em consideração a realidade na qual está inserida e os agentes nela envolvidos.

Infelizmente, a prática pedagógica de simples reprodução do conhecimento pelo professor em sala de aula ainda é muito comum em muitas escolas nos dias de hoje. Nos meus dez anos de experiência profissional em ambiente educacional e após inúmeras conversas com outros profissionais que trabalham no Ensino Básico, foi possível observar que essa prática é algo ainda muito difícil de ser superado no país e coadunam com o que Pedro Demo identificou como sendo o perfil de muitos professores na contemporaneidade.

Voltando a Demo, ele explica que “do lado do professor temos a visão empobrecida do ministrador de aulas, ainda em grande parte pessoas que detêm apenas graduação, sem experiência comprovada no campo científico. Fruto do mero aprender, naturalmente decaem no mero ensinar.”¹³⁰ E desta maneira, “essa figura não ultrapassa o patamar de ‘instrutor’, porque não internaliza os conteúdos principais do conceito de pesquisa como princípio científico.”¹³¹

Ainda segundo o autor, esse modelo de professor,

Fez graduação escutando um “instrutor”, copiando fichas e anotações de aula, “colando” provas, jamais tentou construir elaboração própria, nem que isto lhe foi exigido; tem de ciência a noção de algo que não faz parte do seu mundo profissional e cotidiano. À falta de conteúdo, resta apenas a forma, como casca externa frágil e estranha: professor é aquela figura que, tendo graduação, é contratada para dar aulas. Pior que isso, há instituições de ensino superior que assim se definem: apenas dão aula e têm como professor típico esse biscateiro instrutor.¹³²

129 Ibid., p.47.

130 Ibid., p.49.

131 Ibid., p.49.

132 DEMO, op. cit., 2011. p.50.

O autor constata que essa é uma realidade muito evidente na educação brasileira; o professor como ministrador de aulas e simples reprodutor do conhecimento acadêmico.

Corroborando com as afirmações citadas acima, os professores Herivelto Moreira e Luiz Gonzaga Caleffe explicam que “embora os professores sejam considerados como indivíduos que normalmente tomam decisões em suas salas de aula, raramente estas decisões são baseadas em conhecimentos gerados na pesquisa de sua própria prática.”¹³³ E esclarecem que,

Podemos argumentar que a escola de hoje ainda não está preocupada e nem preparada para estimular o professor a desenvolver pesquisa, pois enfatiza o trabalho docente como o ato de ensinar e desenvolver atividades correlatadas, não considerando a pesquisa como uma atividade valiosa no desenvolvimento profissional do professor e dos alunos.¹³⁴

Essas afirmações evidenciam a dificuldade da escola e dos professores para desenvolverem pesquisa em ambiente escolar. Essa dificuldade provavelmente se dá por uma formação docente ainda focada no reproduzir e não na produção científica, no pensar de maneira científica, no método científico. É preciso promover uma escola “com vistas a uma educação voltada para o processo de construção e difusão de conhecimentos.” Podemos dizer que “a educação científica é capaz de contribuir para a formação de indivíduos mais criativos, autônomos e empreendedores, capazes de pensar de maneira lógica e crítica a resolução e superação de problemas nos mais diversos âmbitos da realidade que os cerca.” Constatamos assim a importância de se pensar a educação “não apenas do ponto de vista teórico e metodológico, mas que experiências concebidas sob essa égide sejam difundidas e estimuladas”,¹³⁵ para que eles tenham novos desdobramentos. “Se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social”, para com isso, “aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos.”¹³⁶

Concebendo uma educação contextualizada com a vida do aluno, podemos afirmar que,

Esse processo dinâmico encontra dentro das propostas educativas comuns às salas

133 MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador*. 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p.11.

134 Ibid., p.11.

135 CARVALHO, A. S.; OLIVEIRA, Marcelo Souza.(Orgs.) *Educação Científica e Popularização das Ciências: práticas multirreferenciais*. Salvador: Edufba, 2016. p.09.

136 BARCA, op. cit.,p.132.

de aula brasileira o desafio de buscar conexão entre ciência, tecnologia e o contexto de vida do sujeito em um cenário de constante reflexão. Esses princípios constituem uma prática educativa comprometida com a formação de um indivíduo cientificamente letrado, isto é, capaz de fazer uso de conceitos e habilidades, aprendidos no contexto de uma educação científica, na compreensão de sua realidade.¹³⁷

Essa educação comprometida com a ciência torna o aluno menos sujeito às *Fake News*; tão comum nos dias de hoje, além de fazer dele um sujeito mais crítico da realidade, menos ingênuo no convívio cotidiano, pois o pensamento científico estimula o questionamento, a busca por evidências e o pensamento pautado na empiria. Assim, o pensamento investigativo é estimulado, para que seja possível tomar decisões pautadas mais na razão do que em achismos e crenças ingênuas.

Segundo Isaac Roitman, “a educação científica tem a função de desenvolver o espírito crítico e o pensamento lógico, de desenvolver a capacidade de resolução de problemas e a tomada de decisão com base em dados e informações”. Para ele, esse método educacional “é fundamental para que a sociedade possa compreender a importância da ciência no cotidiano” e “representa o primeiro degrau da formação de recursos humanos para as atividades de pesquisa científica e tecnológica.¹³⁸

Ao explicar o papel da educação e da pesquisa científica na Educação Básica, Roitman afirma que, “a educação científica em conjunto com a educação social e ambiental dá a oportunidade para as crianças explorarem e entender o que existe ao seu redor nas diferentes dimensões: humana, social e cultural.” Ele explica que “a educação científica desenvolve habilidades, define conceitos e conhecimentos estimulando a criança a observar, questionar, investigar e entender de maneira lógica os seres vivos, o meio em que vivem e os eventos do dia a dia” e também, “estimula a curiosidade e imaginação e o entendimento do processo de construção do conhecimento.” Assim, “investir no conhecimento científico contribuirá para que os seus resultados estejam ao alcance de todos.¹³⁹

No mundo em que vivemos, é difícil imaginar o desenvolvimento de uma sociedade sem que ela tenha como pilar educar o espírito investigativo e a busca do conhecimento alicerçado na racionalidade. A educação científica é fundamental para que nós, como uma

137 Ibid., p.10.

138 ROITMAN, Isaac. Ciência para Jovens: falar menos e fazer mais. In: WERTEHIN, J; CUNHA, C. da. *Ensino de Ciências e Desenvolvimento: o que pensam os cientistas*. 2.ed. Brasília: UNESCO: Instituto Sangari, 2009. p.135. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000185928/PDF/185928por.pdf.multi>>. Acesso em: 18 set. 2019.

139 ROITMAN, op. cit., p.07.

sociedade em desenvolvimento, consigamos resolver nossas contradições políticas, econômicas, ambientais e sociais. A investigação científica, a busca pelo conhecimento e o estímulo a curiosidade podem ajudar a responder algumas indagações da contemporaneidade. A História mostra que o desenvolvimento científico é capaz de fazer grandes transformações no mundo.

2.3 – O uso de jornais no Ensino de História

Para a tradição positivista, o Ensino de História tinha como objetivo apresentar a genealogia da nação e transmitir ao aluno um “conjunto de fatos que compunham a história do país, desde sua origem até a atualidade, procurando explicá-los tal como aconteceram.”¹⁴⁰ O documento era usado nas aulas de História como “prova irrefutável da realidade passada”, fazendo do aluno apenas um receptáculo do assunto apresentado pelo professor, tendo a fonte como comprovação de sua narrativa em sala de aula.¹⁴¹

O Ensino de História tem repensado a utilização de documentos em sala de aula, “já que sua utilização é indispensável como fundamento no método de ensino, principalmente porque permite o diálogo do aluno com realidades passadas e desenvolve o sentido da análise histórica.”¹⁴²

Na nossa perspectiva, o documento deixa de ser simplesmente um aparato utilizado como comprovante do fato histórico em sala de aula e se torna uma ferramenta que viabilize uma “familiarização do aluno com formas de representação das realidades do passado e do presente.”¹⁴³ Isso pode aproximar o aluno da disciplina e da pesquisa em sala de aula, criando uma relação com o documento que favoreça o processo de ensino e aprendizagem na produção do conhecimento histórico. Deste modo, “o uso de fontes históricas em sala de aula é uma possibilidade que deve ser apreciada e valorizada.” Além disso, “a riqueza de informações que podemos extrair das fontes justifica o seu uso no fazer pedagógico de várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e social.”¹⁴⁴

140 SCHIMIDT; CAINELI, op. cit., p.90.

141 Ibid., p.91.

142 Ibid., p.94.

143 Ibid., p.94.

144 DO VALLE, Hardalla Santos; ARRIADA, Eduardo; CLARO, Lisiane Consta. A Utilização de Fontes no Ensino de História: a imprensa na construção do conhecimento. *Revista Movimento*, Rio Grande, 20 (1): 59-72, 2010. f.65.

Quincas Rodrigues de Souza aponta que,

Se queremos que os alunos pensem historicamente, relacionando presente, passado e futuro e sabemos que essa não é uma tarefa fácil, acreditamos que o uso de documentos seja uma peça fundamental nesse processo. Trabalhando o documento como uma fonte, registro do passado, inscrito em uma realidade específica, um vestígio do passado que precisa ser analisado, interpretado, não como uma verdade em si, mas sim a partir de um determinado olhar que traduz um questionamento do presente, podemos construir um sentido para os alunos do próprio conhecimento histórico. Trabalhar procedimentos específicos com os documentos pode contribuir para superar a visão do documento como prova real ou meramente como ilustração e desenvolver habilidades de descrição análise, comparação, relação, trazendo a História para mais próxima das expectativas deles.¹⁴⁵

Para Selva Guimarães, os jornais são “importantes registros de dimensões históricas do presente e do passado” e por meio deles é possível observar as transformações ocorridas ao longo da história. Além disso, esses periódicos “fornecem materiais diversificados que ampliam o ensino e a aprendizagem.” Porém, ao se trabalhar com esse tipo de fonte em sala de aula deve-se deixar claro para o aluno que “a notícia é uma produção que segue um ‘manual’, um ‘padrão’; logo, apresenta uma versão e, como mercadoria/informação, deve ser consumida rapidamente no mercado.” Portanto, “ela só tem valor no momento em que surge. Desatualiza-se em pouquíssimo tempo. É fugaz.”¹⁴⁶

Coadunando com Guimarães, Maria Alice Faria explica que “a informação do jornal é pontual e perecível. Cada edição ultrapassa a do dia anterior. Por isso o jornal do dia seguinte vira papel de embrulho...”¹⁴⁷ Sendo assim, é importante analisar esse tipo de documento em sala de aula, contextualizando o período histórico correspondente e situando a publicação no seu devido espaço, permitindo que o aluno compreenda e evidencie sua perenidade relativa ao presente, mas também, sua importância para a compreensão do passado.

Selva Guimarães ressalta também a importância do uso de jornais para o exercício de uma leitura mais crítica.¹⁴⁸ É importante e salutar para o sistema educacional uma postura pedagógica que vise estimular um pensamento questionador diante daquilo que se está lendo. Em tempos de “*Fake News*”, um olhar problematizado do aluno frente a uma inundação de informações geradas através das novas tecnologias da informação, pode propiciar que o mesmo escape de algumas armadilhas contemporâneas referentes à leitura jornalística.

De acordo com Maria Alice Faria, a utilização de jornais em sala de aula permite que o aluno perceba as divergentes posturas ideológicas nos diversos textos jornalísticos, para que

145 SOUZA, op. cit., p.64.

146 SELVA, op. cit., p.337 e 338.

147 FARIA, Maria Alice. *O Jornal na Sala de Aula*. 14.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p.23.

148 SELVA, op. cit., p.338.

assim, aprenda a “respeitar os diferentes pontos de vista, necessários ao pluralismo numa sociedade democrática”, como também, preparar “leitores experientes e críticos para desempenhar seu papel na sociedade.” Assim sendo, “a leitura crítica do jornal aumenta sua cultura e desenvolve suas capacidades intelectuais.”¹⁴⁹

A autora prossegue acrescentando:

A criação dos jornais modernos marcou uma outra etapa nessa divulgação das informações a um número cada vez maior de pessoas. Entretanto, as fontes noticiosas que alimentam os jornais de hoje e as técnicas de linguagem usadas pelos jornalistas mostram que o poder da informação nunca saiu das mãos de certos grupos da classe dominante, os quais filtram essas informações segundo seus interesses e manipulam a linguagem de modo a deixar chegar ao público leitor apenas aquilo que lhes convém. Daí porque o trabalho com as *formas da informação*, tal como as encontramos nos jornais de hoje, é importante não só para aprofundar o domínio da língua entre alunos, como para desenvolver-lhes o espírito crítico e preveni-los sobre as ilusões da neutralidade e objetividade do texto jornalístico.¹⁵⁰

Ao tratar do uso de jornais em sala de aula, Abud, Silva e Alves elucidam que, “de fato, todas as publicações jornalísticas, sejam programas de rádio ou televisão, revistas, sites informativos, jornais eletrônicos ou impressos, são mediadores entre a escola e o mundo externo e ajudam os estudantes a relacionar seus conhecimentos e experiências pessoais com as notícias.” Para eles, “esse processo auxilia na formação de novos conhecimentos e conceitos, na ampliação do pensamento crítico do estudante e, conseqüentemente, de suas ‘leituras’ do mundo.”¹⁵¹

Por isso é necessário aguçar um pensamento problematizador nos alunos nas aulas de História e isso perpassa por desenvolver atividades que possibilitem a esses indivíduos externar a sua visão de mundo, construída a partir de estímulos que os levem a refletir sobre o passado e o presente. Para que isso seja possível, a pesquisa em sala de aula, por meio de fontes se torna um instrumento fundamental no processo de ensino e aprendizagem em História.

Segundo Paulo Knauss,

O trabalho com os documentos históricos desde cedo pode ser justamente uma fórmula para não adiarmos as tarefas que o mundo contemporâneo exige da escola – que o aluno compreenda a lógica dos meios de comunicação, especialmente os de massa, para não ser agente passivo da manobra de informações, reconhecendo outras visões de mundo, desabsolutizando-as e demarcando a sua identidade de sujeito da

149 FARIA, op. cit., 2016. p.11.

150 Ibid., p.47.

151 ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2013. p.29.

própria existência.¹⁵²

Desenvolver um trabalho que entrelace a pesquisa sobre as narrativas e o discurso jornalístico ao Ensino de História pode auxiliar num processo educativo capaz de estimular no aluno a capacidade de interpretação dos discursos construídos pela imprensa, para que assim ele possa construir sua visão de mundo de maneira emancipadora e libertária, permitindo, deste modo, uma melhor interpretação da realidade política e social do país e do mundo. Além disso, o trabalho utilizando documentos em sala de aula “é importante para a desconstrução de determinadas imagens canonizadas a respeito do passado,”¹⁵³

Corroborando com essas questões e relacionando-as ao uso de jornais no Ensino de História, o professor Francisco das Neves Alves destaca que,

Tal utilização de novas fontes pode levar em consideração a concepção renovadora do documento e de seu uso na sala de aula, de modo que o trabalho com documentação histórica possa ser encarado como um ponto de partida para a prática do ensino da História, bem como a oportunidade de que o professor possa ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias ao ‘saber-fazer’ História.¹⁵⁴

Esse “saber-fazer” é algo fundamental na busca de uma educação mais conectada com as necessidades do aluno no século XXI, pois ainda é possível observar ambientes escolares com uma estrutura de ensino e aprendizagem muito condizentes com as demandas do século passado, em que o professor ensinava através de aulas que eram claros monólogos e alunos se colocavam intelectualmente passivos diante do mestre.

O uso de jornais como documento em sala de aula, a partir do princípio da pesquisa científica em que os alunos investigam as fontes e as analisam com intuito de produzir material para a interpretação do passado, pode ajudar os mesmos a “considerar que a produção do saber histórico evidencia-se como instrumento de leitura do mundo e não mera disciplina.”¹⁵⁵ Isso já seria de importante valor num momento em que a História enquanto disciplina escolar está tão fortemente atacada, tanto dentro, quanto fora do ambiente educacional.

A partir das concepções da *pesquisa-ação*, esta investigação teve como objetivo levar para sala de aula, edições do jornal *Folha do Subúrbio*, para que fossem manuseadas pelos

152 KNAUSS, Paulo. Sobre a Norma e o Óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUKI, Sônia L. (Org.). *Repensando o Ensino de História*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.47.

153 SCHIMIDT; CAINELI, op. cit., p.92.

154 ALVES, Francisco das Neves. O Ensino da História por meio dos Jornais Antigos: as imagens acerca dos atores político-partidários à época imperial. *Historiae*, Rio Grande, (1): p.19-36, 2012. f.20.

155 KNAUSS, op. cit., p.32.

alunos e permitisse um trabalho de produção historiográfica e científica em sala de aula. Para isso, foi necessário apresentar aos alunos procedimentos teórico-metodológicos no trato com as fontes, geralmente negligenciados em sala de aula.

Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha afirmam que nos últimos anos, diversificamos as fontes utilizadas no Ensino de História, principalmente as fontes oriundas da imprensa, no entanto:

A questão é: se temos avançado na diversidade dos materiais com os quais trabalhamos, e neste movimento temos incorporado fortemente a imprensa em nossas pesquisas e atividade de ensino, parece que temos avançado pouco naquela dimensão de que falam os parâmetros e diretrizes, ou seja, na formação específica que prepare os profissionais da área para o trabalho de crítica histórica desses materiais. A dificuldade maior parece ser a de que, com relação à imprensa, diferentemente de outros materiais tais como depoimentos orais e a fotografia, temos conversado pouco sobre procedimentos teórico-metodológicos.¹⁵⁶

Para além das discussões teóricas sobre o papel da imprensa em nossa sociedade e as análises sobre os seus interesses, as autoras citadas acima chamam a atenção para o projeto gráfico/editorial na abordagem com as fontes da imprensa, como por exemplo,

- **as capas e primeiras páginas:** funcionam como vitrine da publicação que, por meio de “chamadas” de matérias, fotos, manchetes e slogans, indicam ênfase em determinados temas e questões;
- **partes e cadernos:** propõem uma diferenciação, hierarquização e ângulos de abordagem dos conteúdos;
- **cadernos especiais e suplementos:** indicam a emergência de ou novos campos temáticos, a secundarização de conteúdos ou ainda a abertura de espaço para interesses de grupos específicos;
- **edições comemorativas:** indicam movimentos explícitos de produção e atualização de memórias;
- **seções diversas:** editoriais, parte noticiosa e reportagens, artigos da redação, carta de leitores, anúncios denotam uma articulação específica dos “conteúdos” ao projeto gráfico/editorial;
- **colunas fixas assinadas:** geralmente identificam a recorrência de uma ótica e abordagem e/ou privilegiamento de temas e de vozes autorizadas;
- **manchetes, colunagem, frisos, legendas:** organizam e destacam conteúdos e propõem uma maneira de ler;
- **Iconografia:** ilustrações, fotos, caricaturas, charges, desenhos, gráficos que, buscando traduzir a posição editorial em outra linguagem, podem reforçar, complementar, extrapolar e, por vezes, entrar em tensão com a abordagem da parte textual.
- **principais anunciantes, publicidade e seus espaços:** indicam a articulação da publicação com determinados interesses empresariais e comerciais naquela conjuntura.¹⁵⁷

Observar de maneira cuidadosa a distribuição gráfica e os elementos do jornal viabiliza uma melhor compreensão do mesmo, além de ajudar a adotar uma perspectiva

156 CRUZ; PEIXOTO, op. cit., p.255.

157 Ibid. p.262. (Negrito colocado por este autor).

menos “inocente” em relação aos seus sentidos e propósitos.

As autoras lembram também que antes de tudo é necessário identificar o periódico, anotando o “título, subtítulo, datas limites de publicação, periodicidade e a classificação de acesso na instituição ou acervo em que se desenvolve a pesquisa”.¹⁵⁸ Diante disso, a utilização do rigor metodológico no trato com os jornais na pesquisa em sala de aula, demonstrando para os alunos que a História tem seus métodos de pesquisa e se constitui como uma ciência humana, com suas peculiaridades que se diferenciam do método científico das ciências naturais, pode desenvolver nos alunos um apreço maior pela História, fazendo com que percebam mais claramente as diferenças entre a História como uma área do conhecimento científico e a escrita puramente ficcional ou memorialística. Por isso, em nossa pesquisa, analisamos com os alunos o jornal *Folha do Subúrbio*, comparando os seus discursos com a produção historiográfica brasileira, no que tange aos fatos e assuntos veiculados nesse periódico no contexto do regime civil-militar que fora iniciado no Brasil em 1964.

Vale ressaltar que este trabalho não teve como objetivo transformar os alunos em uma “espécie de historiador” pois segundo Circe Bittencourt,

Os documentos tornam-se importantes como um investimento ao mesmo tempo afetivo e intelectual no processo de aprendizagem, mas seu uso será equivocado caso se pretenda que o aluno se transforme em um ‘pequeno historiador’, uma vez que, para os historiadores, os documentos têm outra finalidade, que não pode ser confundida com a situação de ensino de história.¹⁵⁹

Levando em consideração o tamanho dos grandes conglomerados empresariais que controlam os meios de comunicação escrita no Brasil há décadas e sua capacidade de influenciar posicionamentos políticos e sociais no país, podemos dizer que trabalhar em sala de aula com fontes oriundas da imprensa escrita é extremamente importante para a formação de um alunado mais crítico e capaz de compreender o jogo de interesses por trás do discurso jornalístico e desses grandes conglomerados empresariais, permitindo assim, formar cidadãos capazes de refletir de maneira mais aprofundada sobre os princípios éticos da imprensa livre em uma democracia e possibilitar a diminuição da influência política desses grupos dominantes que violam, em vários momentos, os princípios republicanos e democráticos.

Circe Bittencourt ao tratar do uso de jornais em sala de aula, faz uma reflexão sobre os interesses do discurso da imprensa ao afirmar que “sendo um meio de comunicação influente,

¹⁵⁸ CRUZ; PEIXOTO, op. cit., p.261.

¹⁵⁹ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008. p.328.

o jornal tem sido analisado em seu papel de formador da opinião pública ligado à interesses variados e, como órgão denominado ‘imprensa livre’, faz parte do jogo político e do poder.”¹⁶⁰ A historiadora ressalta que é importante considerar, ao utilizar textos jornalísticos em sala de aula, que o seu discurso “jamais é neutro ou imparcial.”¹⁶¹ É fundamental estimularmos os alunos a terem um posicionamento questionador em relação ao discurso da imprensa, para que consigam identificar e refletir sobre os interesses que permeiam o “Quarto Poder”, levando em consideração o seu papel na construção da narrativa da História.

Não podemos perder de vista que um veículo de comunicação comercial escrito ou televisivo está sujeito às interferências do poder econômico e desse modo, é possível dizer que as narrativas circulantes nesses meios de comunicação estão de “acordo com as linhas ou os interesses de quem tem o poder de produzi-lo e vendê-lo à população.”¹⁶² Ou seja, dificilmente essas empresas de comunicação terão posicionamentos políticos e ideológicos que contrariem os interesses daqueles que as possuem.

160 Ibid., p.336.

161 Ibid., p.337.

162 BITTENCOURT, op. cit., p.335.

CAPÍTULO 3

HISTORIANDO OS JORNAIS: ALUNOS PESQUISADORES NO ENSINO MÉDIO

Para me resguardar das artimanhas da ideologia não posso nem devo me fechar aos outros nem tampouco me enclausurar no ciclo de minha verdade. Pelo contrário, o melhor caminho para guardar viva e despertar a minha capacidade de pensar certo, de ver com acuidade, de ouvir com respeito, por isso de forma exigente, é me deixar exposto às diferenças, é recusar posições dogmáticas, em que me admita como proprietário da verdade.¹⁶³

Neste capítulo, apresentaremos os caminhos traçados pela pesquisa em sala de aula e os resultados obtidos com os estudantes, analisando os dados coletados ao longo do trabalho para tentar responder as questões levantadas no início da pesquisa. Demonstraremos os rumos tomados nas oficinas de História, tendo como parâmetro os relatórios escritos pelo professor ao final de cada aula, como também, os relatórios e os artigos produzidos pelos alunos ao longo do percurso.

No início das atividades, buscamos identificar o grau de conhecimento prévio dos alunos em relação ao período histórico a ser pesquisado por eles, bem como sobre o ofício do historiador. Foi necessário que os alunos tivessem o mínimo de conhecimento referente ao tempo histórico que trabalharíamos em sala de aula e, para isso, fizemos uma breve exposição do tema, tendo os alunos como participantes ativos, estimulando o debate e o contraditório em sala de aula.

Inicialmente, dividimos a sala de terceiro ano do Ensino Médio em 2 equipes, que ficariam responsáveis por analisar algumas edições do jornal *Folha do Subúrbio*, disponibilizadas pelo professor, para que a partir dessa etapa fosse estimulado o debate na turma sobre as impressões iniciais que os grupos extraíram da leitura, levando em consideração sobretudo, as disputas de narrativas políticas que temos atualmente no Brasil, no que concerne o golpe de 1964.

Expusemos à turma os temas a serem pesquisados para que as equipes pudessem fazer suas escolhas a partir de suas preferências e afinidades. Após esse momento e depois da

163 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.134.

divisão dos temas pelas equipes (feita através de sorteio) ficou definido que a primeira equipe investigaria o posicionamento do jornal diante das mobilizações políticas que possibilitaram o golpe em 31 março de 1964 e o alinhamento político e ideológico do periódico em relação ao regime militar. A segunda equipe ficaria responsável por estudar o discurso narrativo do jornal referente ao pensamento comunista e os regimes que assim se autodenominavam no mundo no período estudado e a narrativa do jornal no que diz respeito à política externa norte-americana e seu alinhamento político com o regime militar, no contexto da Guerra Fria.

Com os temas divididos entre as equipes, implementamos as oficinas de pesquisa, apresentando para os alunos os métodos de pesquisa histórica com periódicos, identificando junto com eles, por exemplo, a capa do jornal, a diagramação e as diferenças entre alguns gêneros textuais, produzidos por um jornal: editorial, notícia e reportagem. Utilizamos nessa atividade, diferentes jornais, como por exemplo, *Massa!*, *A Tarde* e *Correio*.

A partir das análises e discussões levantadas em sala de aula, das pesquisas bibliográficas feitas pelos alunos e do trabalho de pesquisa primária com as edições dos periódicos – levando em consideração a narrativa jornalística dos jornais pesquisados – as equipes se incumbiram de produzir, cada uma delas, um pequeno artigo a partir dos dados, análises e interpretações gerados depois de toda produção desenvolvida nas Oficinas de Pesquisa, mediante a orientação do professor. A turma ficou responsável por criar um blog para postar os artigos produzidos nessa plataforma, tornando o material de pesquisa disponível para a comunidade escolar e para todos que quiserem conhecer um pouco do jornal *Folha do Subúrbio*.

3.1 – Aprendendo a ler jornais

Descreveremos doravante os caminhos trilhados pela pesquisa a partir dos relatórios produzidos pelo professor e pelos alunos, refletindo em cada momento, sobre as escolhas e os resultados obtidos em sala de aula.

1ª e 2ª Aula: 24/10/2019

No primeiro encontro para o desenvolvimento desse projeto, beneficiamo-nos do fato da professora de Redação da turma ter acabado de fazer uma atividade com os alunos na

biblioteca da escola e aproveitamos o espaço para iniciar os nossos trabalhos, atendendo ao pedido dos estudantes.

Na biblioteca da escola, apresentamos aos alunos o objetivo do trabalho, esclarecendo que trabalharíamos a partir daquele momento com jornais em sala de aula. Fizemos um resumo geral do que seria desenvolvido e depois demos uma explicação mais específica sobre como usaríamos jornais atuais nas primeiras aulas.

Conforme o planejamento, pedimos que os alunos se dividissem em duas equipes e eles se organizaram rapidamente em duas mesas existentes na biblioteca. Isso ajudou no decorrer do trabalho. Distribuimos com os alunos exemplares dos jornais soteropolitanos *A Tarde*, *Correio e Massa!*, do dia 21 de outubro de 2019. Observamos neste instante, olhares de curiosidade e expectativa por parte dos discentes. Alguns afirmaram nunca ter tido contato com um jornal impresso e que não possuíam o hábito de ler jornal. No seu relato posterior sobre esse momento, o aluno I assim registrou:

No dia 24/10/2019 a turma (...) de qual faço parte, nos reunimos na biblioteca para estudos com base em jornais da Bahia. Foram os jornais (*Massa*, *Correio e A Tarde*), onde abrimos os jornais para estudo dividindo a sala em 2 grupos. Minha equipe ficou com 4 membros (...). Ficamos com o jornal *Massa e Correio*, iniciamos nosso estudo identificando alguns tópicos (cabeçalho, número de série, redes sociais, valor do jornal e imagem ilustrativa. Todos esses na primeira página, cada jornal com seu objetivo em destaque ao leitor.¹⁶⁴

Em seguida, explicamos o que é o cabeçalho de um jornal e a partir disso, solicitamos que eles identificassem os elementos que o compõem. Os alunos identificaram sem grandes dificuldades, o nome do jornal, a data do ano de fundação, o slogan e a numeração da edição. Além disso, os discentes observaram que no caso do jornal *Massa!*, havia no cabeçalho informações sobre suas redes sociais. No *A Tarde*, identificaram a existência do endereço eletrônico do site do periódico.

Neste momento, avistamos um envolvimento dos alunos no trabalho, talvez pelo fato daquilo representar uma experiência nova para eles em sala de aula. Assim o aluno A relatou:

(...) Com essa aula aprendi a ler corretamente um jornal e obter todas informações que ele pode ter. Nessa aula aprendemos a ler a capa e pude conhecer o cabeçalho do jornal, que possui data, preço e outras informações. Aprendi que cada jornal chama a atenção do seu público do modo que o agrada, cada jornal tem sua estratégia para agradar os que compram. Nesse dia pude diferenciar as notícias principais. Essa aula foi muito produtiva e informativa, com ela tive mais interesse em ler jornais porque achei interessante, vi que um jornal tem propagandas além das notícias e, que ler

164 Aluno I. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 24/10/2019.

jornal também, obtemos um olhar crítico com os textos e podemos discutir os pontos de vista em grupo.¹⁶⁵

Depois de identificarem os elementos que compõem um cabeçalho, pedimos que analisassem as matérias de capa e os estudantes salientaram que os jornais *Correio* e *A Tarde* deram maior importância a notícia sobre a festa de canonização de Irmã Dulce na Fonte Nova. Diante disso, explicamos aos alunos sobre a importância da figura da Santa Dulce para a história da Bahia, representada como um símbolo regional, assim como debatemos sobre o público-alvo que se destinava esses jornais, justificando assim, a atenção dada a essa notícia. Por outro lado, os alunos chamaram a atenção para o fato do jornal *Massa!*, ter dado mais atenção para o futebol nas notícias de capa, enfatizando a vitória do Flamengo sobre o Fluminense pelo Campeonato Brasileiro, destinando um pequeno título e uma foto para o evento acontecido na Arena Fonte Nova. O estudante E assim relatou:

Esse projeto que é usado com o auxílio da leitura e de identificação de jornais, tem como objetivo trabalhar a leitura e a interpretação de texto, que tem sido um problema bem expressivo não só na minha turma, mas também em várias outras e, com esse projeto é possível que nós venhamos a trabalhar a nossa visão não só sobre os jornais, mas sobre a mídia em geral, coisa bem positiva.

Conclui-se que o uso desse projeto mesmo no seu primeiro dia, já nos passou muitas coisas novas das quais não sabíamos. Com isso, é certo que no decorrer da sua duração ainda irá ajudar muito mais a nossa sala.¹⁶⁶

Os alunos também salientaram a importância que o *A Tarde* deu na notícia de capa sobre o jogo do Esporte Clube Bahia naquele dia, que aconteceu no Estádio de Pituaçu contra o Ceará, em que o Bahia jogou com uma camisa que fazia protesto ao vazamento de óleo que ameaçava a vida marinha nas praias nordestinas.

Depois das análises sobre as matérias de capa dos jornais, explicamos aos alunos o que significa um Lide num texto jornalístico e assim pedimos que anotassem no caderno as perguntas que geralmente um Lide precisa responder: Quem? Onde? O Quê? Quando? Por quê? Como? Em seguida solicitamos que eles escolhessem uma notícia e buscassem identificar no Lide as respostas para as perguntas acima e que as equipes as anotassem numa folha de caderno.

Houve uma dedicação e aplicação bastante engajada dos alunos nessa atividade, embora alguns tenham demonstrado dificuldades para identificar o Lide numa reportagem

165 Aluno A. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 24/10/2019.

166 Aluno E. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 24/10/2019.

confundindo-o inicialmente com o subtítulo da matéria. Diante disso, fui até as mesas e expliquei de maneira mais detalhada o que é o Lide e após perceber que eles tinham entendido, dei um tempo para que realizassem a tarefa e eles conseguiram completar a atividade de maneira razoável. Devido às novas técnicas de escrita do jornalismo contemporâneo, algumas matérias não estavam escritas dentro da estrutura clássica do Lide e foi nos noticiários policiais que os alunos perceberam a predominância ainda desse formato de texto jornalístico.

Por último, pedimos que analisassem os cadernos internos e suplementos dos jornais. Eles identificaram os cadernos de *Cultura, Esporte, Política, Economia, Policial*, além dos *Classificados*. Solicitamos que fizessem anotações sobre os cadernos que compõem cada jornal e depois apontassem como estavam divididos os *Classificados*. Nesse momento, eles acharam curioso o fato de existirem anúncios eróticos nos periódicos e a partir disso, houve uma discussão sobre a diminuição dos anúncios devido às transformações tecnológicas acentuadas nas duas últimas décadas. O aluno D assim descreve a aula:

Todos os alunos do 3ºB Vespertino foram para biblioteca para fazer o trabalho da oficina. Foi apresentado 3 jornais: *Massa, Correio e A Tarde*. Onde analisamos os cabeçalhos, o número da edição, redes sociais e preços. Na capa estavam os principais assuntos da semana. Dentro do jornal vemos seus patrocinadores, reportagem, artigos, notícias, classificados e crimes. Na coluna de crimes tivemos que fazer um método onde mostra a estrutura de uma notícia.¹⁶⁷

No final, recolhemos o material produzido pelos alunos ao longo da oficina e solicitamos que fizessem um relatório sobre a experiência que tiveram com a mesma. Observamos que os discentes se dedicaram bastante a este trabalho e valorizaram o fato de estarem fazendo algo prático.

Vale salientar que os alunos A e D nunca tiveram uma participação atuante nas aulas de História e, surpreendentemente, participaram ativamente dessa atividade. Fiquei surpreso, pois durante o ano todo, apesar de grande esforço, não havia nem conseguido ouvir suas vozes na sala de aula. Porém, ao longo do trabalho, se disponibilizaram a apresentar com os demais colegas o que suas respectivas equipes havia encontrado nas atividades propostas.

Outro ponto que é preciso esclarecer diz respeito ao tempo da atividade: planejamos a utilização de 2 aulas de 50 minutos para esta etapa, porém, ela acabou durando 3 aulas de 50 minutos. Já pensando na possibilidade de isso acontecer, havíamos solicitado ao professor de

167 Aluno D. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 24/10/2019.

Física da escola – a atividade estava programada para acontecer no 3º e 4º horários – a sua última aula e isso permitiu que não tivéssemos nenhum prejuízo no andamento da pesquisa.

3ª e 4ª Aula: 31/10/2019

Neste segundo encontro, devido a uma prova seletiva programada na Unidade escolar com as turmas do 3º ano, um dos horários da aula de História ficaria prejudicado nessa data, pois os alunos fariam essa avaliação nos últimos horários. Diante disso, negociamos com a professora de Redação o 2º horário de sua aula para que fosse possível executar a pesquisa no 2º e 3º horários, evitando atrasar o cronograma do trabalho.

Ao entrar observamos que os alunos já estavam na Biblioteca, pois a professora de Redação havia ministrado aula no 1º horário e costuma trabalhar com essa turma na Biblioteca da Unidade Escolar.

Inicialmente, explicamos aos alunos que o objetivo dessa aula/oficina era identificar os gêneros textuais utilizados no jornalismo, assim como também, compreender os interesses econômicos e políticos que estão envolvidos no trabalho jornalístico. Assim, o aluno I relata que “no dia 31/10/2019 nos reunimos novamente na biblioteca com o mesmo grupo que foi separado na aula passada e analisamos outros fatores de um jornal, sendo elas (reportagem, notícia, artigo e editorial).” Ele continua: “com a ajuda do professor Wagner identificamos cada um desses tópicos no jornal *Massa e Correio*” e “após isso, debatemos com o nosso grupo e com o professor as intenções do jornal e tivemos um debate rápido sobre jornal impresso e jornal televisivo.”¹⁶⁸

A partir disso, demandamos que a sala se dividisse em dois grupos como na aula anterior. É importante destacar que essa divisão da sala em dois grupos se deu pelo fato da turma ser bem pequena. Além disso, a turma desde do início dos trabalhos solicitou ao professor que a divisão fosse feita dessa forma argumentando que produzem melhor em equipe. Como a sala era formada por apenas dez alunos frequentes, ficou adequada a divisão em duas equipes.

Distribuímos os jornais *Massa!*, *Correio* e *A Tarde* do dia 21 de Outubro de 2019 (mesmas edições da oficina anterior). Utilizando o livro *O Jornal na Sala de Aula*, de Maria Alice Faria explicamos inicialmente as diferenças entre a notícia e a reportagem. Lemos

168 Aluno I. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 31/10/2019.

trechos do livro em que a autora define cada um dos conceitos. A partir disso, pedimos aos grupos que identificassem nas páginas dos jornais uma *notícia* e uma *reportagem* em cada uma das edições. Uma equipe ficou com as edições dos jornais *Correio* e *A Tarde* e a segunda equipe ficou com as edições do *Correio* e *Massa!*. Sobre essa atividade o aluno A assim expôs:

No dia 31 de outubro aprendi a diferença entre reportagem, notícia, entrevista e artigo. Interpretamos os textos e vimos as diferenças. Falamos sobre o Editorial, que é o momento que o jornal dá sua opinião com determinado assunto, podemos ver o questionamento do jornal, fizemos interpretação das imagens também. Nessa aula aprendi que a Constituição garante a todos a liberdade de expressar sua opinião, todos são livres e iguais perante a lei, mas na prática não é assim que ocorre. A imprensa publica só o que os convém. Essa aula foi interessante e pude ver a verdade por trás das notícias.¹⁶⁹

Dando prosseguimento aos trabalhos, a primeira equipe identificou uma notícia no jornal *A tarde* que tratava das 98 toneladas de óleo retiradas das praias de Salvador e também a reportagem que o *Correio* fez em ocasião da Canonização de Irmã Dulce dos Pobres. A segunda equipe chamou atenção para a notícia do jornal *Massa!*, que tratava do jogo do Esporte Clube Bahia contra o Ceará, em que o Tricolor baiano entraria em campo com uma camisa em protesto pela contaminação de óleo nas praias do Nordeste. Também identificaram a reportagem que tratava da canonização da Irmã Dulce no Jornal *Correio*. No início dessa atividade os alunos B e F tiveram um pouco de dificuldade para diferenciar a notícia da reportagem, porém, o trabalho em equipe proporcionou que os próprios colegas ajudassem nessa questão, facilitando o entendimento dos alunos que tiveram dúvidas.

Depois de explicar o que é um *artigo* e uma *entrevista* jornalística, solicitamos que os alunos os identificassem nos jornais. Essa atividade foi a mais simples para eles: pedimos que identificassem os artigos no jornal, chamando atenção para o autor que assinava o texto. Assim, as equipes apontaram para o fato de não terem encontrado em nenhum dos periódicos uma parte que tratasse simplesmente de uma entrevista, porém, identificaram que em várias notícias e reportagens havia entrevistas, utilizadas para reforçar aquilo que o jornal estava abordando e o aluno G destacou que tinha aprendido a “encontrar as principais informações

169 Aluno A. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 31/10/2019.

da notícia. Foram dois dias de projeto que trouxeram bastante conhecimento sobre como os jornais lucram em cima das assinaturas e *Classificados*.”¹⁷⁰

Logo em seguida, pedimos que identificassem o *editorial* nos jornais. Apenas a segunda equipe identificou o editorial que estava no jornal *A Tarde*, que tratava da “Fome que Divide o Mundo”. Vale salientar que os outros jornais de fato, não tiveram editoriais escritos naquela segunda-feira, portanto, não havia como os alunos identificarem.

Na segunda etapa da aula/oficina tratamos dos interesses políticos e econômicos que envolvem a atividade jornalística. Baseado no livro *O que é Jornalismo*, de Clóvis Rossi, levantamos a discussão sobre a “Batalha pela conquista de mentes e corações” travada pelos meios de comunicação.¹⁷¹ Explicamos que em virtude da Classe Média ser a grande consumidora de jornais no Brasil, os periódicos, invariavelmente, são produzidos pensando nessa classe social. Tratamos também do “Mito da Objetividade e da Neutralidade Jornalística”¹⁷² e esclarecemos para os alunos que todos os discursos são carregados de sentidos e significados, o que dificulta a busca pela objetividade e neutralidade no jornalismo. O aluno E descreve esta oficina dizendo que,

Na aula se teve mais uma vez o uso de jornais focando em se deixar evidente o conceito e a diferença dos seguintes tópicos: notícia, artigo, reportagem e editorial, coisas tão diversas mas que tem um objetivo em comum, informar algo ao seu leitor. Também se deu uma grande explicação e reflexão sobre o que o jornal é, o que ele tem por objetivo. “Jornal é uma empresa privada, e tem o lucro como seu principal objetivo”.

O estudo foi baseado em três jornais diferentes: o *Massa*, *A Tarde* e o *Correio*, chegando ao fim a aula deste dia, foi notório constatar mais uma vez, coisas novas, podendo-se concluir que foi bastante positiva essa aula, com isso, acredita-se que ainda tem muito a se desenvolver.¹⁷³

Em seguida, entregamos aos alunos um trecho das páginas 17 a 20, do livro *A Imprensa na História do Brasil*, de Maria Helena Rolim Capelato, que analisa a imprensa como uma mercadoria particular. Os alunos tiveram 15 minutos para ler o texto para depois dizerem o que achavam dessa discussão. Perguntamos se estavam com dificuldade com a leitura do texto e disseram que estavam entendendo com tranquilidade, sem grandes dificuldades. Ao fim da leitura perguntamos o que mais chamou atenção no texto e eles salientaram que foi a que explica que na grande imprensa, “a ‘vox populi’ (voz do povo) ecoa

170 Aluno G. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 31/10/2019.

171 ROSSI, op. cit., p.07.

172 Ibid., p.10-11.

173 Aluno E. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 31/10/2019.

longínquo enquanto ressoa forte a ‘vox domini’ (voz dos dominantes)”.¹⁷⁴ Destacaram que muitas vezes os jornais expressam os interesses dos donos do jornal ao invés dos interesses do povo.

Explicamos para os alunos que apesar das contradições existentes na atividade jornalística, numa democracia, ela é de fundamental importância. Antes uma imprensa privada que o tempo todo concilia o interesse público com o interesse privado do que sem imprensa. Destacamos ainda para os alunos que para o fortalecimento da democracia é essencial que haja liberdade e pluralidade de opiniões para que o contraditório seja confrontado, permitindo que o receptor do discurso jornalístico seja capaz de formar sua própria opinião. Esclarecemos que não estávamos querendo dizer de maneira ingênua que o veículo de comunicação se torne um espaço de neutralidade e imparcialidade, pois sabemos que apesar da busca da objetividade jornalística por alguns profissionais da imprensa, essa imparcialidade é algo dificilmente alcançada. O que buscamos explicar é que não é interessante para a saúde de uma democracia que haja monopólio da informação, que um meio de comunicação tenha tanto poder que hegemonize o discurso jornalístico. Isso fragiliza o ambiente democrático pois pode gerar silenciamentos de determinados grupos sociais em favor de outros.

Nesse trabalho observamos mais uma vez a dedicação dos alunos na atividade proposta. Na primeira etapa da aula, na medida em que eles identificavam os gêneros jornalísticos, mais se via um semblante de satisfação neles. É como se eles se sentissem partícipes ativos do processo de aprendizagem. Se manifestaram o tempo todo com perguntas referentes a atividade, como também, deram respostas aos questionamentos dos próprios colegas.

Notamos que a interação entre a teoria e a prática numa mesma aula, ajudou os alunos e o professor no processo de ensino e aprendizagem. Os alunos compreenderam melhor porque estavam em contato com a teoria e depois confrontaram essa teoria com a realidade. Ao aprenderem os conceitos que definem os gêneros jornalísticos foi possível consolidar esse saber a partir da investigação nos jornais buscando identificar os tipos textuais. Assim, o conhecimento deixou de ser simplesmente teórico e passou a ser também mobilizado de

174 CAPELATO, op. cit., p.18.

maneira prática. Corroborando com essa afirmação o aluno I durante a atividade explanou: “aprendi a ler um jornal!”¹⁷⁵.

Identificamos também que o trabalho em equipe foi essencial nesse tipo de atividade pois houve uma ajuda mútua entre os alunos, viabilizando a troca de conhecimentos entre si, facilitada pela proximidade diária e inexistência de hierarquia entre eles. Foi possível observar o processo de envolvimento dos alunos e seu amadurecimento no decorrer da atividade. Nesse contexto de aprendizagem, o aluno deixa de ser apenas um reproduzidor de conhecimento para se colocar como um investigador participe do processo de construção cognitiva; alguém que utiliza a curiosidade para conhecer, para buscar aquilo que se procura saber. Buscado por todos de maneira solidária, sem disputa, em que cada aluno é também agente ativo de construção do saber do colega.

Ao final, solicitamos aos alunos que escrevessem em casa um relatório da experiência que tiveram nessa oficina. Vale ressaltar que o tempo estimado para essa aula foi rigorosamente cumprido, sem que houvesse algum prejuízo para o andamento da pesquisa.

3.2 – Analisando os jornais em sala de aula

5ª e 6ª Aula: 07/11/2019

Neste dia, a aula/oficina ocorreu novamente na biblioteca da escola. Ao chegar na sala, os próprios alunos pediram que o trabalho fosse desenvolvido nesse espaço, por haver mesas adequadamente espaçosas para manuseio de documentos e por causa de sua climatização e a partir dessa solicitação os alunos foram levados para a biblioteca.

Inicialmente, pedimos aos alunos que expusessem seus conhecimentos referentes ao período da Ditadura Civil/Militar no Brasil. Eles falaram que foi um período de grande “perseguição”, de “censura” e “tortura”. Disseram que os militares tomaram o poder mas não conseguiram explicar de maneira clara, expressando algumas informações desconexas sobre o período estudado.

A partir disso, explicamos que foi um período que durou 21 anos e que iniciou por meio de um Golpe Militar apoiado por alguns setores da sociedade. Por isso, o termo Golpe

¹⁷⁵ Aluno I. Estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 31/10/2019.

Civil/Militar ser o mais adequado. Os alunos chamaram atenção para o fato de muitas pessoas terem sido obrigadas a saírem do país durante esse período e diante disso, esclarecemos que além de artistas, vários políticos que apoiaram o Golpe em 64 – acreditando poder participar do processo político no ano seguinte – também foram perseguidos.¹⁷⁶

Falamos também como as Reformas de Base, propostas pelo Presidente João Goulart, incomodaram determinados setores da sociedade brasileira que se organizaram conformando uma oposição com interesses em derrubá-lo e, por último, explicamos como se deu o fim do regime a partir de seu desgaste e da abertura política.

Depois de um debate referente ao assunto, tratamos com os alunos sobre como procede o trabalho do historiador e como ele utiliza as fontes para interpretar o passado. Salientamos que o historiador não inventa o passado, ele faz uma leitura, uma interpretação a partir dos elementos que são encontrados na pesquisa com as fontes. Deixamos claro que as respostas obtidas pelo historiador não se configuram em verdades absolutas, mas sim, interpretações parciais do passado. Que apesar do esforço em se distanciar do objeto pesquisado, o historiador é um ser humano formado por um passado que influencia nos seus valores e ideologias no presente. Portanto, de alguma maneira, esses valores estão inseridos em sua pesquisa, demonstrando que assim como no trabalho do jornalista, a objetividade é algo almejado, mas dificilmente alcançado. Explicamos também a importância do método científico em todo trabalho de pesquisa.

Após às explicações teóricas sobre o ofício do historiador, distribuimos aos alunos cópias de textos de 18 edições da *Folha do Subúrbio* dos anos de 1963 a 1966. Essa quantidade de edições teve como objetivo disponibilizar uma razoável variedade de material produzido pelo periódico durante esse intervalo de tempo, além de fazer com que os próprios alunos tivessem o trabalho de selecionar os fragmentos do periódico que entrariam na discussão em sala de aula e nos artigos que eles produziram.

Logo em seguida, a turma se organizou, ficando separada em duas equipes, tendo cada uma delas as mesmas partes do jornal. Solicitamos que explorassem livremente os textos, para que a partir deles, pontuassem os elementos que mais chamasse a atenção. Assim definido, ao longo da atividade, eles foram perguntando o significado de várias palavras que não lhes eram familiares.

176 FICO, op. cit., p.07-08.

Depois de observar que os alunos estavam levemente familiarizados com o jornal, sorteamos os temas que cada equipe ficaria responsável de pesquisar no jornal e para isso utilizamos o aplicativo de celular, “Números Aleatórios”. A Equipe 1 ficou responsável por investigar o posicionamento do jornal diante das movimentações políticas e sociais que possibilitaram a derrubada de João Goulart e o alinhamento político e ideológico do periódico em relação ao regime militar recém-instaurado. A Equipe 2 ficou responsável por investigar as narrativas do jornal no que diz respeito ao pensamento comunista e a política externa Norte-Americana no contexto de Guerra Fria.

A partir daí, os alunos começaram a ler os exemplares do jornal na busca de notícias que diziam respeito ao seu tema. Pedimos que anotassem pontos importantes encontrados em suas páginas e deixamos claro que deveriam tirar qualquer dúvida no momento que ela aparecesse. A Equipe 2 se dividiu em uma dupla e um trio, delegando a dupla a responsabilidade de encontrar notícias sobre o posicionamento do jornal em relação ao Comunismo e ao trio a responsabilidade de encontrar notícias sobre a política externa Norte-Americana. O aluno C descreveu o momento dizendo que “no dia 07/11/2019”, tiveram “o terceiro encontro e finalmente” acessaram o “jornal *Folha do Subúrbio*.” Ele explica que seu grupo “ficou responsável por analisar o discurso narrativo do jornal referente ao pensamento comunista e a narrativa do jornal referente a política externa norte-americana.” Ele conclui esclarecendo que “com o fim da aula”, os alunos puderam levar “os jornais para casa, para fazer estudos com mais calma.”¹⁷⁷

Nessa atividade, a Equipe 1 se debruçou sobre os textos de maneira bastante atenta, anotando cuidadosamente os pontos que acharam mais importantes identificados no jornal. Já a Equipe 2 preferiu procurar entre as edições do jornal, os textos que tratavam exclusivamente do seu tema. O aluno B estava um pouco confuso com a leitura dos jornais. Identificamos sua dificuldade em fazer a interpretação textual. Esse aluno, de maneira prematura, se apressou a dizer que o jornal era imparcial em sua narrativa. O professor pediu que lesse mais, pois era cedo demais para fazer qualquer afirmação. No processo do trabalho em equipe, com a ajuda dos colegas, o aluno foi repensando sua afirmação a partir das discussões em grupo. Os colegas mostraram como o jornal tratava de forma pejorativa e satírica as notícias referentes ao comunismo, como exemplo. Assim o aluno registrou perceber que a narrativa do jornal não era tão imparcial quanto pensou inicialmente.

177 Aluno C. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 07/11/2019.

O trabalho em equipe é uma ferramenta muito interessante para ser utilizada em sala de aula, pois percebemos em vários momentos, como os próprios colegas conseguiram demonstrar e explicar de forma mais clara aquilo que às vezes o professor não conseguia; por estarem num grupo desprovido da clássica hierarquia em que um é o detentor do saber e o outro é o aprendiz ou talvez, pela questão da linguagem, que permite os alunos dirimir as dúvidas até mesmo com as frequentes brincadeiras. Nesse tipo de trabalho o saber pode ser construído coletivamente, respeitando o tempo de cada um e levando em consideração que “o desenvolvimento do raciocínio histórico processa-se com oscilações e não de forma invariante.”¹⁷⁸ Assim, por meio da investigação, o aluno constrói o conhecimento em equipe, tornando-se agente ativo de investigação do saber.

O aluno E explica que nesse dia “iniciou-se uma outra etapa do projeto”, em que se consistia “no uso de outro jornal, o *Folha do Subúrbio*, só que com fotos de edições antigas, das quais eram do ano de 1963 a 1966. Essas edições eram explicitamente relacionadas ao golpe de 1964 e a Guerra Fria.” O aluno complementa dizendo que “o professor deu a cada equipe um determinado tema” e também, como objetivo, “a averiguação da opinião em que o jornal exercia sobre cada tema.” Depois da “turma averiguar os textos, as manchetes, enfim, o jornal, foi possível constatar que o jornal tinha um ponto de vista e defendia seus interesses por meio do texto.”¹⁷⁹

Em vários momentos foi necessário intervir, na medida em que os alunos solicitavam ajuda, pois tiveram dificuldade para contextualizar o assunto que a matéria do jornal tratava. Um aluno da Equipe 1 perguntou sobre o que tratava o termo “Revolução” utilizado várias vezes nas páginas do jornal. Explicamos que o jornal tratara o Golpe de 1964 como uma “Revolução” e, que o termo “Golpe” é historicamente tratado de maneira pejorativa, portanto, os militares e aqueles que o apoiaram preferiram utilizar o termo “Revolução”. Sabemos que há uma discussão mais complexa no que diz respeito aos conceitos de “Revolução” e “Golpe” e à maneira como esses conceitos são apropriados por grupos políticos. Porém, no contexto da aula preferimos simplificar a discussão para que facilitasse o entendimento dos alunos em relação ao assunto que estava sendo debatido.

Um aluno da Equipe 2 chamou a atenção para uma notícia que informava de maneira satírica que Fidel Castro andava com seguranças. Problematizamos o assunto e questionamos

178 BARCA, op. cit., p.137.

179 Aluno E. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 07/11/2019.

se outros Presidentes também não usavam seguranças no seu dia a dia. Outro aluno da mesma equipe questionou uma nota do jornal que informava que o governo cubano teria enviado sangue de executados pelo regime para o Vietnã ao preço de 100 dólares o litro. O aluno afirmou que a matéria parecia uma *Fake News*. Explicamos que não poderíamos afirmar sobre a veracidade da informação, porém, aproveitamos para tratar do conceito de *Fake News*, dizendo que o conceito em si, é novo, mas que a veiculação de informações falsas através de meios de comunicação de massa existe há muito tempo. Relacionamos a discussão, utilizando como exemplo, a política de difamação da população judia na Alemanha Nazista – tema discutido em sala de aula na Unidade anterior – para que os alunos compreendessem melhor sobre o que estava sendo tratado naquele momento.

Mais uma vez observamos um enorme comprometimento dos alunos na atividade. A impressão que tínhamos era a de que eles estavam se sentindo agentes ativos na produção do conhecimento histórico. As dúvidas e os questionamentos surgiam há todo momento, demonstrando um interesse relevante pelo que estavam pesquisando; situação dificilmente observada nas aulas convencionais. Em vários momentos estimulamos o uso do dicionário para saber o significado de algumas palavras que eram estranhas ao vocabulário deles. Mesmo os alunos com grandes dificuldades em interpretação textual se empenharam bastante, fazendo com que observássemos que essa dificuldade era minimizada quando eles se concentravam de forma mais dedicada na leitura do texto. Podemos dizer que os resultados dessa aula foram positivos, pois foi possível observar excelente grau de compromisso e aprendizagem por parte dos alunos.

O aluno G descreve essa atividade dizendo que nesse dia aconteceu “a primeira leitura sobre o golpe de 64, onde obtivemos as informações sobre o golpe e depois fizemos uma discussão sobre o assunto.” Além disso, “foi uma aula importante com bastante informações sobre o golpe, onde junto da discussão o aprendizado foi melhor e muito fácil.”¹⁸⁰

Outro ponto que devemos salientar desse trabalho diz respeito à percepção de como o tempo “passa rápido” quando utilizamos esse tipo de metodologia de ensino. O trabalho de pesquisa foi tão proveitoso para o aluno e para o professor que não percebemos o andamento do tempo. Antevendo essa possibilidade, solicitamos previamente o último horário do professor de física para que, somada as duas aulas de História, pudessemos desenvolver o trabalho com tranquilidade.

180 Aluno G. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 07/11/2019.

Quando terminou a atividade, o aluno I se expressou com um olhar de satisfação no rosto e disse: “me senti um historiador, hoje!”¹⁸¹.

7ª, 8ª e 9ª Aula: 12/11/2019

A aula/oficina neste dia foi executada numa terça-feira, em três horários, ou seja, três aulas. Na quinta-feira – dia da aula de História na turma – houve apresentação de projetos na Unidade Escolar, logo, não haveria a aula de História. Diante dessa situação, para que não houvesse risco de comprometer o cronograma da pesquisa, negociamos antecipadamente, os três primeiros horários da terça-feira com os professores de Redação e Matemática. Dada as características da atividade a ser desenvolvida, resolvemos utilizar três horários para o desenvolvimento do trabalho.

Com a impossibilidade de reservar a biblioteca da escola nesse dia – reivindicação dos alunos ao longo da pesquisa – a aula/oficina foi realizada na sala de aula regular. As aulas no turno vespertino começam às 13:20, porém, às 13:35 apenas 6 alunos estavam na sala. Aguardamos alguns minutos e, logo em seguida os outros chegaram.

Os estudantes trouxeram as cópias do jornal que haviam levado para casa e pedimos que eles apontassem os textos jornalísticos que mais chamaram a atenção deles na leitura. A turma demorou alguns minutos para se concentrar no trabalho. Estavam um pouco desconcentrados no início e pensei que o fato de não estarem na biblioteca pudesse ser o motivo, porém, logo em seguida a turma se dedicou ao trabalho, tornando a atividade bastante produtiva. Nesse dia, tivemos a presença de um aluno que tem frequência irregular na escola. Ele foi inserido a atividade, apesar do seu trabalho relapso e desconectado com o que estava sendo desenvolvido em sala de aula.

Um aluno da Equipe 1 apontou um artigo da edição de 30 de Novembro de 1966, que fazia uma pergunta no título: “Basta acabar com a miséria?” O artigo defendia a tese de que não bastava acabar com a fome para acabar com o comunismo no mundo. Era preciso sobretudo, acabar com a “miséria espiritual”, pois “com homens bem alimentados e bem trajados, também se prepara a seara vermelha”. O aluno que lera o texto, explicou sobre o que o texto tratava e depois afirmou que precisava acabar com o capitalismo para acabar com a fome. Explicamos aos alunos que desde o fim da União Soviética, o modelo econômico do

181 Aluno I. Estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 07/11/2019.

capitalismo liberal se consolidou como força hegemônica no mundo e que, por hora, não há sinais de enfraquecimento desse sistema econômico que viabilize a curto prazo um outro modelo de sociedade. Além disso, esclarecemos que a pobreza que o texto do jornal tratava em 1966 ainda é uma realidade no mundo contemporâneo, portanto, é preciso pensar num capitalismo que insira as parcelas excluídas da sociedade para construção de um mundo mais justo e igualitário.

Outro aluno chamou atenção para uma matéria de 31 de agosto de 1964, que tinha como título, “Os Comunistas e a UNE”. O aluno afirmou que o jornal acusava a União dos Estudantes (UNE) de estar infiltrada por comunistas e de receber enormes verbas, tanto do Ministério da Educação, quanto do governo soviético. Explicamos que no contexto do Golpe de 1964, os militares invadiram a sede da UNE e perseguiram os seus membros. Estabelecemos comparações com as acusações que professores, alunos e universidades têm sofrido nos últimos anos no Brasil. Para os acusadores os professores são “comunistas e doutrinadores” e as universidades são um “antro de esquerdopatas.” Os alunos fizeram uma conexão entre o anticomunismo da década de 1960 com o anticomunismo e “antiesquerdismo” de setores da sociedade, atualmente.

O aluno E informou que a *Folha do Subúrbio* fez uma crítica ao governo de João Goulart ao tratar da precariedade dos horários do trem. O “Pirulito” era o trem que fazia o trajeto Salvador/Alagoinhas nesse período. Na edição de fevereiro de 1963, o Jornal fez uma crítica ao horário da saída do trem da estação de Camaçari rumo à Salvador. No editorial, pedia-se que o trem saísse às 5:30 h, para que beneficiasse os trabalhadores que moravam em Camaçari e trabalhavam em Salvador. Esse editorial chamou bastante a atenção deste aluno, pois tratava do trem “Pirulito”, muito falado pelos mais velhos na cidade de Dias d’Ávila.

A Equipe 2 apontou para a estratégia do jornal em utilizar o discurso religioso relacionando-o ao anticomunismo. Disseram que havia muitos textos trazendo discursos papais contra o comunismo. Explicamos aos alunos que essa estratégia não foi utilizada apenas pela *Folha do Subúrbio* e, que a oposição a João Goulart já utilizava isso, com o objetivo de enfraquecer seu governo.¹⁸² E esta foi uma estratégia usada para atrair o eleitorado cristão.

Ao tratar desse assunto, um dos alunos comparou essa estratégia com a utilizada pela campanha do atual Presidente Jair Bolsonaro, na última eleição presidencial. O aluno afirmou

182 MOTTA, op. cit., p.294.

que o tempo todo foi usado no nome de “Deus”, tanto na campanha, quanto durante o atual governo. Nesse momento, percebemos um grande interesse dos alunos em discutir política. É perceptível o quanto essa temática tem atraído os jovens em sala de aula nos últimos anos. No passado isso não era tão comum.

Ao lerem um texto que fazia críticas ao Ministro da Educação de João Goulart, os alunos questionaram o significado da palavra “subversivo”. Explicamos o significado da palavra e o que representava um “subversivo” para o governo militar segundo a Doutrina de Segurança Nacional.

Mais uma vez os alunos trouxeram um texto do jornal que relacionava o anticomunismo ao discurso religioso. O texto afirma que o comunismo e o ateísmo são indissociáveis e a partir disso, os alunos ligaram o texto a Jesus Cristo ao dizerem que o discurso comunista estaria mais próximo do pregado por ele, do que o pregado pelas igrejas atualmente.

Nesse momento da atividade, entregamos aos alunos um texto com a apresentação do livro *O Golpe de 1964: momentos decisivos*, de Carlos Fico, e pedimos que lessem um trecho do texto e sublinhassem os pontos que considerassem mais importantes. Demos vinte minutos para que eles lessem o texto. O aluno G descreveu: “4º dia do projeto: foi o dia que o professor entregou dois livros para cada equipe, onde no primeiro momento todos fizeram suas leituras. Após isso, cada dupla das equipes começou a falar sobre seus livros e se deu início às discussões.”¹⁸³

Novamente utilizamos o dicionário para esclarecer o significado das palavras “dúbio” e “desarvorado”. Percebemos que a atividade gerou uma busca por conhecimento que possibilitou uma ampliação do próprio vocabulário a partir da utilização do dicionário. Isso só foi possível por causa da curiosidade e dedicação que os alunos tiveram durante a atividade. Segundo Maria Alice Faria, atividades com o uso de jornais “visam justamente a dar ao professor essa oportunidade de ensinar a língua de maneira pragmática, espontânea, partindo sempre de assuntos encontrados nos jornais que interessam os alunos ou cujo interesse o professor seja capaz de suscitar.”¹⁸⁴ O trabalho com jornais auxiliados pelo uso do dicionário, permite a ampliação do vocabulário do estudante e o aprendizado de inúmeros gêneros textuais.

183 Aluno G. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 12/11/2019.

184 FARIA, op. cit., 2016. p.15.

A turma começou a expor ainda mais o que achou do texto que estava lendo. Eles apontaram a parte do texto que afirmava que o Golpe de 1964 não foi simplesmente um golpe militar, mas também civil, uma vez que houve apoio de vários setores da sociedade brasileira.¹⁸⁵ Explicamos aos alunos que políticos, setores da Igreja Católica e boa parte da imprensa que apoiaram o golpe em 1964, se arrependeram quando o regime começou a censurar a imprensa e perseguir vários grupos. Um aluno salientou que o texto afirmara que o governo que veio a seguir foi basicamente militar, pois muitos civis que apoiaram o golpe foram afastados pelos militares, assim, a expressão correta para designar o regime era ditadura militar. A fala do aluno se fundamentou na parte do livro em que Carlos Fico afirma ser “correto designarmos o golpe de Estado de 1964 como civil-militar (...). Entretanto, o regime subsequente foi eminentemente militar.”¹⁸⁶

O aluno E descreve que “nesta aula se deu início a segunda parte da averiguação do jornal *Folha do Subúrbio*” e que “com o conhecimento obtido foi possível que a sala pudesse expor nitidamente o ponto de vista do jornal sobre determinados assuntos, como o golpe de 1964, por exemplo.” Ele explica que “mais uma vez, se pôs em manchete que a mídia é sim uma empresa privada, e com isso, ela sempre vai apoiar definitivamente, quem ou o que ela quiser”, buscando “deturpar a opinião dos seus leitores por meio de seus textos.” Ele conclui dizendo que a imprensa, “às vezes, usa até mesmo os mais baixos níveis para obter isso, mudando até mesmo, nome ou inventando-os para não atrapalhar a estética de seus textos: Revolução = Golpe.”¹⁸⁷

O aluno A descreve a aula dizendo que “no dia 12 de novembro, falamos sobre a ditadura militar com o golpe de 1964.” E discorre: “pudemos ter o privilégio de ler os jornais da época e pudemos ver o posicionamento do jornal” bem como a oportunidade de ler “o jornal *Folha do Subúrbio*”. O aluno deixa claro que “nesse dia discutimos o assunto” explicando que “foi muito produtivo, pois pudemos ver diferentes pontos de vista”, assim como foi possível verificar “vários meios de entender o assunto, pois além dos jornais, lemos o livro *O Golpe de 1964*.” E conclui afirmando: “nessa aula todos falaram as coisas que

185 FICO, op. cit., p.07.

186 Ibid. p.09.

187 Aluno E. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 12/11/2019.

aconteceram no golpe e foi fácil de entrar no contexto do que ocorreu na época, com o acesso aos jornais pudemos ver o papel do jornal na época.”¹⁸⁸

Já o aluno D explica que nesta aula “falamos sobre o livro ‘O Golpe de 1964’, de Carlos Fico, onde falamos do papel da população, empresários e setores da igreja”, além das “manifestações da marcha da família”, da deposição de João Goulart e de como o golpe civil militar se tornou em uma ditadura militar com o passar do tempo.”¹⁸⁹

Ao analisar a parte do texto que trata da tese do “contragolpe preventivo” – defendida por aqueles que visavam derrubar o Presidente João Goulart e afirmavam que ele pretendia dar um golpe de Estado – chamamos atenção para o que o texto destaca: “em História, entretanto, não podemos analisar o que ‘poderia ter ocorrido’ e não temos como sustentar teses sem o amparo de evidências empíricas”.¹⁹⁰ Aproveitamos para afirmar que o historiador precisa trabalhar com as fontes, se amparando em evidências concretas. O historiador não inventa o passado. Ele interpreta as fontes que tem a disposição. Isso não quer dizer que sua interpretação seja definitiva, mas que elas precisam se pautar em evidências empíricas e não em divagações fruto de sua imaginação.

Mais uma vez os alunos relacionaram os eventos passados com o atual contexto político. Afirmaram que muitos que apoiaram o Golpe/Impeachment da presidente Dilma se arrependeram. Que haviam prometido que muita coisa melhoraria com sua saída, mas que essas promessas não se concretizaram. Novamente, o tema político atual tomou conta do debate na sala e um aluno afirmou que muitos votaram em Jair Bolsonaro por acreditarem que ele roubaria menos do que os outros políticos.

As similaridades entre 1964 e 2016 se tornaram evidentes para os alunos na sala de aula. A turma apontou que a Igreja, a imprensa e os empresários foram setores da sociedade que apoiaram tanto a queda de João Goulart quanto a de Dilma. Eles trouxeram o presente o tempo todo ao analisar o passado. Afirmaram que ninguém identificou que Dilma roubou para que fosse derrubada. Um aluno relacionou a queda de Dilma ao suicídio de Vargas. Informamos que a Presidente Dilma afirmara publicamente que não era Vargas para se suicidar e, que também não renunciaria ao cargo durante o processo de Golpe/Impeachment. Diante das reflexões expostas na sala de aula é importante ressaltar que “quando o aluno

188 Aluno A. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 12/11/2019.

189 Aluno D. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 12/11/2019.

190 FICO, op. cit., p.10.

procura explicações para uma situação do passado à luz da própria experiência revela já um esforço de compreensão histórica.”¹⁹¹ E esse esforço para compreender o passado a partir do presente e vice-versa foi identificado em vários momentos nas oficinas de pesquisa que realizamos.

A partir das afirmações dos alunos, pudemos concluir que nessa atividade foi possível observar que eles conseguiram identificar que os discursos jornalísticos estão também entrelaçado à interesses privados e pessoais, viabilizando a construção de narrativas sobre um determinado fato. Constatamos também uma ótima disposição e interação dos alunos no desenvolvimento da oficina, possibilitando, com a ajuda da metodologia, a compreensão e a contextualização do período histórico estudado, de maneira que o questionamento e a exposição ao contraditório se constituíram em elementos essenciais no progresso da pesquisa.

Por último, fizemos a chamada e solicitamos aos alunos que elaborassem o relatório dessa oficina em casa. Entregamos a eles alguns textos para serem lidos em casa paralelamente com a leitura das fontes.

- Para a **Equipe 1** entregamos o capítulo *Celebrando a “Revolução”*, do livro *Pelas Ruas da Cidade: O Golpe de 1964 e o Cotidiano de Salvador* e o capítulo *O Golpe*, do livro *O Golpe de 1964: momentos decisivos*, para que a equipe lesse em casa para ser discutido no próximo encontro.
- Para a **Equipe 2** entregamos o capítulo *Antecedentes*, do livro *O Golpe de 1964: momentos decisivos* e o capítulo *Representações*, da tese de doutorado *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, para que a equipe lesse em casa para ser discutido no próximo encontro.

Solicitamos que cada equipe se dividisse em dois grupos, para que cada parte da equipe se debruçasse sobre um dos temas sob sua responsabilidade.

10^a, 11^a e 12^a Aulas: 21/11/2019

A aula dessa vez ocorreu novamente na sala regular da turma e aconteceu de maneira atípica, pois havia chegado à sala com 20 minutos de atraso, devido a uma atividade que

191 BARCA, op. cit., p.137.

estava sendo desenvolvida com outra turma. Esse tempo perdido prejudicou um pouco o andamento da atividade prevista para esse dia, nos fazendo refletir ao final da aula sobre a necessidade de sua complementação no dia seguinte.

Iniciamos explicando que o objetivo do dia seria debater os textos que foram distribuídos na última aula, dialogando com as investigações que eles já tinham feito com as cópias das edições da *Folha do Subúrbio*. Assim o aluno C narrou sobre a atividade deste dia:

No dia 21/11/2019, tivemos o quinto encontro. Já sabíamos qual o ponto de vista do jornal em relação à política externa norte-americana e qual era o ponto de vista do jornal em relação ao comunismo. Debatesmos muito sobre o jornal através do livro O Golpe de 1964, de Carlos Fico, mas a aula chegava ao fim. Na sexta-feira demos continuidade ao assunto e no final o professor passou dois artigos para cada equipe fragmentando as duas equipes em duplas e trios.¹⁹²

Logo no início das discussões, um aluno da Equipe 1 explanou: “professor, não foi golpe, foi uma festa”, se referindo aos festejos ocorridos na *Marcha da Família com Deus pela Democracia*, realizada no dia 15 de abril de 1964, em Salvador. Segundo ele, partindo das notícias dos jornais que cobriram o evento, “parecia que foi algo bom”. Nesse momento, explicamos que setores urbanos da sociedade brasileira – incluindo empresários, classe média e grupos ligados à Igreja Católica – apoiaram a realização das “Marchas” em várias cidades do país. Por outro lado, chamamos a atenção dos alunos que setores da classe trabalhadora e as massas populares apoiavam o Presidente João Goulart, a ponto das pesquisas eleitorais da época indicarem ele como favorito para ganhar as eleições de 1965.¹⁹³

Vale uma observação neste momento: inicialmente, pensamos em discutir cada um dos textos com os alunos. Porém, durante o desenvolvimento da aula, os alunos foram trazendo observações de cada um dos textos na medida em que discutíamos assuntos distintos. Essa dinâmica proposta por eles foi bastante interessante, pois foi possível observar como eles faziam o diálogo entre os textos sem que fosse necessário seguir um roteiro amarrado proposto para cada um deles. Pensando na perspectiva que coloca os alunos como agentes atuantes no processo de aprendizagem e percebendo que aquela dinâmica funcionava muito bem com aquela turma, não hesitei em adotá-la rapidamente.

Os alunos iniciaram com as observações presentes no livro, *Pelas Ruas da Cidade: O Golpe de 1964 e o Cotidiano de Salvador*, com o capítulo, *Celebrando a “Revolução”*.

192 Aluno C. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 21/11/2019.

193 FICO, op. cit., p.08.

Indagamos em que tom se deu as manifestações que ocorreram em Salvador no dia 15 de abril de 1964 e eles observaram que os manifestantes traziam o apelo religioso, a ideia do combate a corrupção e o anticomunismo como norte das reivindicações. Nesse momento, fizemos com eles uma relação com o presente e eles salientaram que as manifestações que possibilitaram a queda da Presidente Dilma em 2016, também traziam algumas dessas pautas. Lembraram que houve um papel significativo de setores religiosos nessas manifestações, assim como em 1964, e o fato do PT ter sido acusado em vários momentos de ser comunista por aqueles que visavam a derrubada do partido.

Um aluno destacou que para determinados grupos “todo partido de esquerda é comunista”. Explicamos que essa estratégia tem sido utilizada ao longo da nossa história, que Vargas, por exemplo, utilizou desse argumento para implementar o Estado Novo, assim como os militares e setores da sociedade civil fizeram em 1964, e que infelizmente, ouvimos esses discursos novamente nos últimos anos.

O aluno I descreve que “no dia 21/11/2019 nos reunimos na sala para finalizar nossos estudos sobre o jornal e debatermos sobre o livro *Pelas Ruas da Cidade: o Golpe de 1964 e o cotidiano de Salvador* e o livro *O Golpe de 1964: momentos decisivos*.” Ele esclarece que a atividade tinha “como objetivo ver outra narrativa sobre o golpe, separando partes importantes sobre o livro para debatermos” e conclui dizendo que “ao final da aula nós tiramos dúvidas sobre como construir o artigo, e todos esses estudos com o jornal e livros teve como objetivo entendermos mais sobre o jornal *Folha do Subúrbio* para fazermos nosso artigo científico.”¹⁹⁴

Neste dia, os alunos chamaram atenção para a participação feminina na “Marcha” em Salvador. Disseram que entenderam que as mulheres foram utilizadas para representar a família contra o comunismo. Um deles chegou a utilizar o termo “feminismo” se referindo à participação feminina. Explicamos que aquela manifestação não tinha um caráter feminista, que reivindicasse direitos referentes às mulheres, e sim, que representava a voz de um setor conservador da sociedade. Para além disso, vale ressaltar que existem muitos e diversificados movimentos de mulheres. Há uma parcela que representa valores burgueses e conservadores. Alguns reivindicam interesses das mulheres e das famílias numa perspectiva burguesa de manutenção de status. Talvez esse fosse o caso nas marchas de 1964.

Nesse instante eles novamente relacionaram o passado com o presente e explicaram que, segundo o texto, naquele momento, a sociedade brasileira estava polarizada, assim como

194 Aluno I. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 21/11/2019.

hoje. Disseram que naquele contexto, a divisão estava entre João Goulart e os partidos de esquerda da época, contra os militares e setores da Igreja Católica e que hoje, a divisão está entre os defensores do PT, ligados às classes mais populares e o Presidente Bolsonaro, ligado a uma classe média conservadora.

Na sequência, um dos alunos afirmou que a mídia teve um papel muito grande nas “Marchas” em 1964, e que isso foi fundamental para mobilizar a população para a derrubada de Goulart. Ele identificou que isso também aconteceu com as manifestações que levaram à queda da Presidente Dilma em 2016. Explicamos que apesar de a grande mídia ter sim, uma forte influência sobre a população, não devemos superestimar ela. Esclarecemos que mesmo com toda essa manifestação apoiada pelos jornais em 1964, o Presidente João Goulart tinha um enorme apoio popular, o que o colocava como favorito para as eleições de 1965; o que incomodava a oposição, pois via a dificuldade que tinha em chegar à presidência naquele ano.

Em seguida a Equipe 2 iniciou uma explanação sobre o texto de Rodrigo Patto Sá, que trata do discurso anticomunista em 1964. Eles exploraram o capítulo que aborda as representações que foram feitas sobre o comunismo nesse período. Os alunos explicaram que esse anticomunismo já vinha desde a década de 1930, quando aconteceu a *Intentona Comunista*.¹⁹⁵ Essa equipe utilizou a estratégia de ler o texto e depois explicar o que entendeu. Isso tornou menos dinâmico o debate, mas, mesmo assim, foi proveitoso. Disseram que, segundo o texto, os questionamentos ao comunismo se concentravam na pobreza da URSS e na ineficiência da economia soviética, assim como também, atacavam muito Cuba, devido à política de “descristianização” e a prática de fuzilar os adversários do regime.¹⁹⁶ Indagamos se eles conseguiam relacionar essa afirmação às fontes do jornal que estavam investigando e disseram que em vários textos do periódico identificaram reportagens que atacavam a economia Soviética e tratavam também do problema da fome. Lembraram da edição do jornal que dizia que Fidel vendia o sangue dos mortos para o exterior.

Os alunos levantaram também, uma discussão sobre João Goulart ser ou não ser comunista. O texto explicava que João Goulart compareceu em todas as cerimônias do culto aos mortos de 1935¹⁹⁷ e houve um debate na sala e chegaram a conclusão de que, mesmo que Goulart fosse comunista, ele se esforçava para provar o contrário nesse caso. Explicamos aos alunos que Goulart vinha de uma família de latifundiários do Rio Grande do Sul, e que sua

195 MOTTA, op. cit., p.301.

196 Ibid., p.301.

197 Ibid., p.302.

trajetória política mostrava sua ligação com o trabalhismo varguista, pois fora Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas na década de 1950.

Os discentes destacaram que a Igreja Católica não tinha se envolvido diretamente nas manifestações que levaram à derrubada do Presidente e disseram que, segundo o texto, setores da Igreja estavam mais preocupados com os problemas referentes à pobreza no país do que a “ameaça comunista”. E por isso, acreditavam que ela não tinha se empenhado diretamente nas manifestações.¹⁹⁸ Porém, explicamos para eles que vários setores sociais ligados à Igreja Católica participaram ativamente das manifestações.

Eles também chamaram atenção para a defesa da “democracia”, proclamada pelos apoiadores do Golpe de 1964 e explicaram que o texto lido afirmava que essa defesa era algo vazio, pois logo que assumiu o poder, os militares violaram rapidamente os princípios democráticos.¹⁹⁹

Não foi possível concluir as discussões e, por isso, os alunos foram avisados que continuaríamos o debate no dia seguinte. Essa aula foi bastante dinâmica, pois os alunos foram surpreendentemente atuantes. Leram os textos em casa e souberam propor o debate, relacionando-os com as fontes que estavam pesquisando, ligando a prática da investigação com a teoria observada na bibliografia existente. Apesar de termos selecionado cuidadosamente os textos, havia o receio da proposta não funcionar, pois se tratava de textos direcionados, não necessariamente para alunos do Ensino Médio. O resultado foi bastante positivo, demonstrando que quando os alunos se sentem construtores do conhecimento, a dedicação se torna maior, possibilitando superar as limitações existentes em sua leitura e interpretação de texto.

13^a, 14^a e 15^a Aulas: 22/11/2019

No dia seguinte, mediante a negociação de horários com os professores de Química e Matemática, conseguimos finalizar as oficinas. Trabalhamos com os alunos nos três primeiros horários, porém, houve um pequeno atraso de 15 minutos para iniciarmos a atividade.

Começamos a aula/oficina com a preocupação em dar seguimento às discussões dos textos que havíamos iniciado no dia anterior. Logo de início, os alunos trouxeram a discussão referente a questão do Golpe de 1964 ter sido “pacífico” ou não. Baseados nas leituras feitas

198 Ibid., p.305.

199 Ibid., p.306.

do livro de Carlos Fico, *O Golpe de 1964: momentos decisivos*, eles afirmaram que seria um mito a ideia de um golpe pacífico em 64.²⁰⁰ Eles citaram as mortes de Ari Cunha e Labib Abduch, mortos no Largo do Caco, no Rio de Janeiro, em 1º de abril de 1964. Os alunos explicaram que, segundo o livro, o golpe não foi pacífico e que teve mortes também no Nordeste. Sobre este dia o aluno E relatou que “nesta aula se estudou o livro do historiador Carlos Fico, (...) que tem muito a ver com o nosso objeto de pesquisa que é a ditadura militar e o golpe.” O aluno explica que o “livro dá um outro ponto de vista sobre o tema que é supercomplexo.” Para ele, “com o auxílio do livro foi possível criar um debate sobre o assunto, expondo os nossos conhecimentos em público.”²⁰¹

Os estudantes levantaram uma discussão afirmando que a partir desse momento o país ficou dividido entre os que apoiavam os militares e os contrários ao regime e explicaram que quem não apoiasse o governo era considerado inimigo. Um dos alunos lembrou do livro de Thiago Machado de Lima, *Pelas Ruas da Cidade: o golpe de 1964 e o cotidiano de Salvador*, e disse que nas manifestações da “Marcha” em Salvador, que comemorara a “Revolução”, já iniciava uma polarização política. O aluno leu o texto que dizia:

Curiosamente, apesar de toda a preparação, organização e adesões, o evento não se processou sem conflitos. Muitos acabaram atingidos de forma negativa com os resultados da “Marcha”. A não participação no evento, sem motivo contundente, gerava um estigma. A patrulha foi grande em Salvador. Um clima de polarização em que se dizia “se não está a favor, então é contra.”²⁰²

Questionamos se eles identificavam alguma semelhança dessa polarização política em 1964 com a atualidade. Os alunos explicaram que atualmente, o país está dividido entre aqueles que defendem o Partido dos Trabalhadores (PT) e os que defendem o atual Presidente Jair Bolsonaro. Relacionaram o PT a João Goulart, trazendo a queda da Presidente Dilma em 2016, assim como também, ligaram Bolsonaro aos Militares de 1964. Lembraram que o Presidente em vários momentos afirmou que o que aconteceu em 64 não foi golpe e que concordava com as ações que o regime que se instalou naquele momento praticara.

A Equipe 1, observando mais uma vez o texto de Carlos Fico, no Capítulo, “*O Golpe*”, que trouxe o discurso de Jango proferido no dia 13 de março afirmando que,

O cristianismo nunca foi o escudo para os privilégios condenados pelo santo padre, nem também, brasileiro, os rosários podem ser levantados contra a vontade do povo e

200 FICO, op. cit., p.59.

201 Aluno E. Relatório produzido pelo estudante do 3ºB matutino, do Colégio Estadual Prof.º Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

202 LIMA, op. cit., p.81.

as suas aspirações mais legítimas. Não podem ser levantados os rosários da fé contra o povo, que tem fé numa justiça social mais humana e na dignidade das suas esperanças. Os rosários não podem ser erguidos contra aqueles que reclamam a discriminação da propriedade da terra, hoje ainda em mãos de tão poucos, de tão pequena minoria.²⁰³

Os alunos lembraram que essa fala de Jango teria sido a origem das “Marchas” e que grupos religiosos teriam se sentido ofendidos por Goulart. Perguntamos aos alunos se eles identificavam alguma ofensa ao Rosário. Depois de ler o trecho do discurso, os estudantes afirmaram que não conseguiam identificar uma ofensa de Goulart ao Rosário, e sim que ele trazia um discurso bem próximo do cristianismo, preocupado com os mais pobres. Disseram que foi providencial distorcer a fala do Presidente num momento de polarização política.

Expuseram também que muitos que apoiaram o golpe de 64, se arrependeram e depois foram afastados do regime. Um dos alunos citou dois trechos do *Correio da Manhã* – contidos no livro de Carlos Fico – que no dia 31 de março pedia a queda do governo de João Goulart e no dia 02 de maio, denunciava os abusos de poder do regime recém-instaurado.²⁰⁴ Lembramos que ao chegar ao poder, os militares depuseram governadores eleitos e prenderam ministros e deputados sob a desculpa do anticomunismo.

Os discentes fizeram uma alusão ao presente e perguntaram sobre a possibilidade de o mesmo acontecer atualmente no país. Expomos que os tempos são outros e que apesar de haver uma “onda conservadora” no país, ainda temos Instituições Republicanas que aparentam funcionar, e que isso dificultaria qualquer ameaça real à Democracia. Porém, salientamos também que a Democracia é uma planta que deve ser regada diariamente, e portanto, é preciso ficar sempre atentos a qualquer ameaça.

Um dos estudantes afirmou que o jornal tinha uma defesa bastante elitista e que por isso, não fazia jus ao nome, *Folha do Subúrbio*. Argumentamos que o nome se deve ao fato das primeiras edições do jornal terem sido publicadas no bairro do Lobato, no subúrbio ferroviário de Salvador. Além disso, explicamos aos alunos que não quer dizer que o jornal fosse estritamente elitista, mas que apenas fazia coro naquele momento ao discurso anticomunista. Lembramos aos alunos que o periódico em várias edições fazia a defesa do trabalhismo varguista e do desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek.

Trazendo novamente as discussões para o presente, os alunos fizeram uma relação da polarização política da década de 60, com o presente, afirmando que da mesma forma que

203 GOULART, João apud FICO, Carlos. *O Golpe de 1964: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p.60-61.

204 FICO, op. cit., p.65-67.

João Goulart era chamado de comunista, o ex-Presidente Lula também sofre essas acusações no presente. Fizeram essa relação para dizer que o discurso anticomunista sempre foi usado para atacar politicamente governos que tivessem alinhados com a defesa dos interesses do povo. Esclarecemos que apesar do PT, em sua origem, ter sido fundado por alguns membros que compactuavam com um discurso de cunho marxista – liderado por Luiz Inácio Lula da Silva – a agremiação política sempre se colocou como um partido trabalhista, disposto a participar do jogo político da democracia burguesa e, em seus governos, não sinalizou em nenhum momento para qualquer medida que apontasse para soluções de caráter comunista. Lembramos também que o PT foi duramente criticado por setores da esquerda durante os seus governos por fazer um governo considerado por eles conciliador.

Em meio a discussão, um aluno disse que via o comunismo como algo bom, pois lutava pelos mais pobres. Esclarecemos que, como filosofia política, o comunismo é uma corrente de pensamento que prega uma sociedade mais justa e igualitária, porém, que nos países que se tentou implementar alguma política parecida, houve efeitos colaterais questionados pela comunidade mundial e local. Salientamos também que não se deve perder de vista que a luta por uma sociedade mais justa e igualitária perpassa por um modelo democrático de sociedade.

Neste momento, a dupla que ficou responsável por ler o capítulo do livro de Carlos Fico que trata do contexto da Guerra Fria no período estudado se pronunciou. Os alunos explicaram que segundo o livro, foi a partir da Intentona Comunista de 1935 que surgiu com força o discurso anticomunista no Brasil.²⁰⁵ Eles salientaram que durante a Segunda Guerra Mundial o país se tornou estratégico para os EUA, no que se refere à venda de armas para o país latino-americano. Mas que após a Revolução Cubana, os americanos resolveram dar uma atenção maior ao Brasil, por medo de algo parecido acontecer no maior país da América do Sul. A partir de então, os norte-americanos começaram a apoiar regimes militares na região. Os alunos explicaram que naquele contexto, os EUA se colocaram como o “Grande Irmão do Norte”.²⁰⁶

Um dos discentes perguntou se os *estadunindenses* acreditavam de verdade na ameaça comunista ou se era apenas um discurso político para colocar no poder governantes que estavam alinhados com os interesses americanos. Explicamos que a pergunta não era fácil de responder, mas que, segundo os pesquisadores da área, havia um medo sim nos EUA, de que

205 Ibid., p.24.

206 Ibid., p.25.

algo parecido com o que houve em Cuba, acontecesse em outros países da América Latina. Explicamos também que havia uma paranoia anticomunista nos EUA, insuflada pelo contexto da Guerra Fria em que os governos Norte-Americano e Soviético disputavam zonas de influência no mundo. Os *estadunidenses* não queriam correr o risco de perder o controle geopolítico da região.²⁰⁷

Novamente, os alunos trouxeram o presente para discussão, perguntando sobre o papel dos EUA na atual crise na América do Sul. Explicamos que não dispomos de elementos claros no momento para fazer essas afirmações, mas que a atual crise é interessante para os norte-americanos, pois enfraquece a região política e economicamente, limitando o poder de barganha nas questões econômicas e geopolíticas.

Advertiram que na década de 1960, antes mesmo do golpe em 64, os americanos já financiavam campanhas eleitorais de candidatos que tivessem alinhados com suas ideologias.

Depois os alunos foram orientados sobre como deveriam produzir os artigos baseados nas pesquisas que estavam desenvolvendo com o jornal *Folha do Subúrbio*. Pedimos para que eles criassem um blog que viabilizasse a publicação dos textos que as equipes iriam elaborar. Sobre a produção textual, orientamos que respeitassem as normas básicas da ABNT, ou seja, fonte Times ou Arial, tamanho 12 e texto justificado.

O corpo docente do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire já desenvolve com os alunos o trabalho de produção textual ao longo do ano e a partir dessa constatação, solicitamos que eles dessem atenção às citações no texto, tanto do jornal que eles estavam pesquisando, quanto da bibliografia lida.

Para escrever os textos, as equipes se dividiram em duas, uma vez que seriam 4 textos a serem produzidos. Cada texto tinha como objetivo responder um problema de pesquisa relacionado ao jornal *Folha do Subúrbio*. A primeira equipe ficou responsável por responder qual foi o posicionamento do jornal diante das mobilizações políticas que possibilitaram o golpe em 31 março de 1964. A segunda equipe responderia qual foi a posição política e ideológica do periódico em relação ao regime militar recém-instaurado. A terceira equipe ficou responsável por identificar o discurso narrativo do periódico referente ao pensamento comunista e os regimes que assim se autodenominavam no mundo no período estudado. A quarta equipe ficou incumbida de descrever a narrativa do jornal referente à política externa

207 Ibid., p.26-27.

Norte-Americana e seu alinhamento político com o regime militar, no contexto da Guerra Fria.

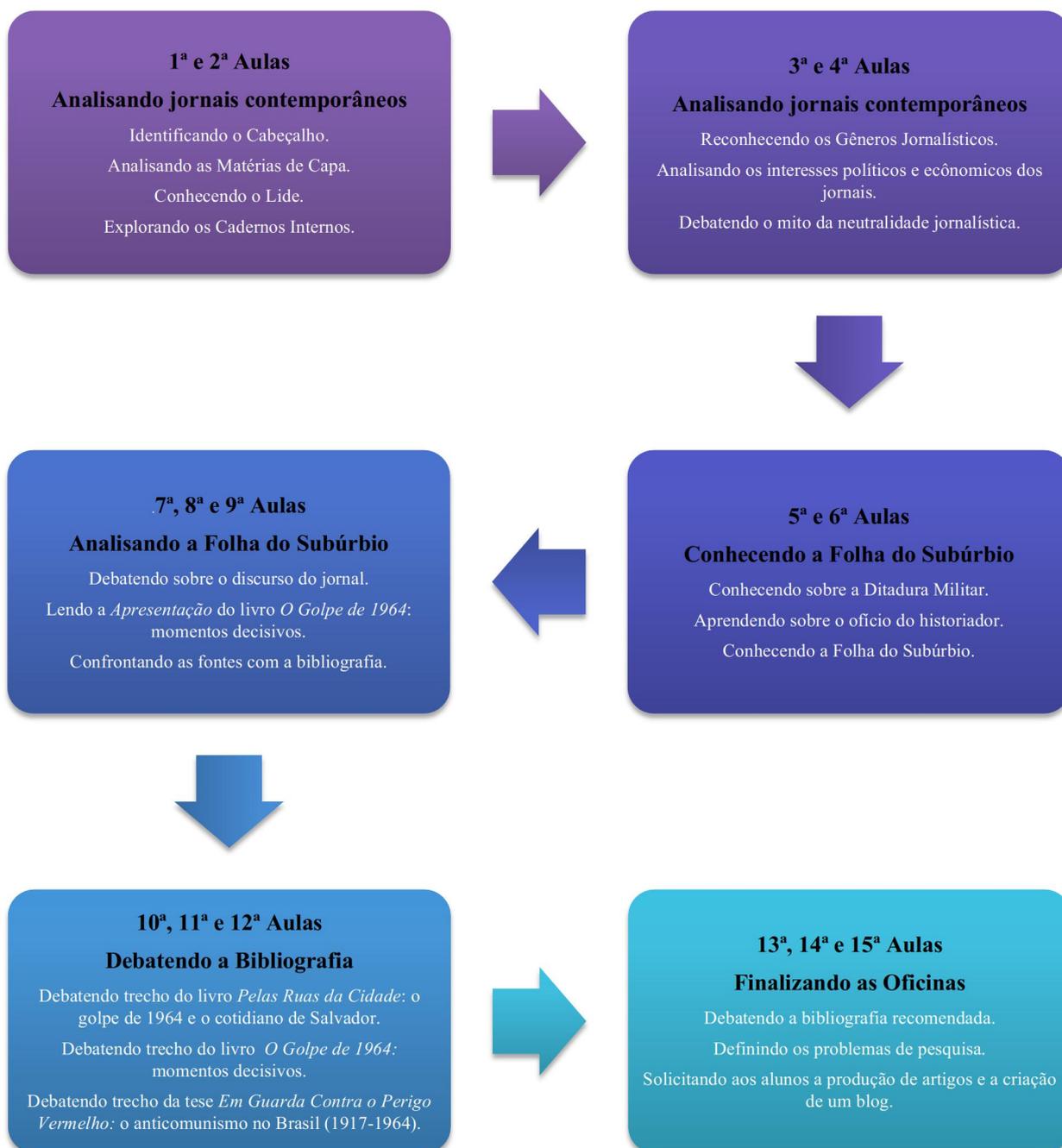
Ao final, entregamos aos alunos um questionário sobre a experiência de trabalhar com oficinas de pesquisa em sala de aula usando jornais, para que eles respondessem em casa e trouxessem na próxima aula.

Vale salientar que ao longo da semana os alunos procuraram pelo professor diversas vezes buscando mais orientações sobre o processo de produção de texto. Aproveitaram momentos de aulas vagas durante a semana para tirar dúvidas sobre problemas da escrita e das regras da ABNT demonstrando entusiasmo com a tarefa que estavam realizando. Essa postura dos alunos é uma característica bastante evidente da educação pautada na pesquisa, pois nessa metodologia de ensino o professor se torna um mediador do conhecimento e o estudante aquele que o constrói através da investigação, tornando a experiência ainda mais instigante para eles.

Nessa última aula/oficina percebemos uma apropriação do conhecimento estudado, de maneira que dificilmente havia observado em outras aulas convencionais. Ao utilizar textos mais próximos do mundo acadêmico e de fontes primárias, os alunos aparentaram estar mais motivados e dedicados ao trabalho, proporcionando um maior domínio do assunto pesquisado. Em vários momentos, eles ligaram o conhecimento adquirido na bibliografia lida com as matérias do jornal pesquisado e isso possibilitou que a História deixasse de ser um conhecimento estático na cabeça deles, algo visto apenas nos livros, para ser um conhecimento construído a partir do mundo real, alicerçado em pesquisa empírica, mas reconhecendo o caráter interpretativo desse conhecimento pesquisado, que tem não como objetivo trazer “verdades absolutas”, e sim apresentar “verdades” que estão em processo de construção histórica.

Fluxograma

Roteiro Didático das Oficinas Realizadas em Sala de Aula



3.3 – Analisando os questionários

Após o desenvolvimento do trabalho em sala de aula entregamos um questionário aos alunos para que eles registrassem suas reflexões ou impressões sobre a experiência que tiveram com as oficinas de História com o uso de jornais. Com este questionário buscamos também dados e informações que permitissem a nossa reflexão tanto sobre a experiência das oficinas vivenciadas com eles quanto sobre a nossa prática como professor da educação básica ao longo de dez anos.

O questionário foi previamente elaborado com oito perguntas que visaram esclarecer a percepção dos discentes em relação à metodologia do trabalho utilizada nas aulas de História. Todos os alunos que participaram das oficinas de pesquisa entregaram o questionário devidamente preenchido, maximizando assim a sua taxa de retorno.

A primeira pergunta foi: “você gostou de participar das oficinas com uso de jornais nas aulas de História?” e todos afirmaram ter gostado. Este foi um aspecto que já havíamos percebido durante os trabalhos em sala de aula, pois os alunos se mantiveram bastante engajados nas atividades propostas, demonstrando muito entusiasmo e, analisando essa primeira pergunta, observamos pontos que nos ajudaram a compreender parte da insatisfação, da falta de interesse e da dificuldade de aprendizagem dos alunos no Ensino Básico.

A maioria dos alunos chamou atenção para a inovação do método de oficinas com o uso de jornais. Assim, percebemos em suas respostas, o entusiasmo por terem trabalhado com uma metodologia de ensino que para eles, era uma novidade e um dos alunos assim escreveu: “Gostei, achei interessante esse método de aula. Forma inovadora de se passar o assunto, onde cresce o interesse do aluno para aprender mais sobre o determinado assunto.”²⁰⁸ Para ele, as oficinas com o uso de jornais, além de estimulante, despertaram o interesse para a aprendizagem.

É necessário refletirmos sobre as dificuldades que nossas escolas públicas - tanto na esfera municipal quanto na estadual - têm para se transformarem, no que diz respeito a adoção de metodologias que despertem o interesse e estimule o aprendizado do aluno. A escola que não leva em consideração a produção científica em seu ambiente educacional pode se restringir “a produzir professores e alunos que, muitas vezes, apenas repetem o que está

208 Aluno G. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

escrito nos manuais didáticos”²⁰⁹, tornando-se descontextualizada das necessidades e demandas do século XXI. Isso transforma a escola num espaço desinteressante para o aluno, comprometendo sua capacidade de aprender.

Para Marcelo Souza Oliveira,

Essa realidade pode ser explicada em virtude da precarização do sistema de ensino e da resistência da manutenção de um sistema que há muito tempo já deu sinais de esgotamento. A revisão da literatura produzida pela experiência humana é de suma importância para a construção intelectual dos educandos da educação básica, mas é patente, também, que não se constroem conhecimentos sem o uso da criatividade, da dúvida e da curiosidade e esses são sentimentos que a escola, com suas metodologias convencionais, tem sentido dificuldade em provocar em seus educandos. De fato, por mais que se façam críticas sobre a educação bancária, a verdade é que, Brasil afora, a realidade nos mostra que muito não se tem distanciado, nas escolas, das práticas da reprodução do conhecimento. Tal contexto tem afastado muito o jovem do prazer do ato de aprender e da curiosidade pelas ciências, visto que essa não apresenta nada de novo nem de desafiador.²¹⁰

Corroborando com essa reflexão, outro aluno afirmou que gostou de participar das oficinas “porque o método do qual foi aplicado na sala, foi de uma forma nova.” Além disso, “nunca tinha aprendido tanto sobre um determinado tema, porque uma coisa é estudar e gravar e outra coisa é você escolher uma fonte, pesquisar, analisar e ter uma conclusão sobre o tema.” Ele concluiu dizendo que, “embora tudo isso pareça difícil, em prática não é pois na medida em que fui estudando, me interessei pelo tema e tive cada vez mais curiosidade em analisar.”²¹¹

Podemos dizer que as oficinas com o uso de jornais despertaram o interesse dos alunos, em parte, por ser algo novo; diferenciado das aulas comumente ministradas no Ensino Básico, em que dificilmente foge das aulas expositivas e monólogos professorais. Para o estudante E, apesar de a tarefa ter lhe parecido difícil, na medida em que se trabalhava, a curiosidade era mais estimulada e isso potencializou o processo de aprendizado do mesmo.

O simples fato de ter sido uma atividade nova para eles parece que já teve um enorme significado. Em suas respostas, era como se o “novo” fosse sinônimo de estímulo. Outro aluno respondeu que gostou de participar das oficinas porque, “com o estudo dos jornais, nos desvinculamos da forma padrão de estudo, vendo algo mais na ‘prática’, assim tendo melhor

209 CARVALHO; OLIVEIRA, op. cit., p.09.

210 OLIVEIRA, Marcelo Souza. A Iniciação Científica no ensino médio: notas sobre práticas educativas. In: CARVALHO, A. S.; OLIVEIRA, Marcelo Souza.(Org.) *Educação Científica e Popularização das Ciências: práticas multirreferenciais*. Salvador: Edufba, 2016. p.21.

211 Aluno E. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

percepção de senso crítico.”²¹² Ou seja, as oficinas com o uso de jornais, subverteram o modelo de aulas que eles estavam acostumados, pois deixaram de ser simples espectadores e passaram a ser agentes atuantes no processo de aprendizagem a partir da prática de análise de documentos, no caso deles, os jornais.

Identificamos nas respostas dos alunos a importância da prática no processo de aprendizagem. “Tive maior contato com a fonte de pesquisa, mudamos a forma de aprender e estudar em sala de aula, além de trabalharmos em grupo”²¹³, explicou um aluno e outro respondeu que “com o uso de jornais na aula de História, fica mais fácil de aprender porque não estamos só copiando lição da lousa e sim realmente praticando o ensino, com interpretação do texto e imagens”²¹⁴

Essas falas lançam luz para a necessidade de se levar para sala de aula uma metodologia de ensino mais conectada com a realidade, mais concreta, em que o aluno se sinta partícipe do processo de construção do conhecimento, e não apenas um expectador passivo e receptor de um conhecimento produzido na academia. Essa mudança de paradigma pode ser a chave para melhorar o aprendizado de nossos jovens; algo bastante questionado nas últimas décadas.

Na segunda pergunta, questionamos: “Você acredita que atividades como esta contribuem para que os alunos desenvolvam uma leitura crítica dos textos jornalísticos? Explique.” E para esta pergunta os nove estudantes responderam que sim, que houve contribuição da atividade para o desenvolvimento de uma leitura mais problematizada dos textos jornalísticos. O aluno I respondeu que esse tipo de atividade “aumenta nossa interpretação nas nossas leituras e contribui nosso poder crítico em tudo que lemos, não só jornais.”²¹⁵ Segundo ele a atividade de análise de jornais permitiu melhorar a capacidade de interpretação dos estudantes em sua prática de leitura, além de torná-lo menos ingênuo como leitor.

212 Aluno H. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

213 Aluno I. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

214 Aluno A. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

215 Aluno I. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

O aluno B respondeu que “hoje eu já consigo ter um pensamento crítico”.²¹⁶ Provavelmente, ele quis dizer que a partir da experiência, consegue questionar e buscar compreender o discurso que está por trás de cada fala. Segundo o aluno C “muitas pessoas não sabem ler um jornal de forma crítica. Quando se aprende a ler desta forma, se torna bem mais interessante a leitura de um jornal, e assim descobrimos qual a posição o jornal nos mostra estar só pela forma que a crítica vai estar.”²¹⁷ Mais uma vez percebemos que ao se tornar agente do processo de aprendizagem, o aluno visualizou o ato de aprender de maneira mais prazerosa. Ao estimular o pensamento reflexivo do aluno durante a análise de documentos – procurando compreender quem são os agentes por trás do discurso, para quem aquele discurso é direcionado e os interesses que estão camuflados – a ação de aprender e ler se tornou ainda mais agradável.

Ainda segundo Marcelo Souza Oliveira, a pesquisa científica é fundamental para a formação da criticidade no discente. Para ele, “a sua prática no ensino médio propicia aos alunos uma formação ética, assim como aguça a sua autonomia intelectual e desenvolve o pensamento crítico no ensino superior, dotando-os de conhecimentos metodológicos científicos para a pesquisa.”²¹⁸

O aluno G explicou que o uso dos “jornais como forma de aprendizado, influencia a leitura. Lendo os jornais, fica mais fácil de absorver os assuntos. Quanto mais se lê o jornal crítico, mais se desenvolve uma análise crítica.”²¹⁹ Mais uma vez o aluno ressaltou a melhora do processo de aprendizagem evidenciando que, quanto mais se é estimulado, mais se potencializa a capacidade de análise do indivíduo.

Outro ponto que atraiu a nossa atenção nas respostas dos discentes foi a importância que alguns deram para a pluralidade de pensamento em sala de aula, ao afirmarem que esse tipo de atividade estimularia a análise de pensamentos divergentes. O aluno E esclareceu que o método utilizado em sala de aula “possibilitou uma visão mais crítica dos textos em estudo”

216 Aluno B. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

217 Aluno C. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

218 OLIVEIRA, op. cit., p.30.

219 Aluno G. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

porque “a nossa missão era adquirir uma conclusão sobre o texto, e com isso nos possibilitou obter um novo ponto de vista sobre o que é a ‘crítica’ em si.”²²⁰

O aluno A respondeu que nesse tipo de atividade, “todos podem ler e dar sua opinião, discutindo pontos positivos e negativos”. Para ele, com essa metodologia “podemos questionar uma determinada situação com diferentes posicionamentos, isso ajuda também no desenvolvimento social dos alunos e a chegar numa conclusão”, além de permitir “desenvolver e ter uma leitura crítica dos textos.”²²¹

As respostas acima demonstram o quão importante é para o discente ser ouvido. As nossas aulas expositivas, muitas vezes constituídas por monólogos extensos em sala de aula, transformam o estudante em mero ouvinte passivo do discurso professoral e o simples ato de tornar o aluno protagonista do processo educativo estimula o seu aprendizado. Constatamos que “a prática da pesquisa em documentos escritos é um importante meio de qualificação da consciência histórica de nossos alunos, ou seja, contribui para que eles se vejam como participantes e agentes da História.”²²²

É relevante destacar ainda a importância dessa metodologia na busca pelo debate. Ao analisar os jornais, confrontando o seu discurso com os textos produzidos por historiadores especialistas no tema, os alunos tiveram que lidar com discursos divergentes e chegar à conclusões, mediados pelo professor. “Ao levar o pluralismo para a sala de aula, o jornal também leva para a escola uma história truncada. É aí que entra o professor, o qual, com as opções de que dispõe ou escolhas que faz é capaz de ensinar o aluno a ordenar e compreender o caos aparente.”²²³ O debate de ideias alicerçado na análise de documentos e na produção historiográfica produzida sobre o tema sintetiza, no nosso ponto de vista, o ato de educar pela pesquisa no ensino de História, pois acreditamos que “interpretar o passado não significa compreender uma versão acabada da História que é reproduzida no manual ou pelo professor.”²²⁴

Na terceira questão perguntamos aos alunos se “as oficinas contribuíram para despertar seu interesse pelos jornais” e pedimos que eles explicassem suas respostas. Para esta pergunta oito alunos responderam que sim e, um aluno respondeu que ele já tinha o hábito de

220 Aluno E. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

221 Aluno A. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

222 ABUD; SILVA; ALVES, op. cit., p.24.

223 Ibid., p.29.

224 BARCA, op. cit., p.132.

ler jornais, mas que as oficinas possibilitaram aprender mais. Nessa questão, ao justificarem o porquê das oficinas terem contribuído para despertar o interesse pelos jornais, vários alunos salientaram o quanto aprenderam com esse tipo de atividade.

O aluno G assim disse: “após aprender a ler e manusear o jornal corretamente, acabou me chamando a atenção para ler mais jornais. Quando se aprende a fazer algo, se desenvolve mais interesse por aquilo.”²²⁵ Ou seja, segundo ele, quanto mais se aprende sobre alguma coisa, nosso conhecimento se amplia, e portanto, se torna ainda mais interessante o ato de estudar.

Essa atividade mostrou que o uso de jornais pode incentivar os alunos estimulando-os a enfrentar os desafios necessários na prática discente. Concordando com essa afirmação, o aluno A explicou que a atividade possibilitou que ele aprendesse a “ler o jornal corretamente”. Para ele o jornal é um veículo “muito informativo” pois “possui várias notícias”, permitindo “ler a que nos interessa”, sendo que até os assuntos não interessantes “o jornal mostra de um jeito diferente e acaba sendo interessante ler”, uma vez que “o jornal tem diferentes pontos de vista.”²²⁶ Aqui o aluno pode ter confundido a presença de temas diversos com pontos de vista diversos. Essa é uma das armadilhas do jornalismo, pois dá a entender que porta a pluralidade de opiniões por tratar de variados temas, notícias e matérias. Não obstante, percebemos também que para esse aluno, o trabalho com os jornais como fonte, para além de ajudar no aprendizado específico da disciplina de História, possibilitou despertar o seu interesse por assuntos diversos.

Nessa mesma linha de pensamento, o aluno C afirmou que “na verdade”, sempre gostou “de ler jornais” e que “após as aulas das oficinas de História”, aprendeu “muita coisa em relação à leitura e manuseamento de jornais.” Ele argumentou que “depois das aulas com os jornais”, se interessou “bem mais do que antes, pois agora” podia “ler jornais de forma crítica.”²²⁷ Ou seja, o aluno afirmou que apesar de já ter o hábito de ler jornais, foi o trabalho realizado em sala de aula que o possibilitou aprender explorá-lo melhor. O aluno F afirmou também que as oficinas contribuíram para que ele aprendesse a diferenciar “entre notícia e

225 Aluno G. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

226 Aluno A. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

227 Aluno C. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

reportagem e saber interpretar corretamente o jornal.”²²⁸ Para ele, as oficinas permitiram o aprendizado no que diz respeito à interpretação textual; tema tão caro para o Ensino Básico brasileiro.

A experiência docente nos mostra que uma parte do desinteresse dos alunos no Ensino Médio da escola pública se deve à dificuldade de enfrentar assuntos desconhecidos. Como em sua grande maioria eles tiveram uma base escolar deficitária e pouco estímulo para aprendizagem no seu cotidiano familiar – devido às dificuldades da vida material – vários alunos obtiveram pouca experiência concreta com temas e assuntos trabalhados em sala de aula. Isso os atrapalha quando chegam ao Ensino Médio, pois precisam operar com conhecimentos anteriores, adquiridos ao longo de sua vida escolar. Muitos, diante das dificuldades, preferem desistir, por acreditarem que não estão aptos para enfrentar tal desafio. A partir das respostas dos estudantes, vimos que as oficinas estimularam o aprendizado, tornando o ato de aprender mais prazeroso e instigante.

Na quarta questão perguntamos: “E sobre a metodologia adotada, você acha que ela contribuiu para compreender melhor o período da ditadura militar e o papel dos jornais no processo? Explique.” Dos nove alunos, oito responderam que sim, e um aluno respondeu dizendo apenas que gostou da metodologia e novamente, a questão da metodologia como facilitador do aprendizado apareceu nas respostas dos alunos.

O aluno C respondeu que tirou “muitas dúvidas” e descobriu “muitas coisas importantes”, destacando ainda que aprendeu que “precisamos estudar o passado para entender o presente. E dessa forma é bem mais fácil estudar o período da ditadura militar e também podemos estudar as críticas dos dois lados da história.”²²⁹

Percebemos nessa resposta, que para o aluno, a utilização dos jornais como fonte o ajudou a entender o passado e que a partir das discussões em sala de aula ele chegou a conclusão de que estudar a História é importante para a compreensão do presente. Além disso, a análise dos documentos e os debates levantados durante as oficinas permitiram que narrativas divergentes fossem confrontadas, possibilitando que o aluno buscasse o próprio caminho discursivo diante do impasse retórico.

228 Aluno F. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

229 Aluno C. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

Vera Cabana Andrade, ao repensar o documento e sua utilização no Ensino de História, explica que o professor-pesquisador,

No cotidiano da escola, problematiza o ensino colocando questões do universo e da vivência dos alunos, fazendo com que o conteúdo, tantas vezes completamente externo e estranho à vida deles, adquira significado para os educandos. Especificamente inerente ao nosso tema, orienta seus alunos a construir o sentido da História através da observação, descrição, comparação e análise dos documentos. Ao escolher um documento, ao qual também atribui um valor de testemunho, sugere um procedimento didático capaz de conduzir seus alunos à superação da compreensão do documento como prova real, passando a ser entendido como fonte, isto é, marca(s) do passado, fragmentos de memória, vestígios de um tempo vivido, indícios de situações vividas, representação de uma época.²³⁰

As questões trazidas pelos alunos, no que diz respeito à sala de aula como um espaço para discutir e debater o contraditório é bastante atual, num momento em que os professores sofrem acusações de doutrinação ideológica por parte de grupos que desconhecem o chão de uma sala de aula. Nesse quesito, podemos afirmar que a metodologia adotada estimulou o amplo debate uma vez que os alunos tiveram acesso às fontes da época estudada e eles trabalharam empiricamente na construção do saber. Não receberam o conhecimento mastigado e tiveram que confrontar as narrativas dos jornais com análises aprofundadas apresentadas por literatura alicerçada na historiografia brasileira. Isso estimulou o debate e a busca por respostas reflexivas para questões aparentemente simples.

Neste entendimento, Marcelo Oliveira ainda aponta que “as práticas de leitura” proporcionadas pelas metodologias inerentes “à educação científica podem ser instrumentos interessantes no sentido de formar estudantes habituados não só com o hábito de ler e escrever, mas também de discutir as suas produções, a de seus colegas e a de autores consagrados.”²³¹

O aluno A respondeu que conseguimos “ver a posição do jornal e o modo que foi tratado o assunto.” Para ele, “isso ajudou a compreender mais, pois tivemos acesso privilegiado ao jornal daquela época e pudemos mergulhar mais fundo no que aconteceu no período da ditadura.”²³² Esta é outra resposta que sinaliza que a metodologia adotada foi um facilitador do processo de aprendizagem discente. E nessa mesma linha de raciocínio, o aluno G explicou que os jornais funcionaram como instrumento facilitador da sua aprendizagem ao

230 ANDRADE, Vera Cabana. Repensando o Documento Histórico e sua Utilização no Ensino. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007. p.234-235.

231 OLIVEIRA, op. cit., p.35.

232 Aluno A. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

dizer que, “usando o jornal da época o entendimento do assunto foi muito maior” e esclareceu que “com os jornais a imersão na época estudada” foi “maior” e “o absorvimento do assunto” foi “muito maior por ser um jornal da época”. Assim, “dá para se ter uma ideia maior de como era na época.”²³³ Ou seja, para este aluno, o trabalho com as fontes foi fundamental e a imersão nos mesmos foi necessária para se compreender o passado. Concordando com a afirmação do colega, o estudante D disse que “com os jornais deu para saber o que se passava naquela época”²³⁴, já o aluno I afirmou que “quando estudamos com as fontes e corremos atrás das informações isso nos desperta curiosidade, deixando mais fácil o aprendizado.”²³⁵

As afirmações acima sintetizam bem o que estamos discutindo sobre o uso de fontes em sala de aula, no nosso caso, mais especificamente, as edições do jornal *Folha do Subúrbio*. Vera Cabana Andrade deixa claro sobre a necessidade da realização desse tipo de atividade no Ensino de História argumentando que,

A nova concepção de *documento*, que explicita sua utilização para muito além da mera função de ilustração e/ou motivação, aponta para o redirecionamento da atividade didática do professor como condutor do processo ensino-aprendizagem. Em contato com os *documentos*, professores e alunos constroem, no ato de ensinar e aprender, as relações e representações entre o passado e o presente, numa experiência possível de leitura de mundo. O ensino de História a partir do trabalho com fontes documentais possibilita, ainda, a professores e alunos identificarem, repararem, registrarem e (re)significarem no cotidiano vivido as marcas do passado.²³⁶

Continuando com o questionário, perguntamos aos discentes na questão cinco: “O que você tem a dizer sobre a metodologia de Ensinar pela Pesquisa com o uso de jornais nas aulas de História?”

Nessa pergunta reapareceram as respostas relacionadas à metodologia como algo novo e estimulador. O aluno C afirmou que achou a metodologia das oficinas “uma ideia muito boa” e, isso porque “as aulas de História ficaram mais legais e foi mais fácil de aprender porque discutimos todos juntos. Com esse método dá mais vontade de estudar e entrar no assunto porque é diferente, não é a mesma coisa que fazemos todos os dias.” Ele ainda argumentou que dessa forma, “conseguimos discutir muitas coisas sobre o assunto e as aulas

233 Aluno G. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

234 Aluno D. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

235 Aluno I. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

236 ANDRADE, op. cit., p.235.

renderam mais”, além de ter conseguido “aprender não só sobre a ditadura, mas outros conceitos também.”²³⁷

Identificamos nesta resposta que a metodologia de Ensinar pela Pesquisa tornou o ato de aprender mais satisfatório e estimulante para eles. Vários alunos, para exemplificar o que queriam dizer, fizeram analogias com as aulas tradicionais que comumente são ministradas na Rede Pública de Ensino e percebemos que o componente da novidade, para eles foi bastante importante. Mas não só isso. Em vários momentos, ao longo do questionário, os estudantes sinalizaram o quanto a metodologia ajudou no aprendizado.

Segundo o aluno G foi “uma ótima experiência para desenvolver o conhecimento de alguns assuntos”²³⁸ e o aluno C alegou que foi “uma ideia brilhante, estudar jornais em sala de aula. Força a gente entrar em debate e entrando em debate, tiramos dúvidas e demonstramos o que aprendemos, além de aprender a ler os jornais de forma crítica e saber qual é a posição do jornal.”²³⁹

Um ponto que nos chamou atenção nessa questão foi que alguns alunos sugeriram que esse tipo de metodologia fosse agregado ao currículo da escola, a exemplo do aluno E que propôs que o “trabalho poderia e deveria ser incluído no calendário escolar nos anos posteriores, pois beneficia o aluno de tal maneira, que é possível notar diferença nos primeiros dias de estudo.”²⁴⁰

Concordando com a proposição acima o aluno I respondeu que acreditava que “todas as escolas na matéria de História e Português deveriam usar jornais como fonte de pesquisa pois desperta o interesse de buscar conhecimento, além de preparar os alunos para a leitura crítica.”²⁴¹ E o aluno H afirmou achar “válido” e que a metodologia “deveria ser adotada, a fim de sair da monotonia do ensino padrão.”²⁴² O aluno F também achou “inovador o trabalho com jornais”, afirmando que “além de ampliar o universo dos alunos, ajuda a formar leitores e

237 Aluno C. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

238 Aluno G. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

239 Aluno C. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

240 Aluno E. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

241 Aluno I. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

242 Aluno H. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

torna uma aula interessante.”²⁴³ Ou seja, para eles, essa metodologia deveria ser aplicada em outros momentos na escola para que as aulas se tornem mais atrativas e melhor propicie a construção do conhecimento.

Na sexta questão os alunos salientaram mais uma vez, a importância de incorporar as oficinas com o uso de jornais nas aulas, tornando essa prática uma realidade em sua escola. Nós perguntamos: “Você tem alguma sugestão que acredita que poderá melhorar a atividade desenvolvida? Explique.”

A esta pergunta um dos alunos sinalizou que deveria ter “mais oficinas como estas” para que “as próximas turmas de 2020” e “os próximos alunos” tenham a oportunidade de experimentar as “boas experiências” que ele e os colegas tiveram. “Com os próximos alunos tendo esse tipo de aula sobre o período da ditadura, o aluno torna-se capacitado para esses tipos de projetos.”²⁴⁴ Nessa mesma linha de pensamento, outros dois afirmaram: “Sim, mais oficinas como essas nas escolas para as próximas turmas de 2020 e que eles possam experimentar a oficina do jornal.”²⁴⁵ “Mais projetos e oficinas como esse, para que as próximas gerações passem por esse tipo de experiência.”²⁴⁶

Essas respostas demonstram, para além da satisfação de terem participado de um projeto em que se sentiram partícipes da construção do saber, revelaram a preocupação com que outros alunos também pudessem ter a mesma experiência que eles tiveram. Podemos afirmar que, em grande medida, esse posicionamento se deve a insatisfação e o desinteresse pelas aulas convencionais, geralmente constituídas de aulas expositivas somadas a atividade de copiar no quadro e a prova de avaliação. Ao experimentarem um modelo de aula em que se sentiram motivados a aprender, se preocuparam rapidamente, para que isso fosse replicado em outros anos e para outras turmas.

É importante salientar que alguns alunos questionaram a falta de tempo para a complementação do projeto. Todo o desenvolvimento do trabalho durou um mês e meio, e diante das atividades típicas do final do ano que ocorreram na escola os alunos se viram com

243 Aluno F. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

244 Aluno C. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

245 Aluno F. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

246 Aluno G. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

pouco tempo para fazer as análises documentais enviadas para casa e finalizar a produção textual que propomos.

O aluno E sugeriu que os alunos deveriam ter “um prazo de tempo maior para estudar os jornais, pois nós, alunos, tivemos pouco tempo para analisar a fonte e mesmo assim foi possível obter resultado bastante satisfatório” enfatizando ainda: “imagina se tivéssemos mais tempo?”²⁴⁷ O aluno H ainda sugeriu a realização da oficina no “decorrer do ano adequando ao assunto desenvolvido, assim como a adição de vídeo, se possível da época a reanalisar.”²⁴⁸ Nessas afirmações pudemos identificar que os alunos gostariam que a escola utilizasse mais tempo com esse tipo de atividade considerada por eles como bastante prazerosa e produtiva.

Com o objetivo de compreender melhor a opinião dos alunos sobre o trabalho realizado, pedimos que respondessem na sétima questão sobre o que cada um tinha gostado nas oficinas com o uso de jornais nas aulas de História e apresentamos algumas alternativas para que assinalassem como, por exemplo, o método de ensino; o conteúdo; o trabalho em equipe e também deixamos espaço para que eles inserissem outras respostas além de pedir, em seguida, que explicassem o que selecionaram ou acrescentaram. E nesta questão eles poderiam marcar mais de uma alternativa.

Dos nove alunos, seis responderam que o método de ensino foi o que eles mais gostaram na atividade realizada, corroborando com suas respostas nas questões anteriores. E ao explicarem porque gostaram mais da metodologia, deram respostas bastante diversas. Duas delas relacionadas a aprendizagem como por exemplo: “eu escolhi o método de ensino porque o conteúdo pode ser vários, mas esse método de ensino se torna bem melhor para compreensão e estudo.”²⁴⁹ E também: “porque é algo diferente, tive mais interesse em aprender, consegui desenvolver mais, pude praticar a leitura, abrir meus conhecimentos,” e com “o trabalho em equipe pude ver diferentes pontos de vista e mais facilidade para aprender.”²⁵⁰

247 Aluno E. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

248 Aluno H. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

249 Aluno C. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

250 Aluno A. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

Dois alunos escolheram o trabalho em equipe como aquilo que mais gostaram na atividade porque teria dado “para todos interagirem”²⁵¹ disse um deles e o outro explicou que a atividade proporcionou “a aproximação e o pensamento coletivo a fim de respeitar pontos de vista.”²⁵²

Nessa questão identificamos que apesar das justificativas diversas apresentadas pelos alunos, a maioria escolheu a metodologia como o elemento do trabalho que mais gostaram, em consonância com o que já haviam explicado nas questões anteriores.

Encerrando o questionário perguntamos aos estudantes como eles avaliaram as oficinas com o uso de jornais nas aulas de História e apresentamos as opções entre excelente; bom; médio; ruim; péssimo e em seguida pedimos que explicassem a opção marcada.

Dos nove alunos, oito responderam que as oficinas foram excelentes e um que elas foram boas e, as explicações que mais se destacaram nessa questão foram as relacionadas à melhora da leitura e o estímulo à criticidade, como apresentou o aluno I. Ele afirmou que teve “maior contato com as fontes de pesquisa, além de aprender mais sobre a ditadura lendo e pesquisando”, diferentemente da “sala de aula comum onde somente o professor fala e escutamos”, permitindo com isso, “ter um trabalho em equipe mais abordado.”²⁵³

A resposta acima novamente revela a insatisfação que muitos alunos têm com os monólogos expositivos que muitos de nós, professores, comumente ministramos em sala de aula. Em várias respostas ao longo do questionário, pudemos ver o quanto participar ativamente do processo de aprendizagem e construção do conhecimento é extremamente importante para os nossos estudantes. Isso lança luz para o arcaísmo ainda persistente em parte do nosso sistema educacional, tornando em vários momentos pouco estimulante para o alunado pois se pauta, ainda em grande medida, em simplesmente, reproduzir o conhecimento produzido na academia, empreendendo pouco esforço para incentivar os discentes a também, produzirem conhecimento científico em ambiente escolar.

Se sentir agente importante no processo de construção do saber aguça ainda mais a curiosidade, tornando-se um elemento essencial de estímulo pela busca do conhecimento. Para Paulo Freire, “o exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais

251 Aluno D. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

252 Aluno H. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

253 Aluno I. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Profº. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

metodicamente ‘perseguidora’ do seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se ‘regoriza’, tanto mais epistemológica ela vai se tornando.”²⁵⁴

O aluno G explicou que para ele “a oficina foi bem produtiva”, salientando que “a forma de aprendizado” foi “maior”, facilitando “muito a aprendizagem, além de chamar a atenção do aluno para o assunto.”²⁵⁵ Cabe destacar que foi recorrente nas respostas a valorização da metodologia utilizada e que ela teria sido responsável por facilitar o ato de aprender.

Uma parcela dos nossos alunos da Rede Básica de Ensino apresenta geralmente, uma grande dificuldade em compreender os conteúdos ministrados em sala de aula e isso provavelmente, se deva muito mais às metodologias do século passado, ainda largamente reproduzidas em nossas salas de aula, do que a algum problema cognitivo dos alunos. A pesquisa pôde revelar isso, pois a turma escolhida para o trabalho era composta por alunos fora de sua série escolar – a maioria maior de idade e alguns com significativa dificuldade de aprendizado – e mesmo assim, apresentaram bons rendimentos no decorrer das atividades.

Para além da questão do aprendizado, alguns alunos ressaltaram a importância das atividades para sua formação enquanto leitores mais questionadores. O aluno A argumentou que mesmo “com pouco tempo de pesquisa” conseguiu se “desenvolver mais socialmente”. Ele explica que esse “método de ensino é mais fácil de aprender do que lições feitas na lousa” e permitiu “ver um ponto de vista crítico”, possibilitando “compreender melhor os textos, por ser discutidos em grupo”, além de praticar “coisas novas”. Concluiu esclarecendo que “com esse método o tempo passou rápido e foi muito produtivo.”²⁵⁶

Essa fala evidencia a relevância que o aluno deu à metodologia trabalhada como elemento facilitador da aprendizagem. Além disso, o aluno ressaltou que a partir das oficinas, conseguiu compreender melhor os textos e, o trabalho se tornou mais produtivo ao ponto de não ter observado o tempo passar, deixando subentendido o prazer em ter realizado o trabalho. Isso demonstra que quando os alunos praticam uma atividade que lhes dá prazer a percepção do “passar do tempo” acontece sem a ansiedade pelo final da aula, tornando o processo de aprendizagem mais proveitoso para todos.

254 FREIRE, op. cit., p.87.

255 Aluno G. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

256 Aluno A. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

O aluno H respondeu que gostou das oficinas por considerá-las “bastante” proveitosas, porque “além de fomentar o senso crítico”, criou o “estímulo à leitura.”²⁵⁷ Mais uma vez destacando as oficinas como potencializadora de um pensamento mais problematizador durante ato de ler.

3.4 – Analisando a produção textual

Ao final das oficinas de pesquisa solicitamos aos alunos que produzissem artigos referentes aos temas atribuídos a cada equipe organizada desde o início das oficinas. Como já foi dito, a Equipe 1 ficou incumbida de investigar o posicionamento do jornal diante das movimentações políticas e sociais que possibilitaram a derrubada de João Goulart e também, o alinhamento político e ideológico do periódico em relação ao regime civil militar recém-instaurado. A Equipe 2 ficou responsável por investigar as narrativas do jornal no que diz respeito ao pensamento comunista e também, referente à política externa Norte-Americana no contexto da Guerra Fria. Assim, cada equipe produziu dois textos sobre o assunto que estava investigando.

Para essa produção textual, os estudantes resolveram subdividir em duas, cada equipe, atribuindo a cada parte dela a responsabilidade de produzir um texto. Na Equipe 1, os alunos A, D e I se responsabilizaram pela produção do texto referente as mobilizações políticas e sociais que possibilitaram a derrubada do Presidente João Goulart e, o aluno E ficou responsável por escrever sobre o posicionamento político e ideológico do jornal *Folha do Subúrbio* em relação ao regime militar recém-instalado. A Equipe 1 se dividiu assim, devido à facilidade e o interesse do aluno E referente ao tema que assumiu. Na Equipe 2, os alunos F e G ficaram de produzir o texto que trataria da narrativa do periódico no que diz respeito ao pensamento comunista e os alunos B, C e H se incumbiram de escrever sobre a política externa Norte-Americana nas páginas da *Folha do Subúrbio*.

3.4.1 – A Folha do Subúrbio e o Golpe de 1964

O texto da Equipe 1 que trata das movimentações políticas e sociais que

²⁵⁷ Aluno H. Questionário aplicado pelo pesquisador aos estudantes do 3º ano, turma B matutino, do Colégio Estadual Prof. Edilson Souto Freire. 22/11/2019.

desencadearam o Golpe de 1964, foi intitulado como *A Folha do Subúrbio e sua Narrativa ao Golpe Militar*. Analisando esse texto produzido pela equipe, pudemos observar que a partir das orientações fornecidas aos alunos, eles conseguiram organizar a produção textual respeitando parcialmente as regras da ABNT. Estruturaram o texto dentro do que se exige na produção de um artigo; com o título, resumo, palavras-chave e as referências. Porém, é importante ressaltar que todos esses pontos foram apenas parcialmente atendidos e isso se deveu ao pouquíssimo tempo que os alunos tiveram para a produção textual, pois o nosso trabalho se estendeu até o final de novembro, momento em que a escola estava encerrando as atividades do ano letivo como já dito anteriormente.

No que diz respeito à compreensão dos alunos sobre os assuntos debatidos e pesquisados nas oficinas, identificamos no texto dos discentes como o jornal *Folha do Subúrbio* utilizava a suposta ameaça comunista para justificar a oposição ao Presidente João Goulart. Percebemos que os alunos conseguiram relacionar a pesquisa feita junto às páginas do jornal com a bibliografia proposta pelo professor.

Muitos jornais por todo país apoiaram o que chamavam de revolução. Segundo Carlos Fico, em seu livro “O Golpe de 1964: momentos decisivos”, não só os jornais como a igreja católica e setores da classe média urbana apoiaram o golpe a João Goulart. Apoiadores em uma marcha que chamaram de revolução quando na verdade se tratava de um golpe militar.²⁵⁸

Apesar da generalização feita no que se refere à participação da Igreja Católica nos eventos de 1964, notamos que há clareza e entendimento referentes aos setores sociais que participaram do Golpe de 1964.

Baseando-se nas pesquisas dos exemplares de 1963 a 1966 disponibilizadas pelo professor, os alunos expuseram no texto o que identificaram como o posicionamento político do jornal:

O Jornal *Folha do Subúrbio* construiu ao longo dos anos, desde sua edição aqui analisada até o golpe militar e após, certo apoio, sempre em suas páginas criando e apresentando somente uma narrativa sobre os eventos que acontecia no país nesse período, onde a ameaça comunista estava a dominar o país, e deveria ser tomado atitudes contra tais ações, mas não se passava ao leitor em suas páginas nenhuma prova de tais movimentos, como nomes daqueles que estavam envolvidos, além do nome de João Goulart.²⁵⁹

258 Artigo produzido pelos alunos A, D e I. *A Folha do Subúrbio e a sua Narrativa ao Golpe Militar*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/folha-do-suburbio-e-sua-narrativa-ao.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

259 Artigo produzido pelos alunos A, D e I. *A Folha do Subúrbio e a sua Narrativa ao Golpe Militar*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/folha-do-suburbio-e-sua-narrativa-ao.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

Nesse fragmento observamos que os alunos chamaram a atenção para o posicionamento definido do jornal em relação ao apoio ao Golpe Militar e o regime que se instaurou a partir de então. Os estudantes perceberam que não havia nas páginas do periódico espaço para o contraditório, mas sim um único posicionamento politicamente definido.

Para os alunos, houve participação atuante da *Folha do Subúrbio* nos eventos que desencadearam o Golpe de 1964:

Assim como outros jornais atuantes naquele período o *Folha do Subúrbio* teve sua parte no golpe militar e nas marchas, como apoiadores do que chamavam de revolução, pois em suas páginas exigia uma postura sobre as ameaças comunistas que estavam segundo eles, a crescer no país e no governo de João Goulart.²⁶⁰

Apesar de não terem citado a edição do jornal que trata da “Marcha da Família com Deus pela Democracia”, que aconteceu em Camaçari, no dia 19 de abril de 1964, foi possível observar que a leitura em sala de aula das matérias referentes a esse evento possibilitou os alunos atribuírem ao periódico sua participação na construção do ato, pois o editor e dono da *Folha do Subúrbio* foi um dos organizadores do evento em Camaçari.

Por último, os autores encerraram o texto com alguns questionamentos:

Essa ameaça comunista que cercava o governo de João Goulart e o desejo popular por essa “Revolução” realmente existiu? Ou foi somente uma plataforma jornalística passando ao leitor aquilo que o beneficia em sua narrativa, sendo assim um dos jornais apoiadores do golpe militar e suas marchas pelo país?²⁶¹

Analisando a produção textual desse grupo, podemos concluir que houve uma compreensão significativa dos alunos tanto no que se refere ao período histórico estudado quanto no que diz respeito a metodologia da produção do conhecimento histórico. Os alunos conseguiram identificar algumas categorias sociais envolvidas no Golpe de 1964, assim como também identificaram como o jornal utilizava a retórica anticomunista para corroborar com o seu posicionamento favorável à intervenção dos militares. Além disso, ao trabalharem com a bibliografia disponibilizada, confrontando-a com as fontes que estavam sendo pesquisadas, foi possível perceber que compreenderam de maneira satisfatória como funciona a produção do conhecimento histórico.

260 Artigo produzido pelos alunos A, D e I. *A Folha do Subúrbio e a sua Narrativa ao Golpe Militar*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/folha-do-suburbio-e-sua-narrativa-ao.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

261 Artigo produzido pelos alunos A, D e I. *A Folha do Subúrbio e a sua Narrativa ao Golpe Militar*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/folha-do-suburbio-e-sua-narrativa-ao.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

3.4.2 – A ditadura militar e a mídia

Na divisão definida pela Equipe 1 o aluno E ficou responsável por elaborar o artigo tratando do posicionamento político e ideológico do jornal *Folha do Subúrbio* referente ao regime instaurado a partir de 31 de março de 1964.

Mais uma vez percebemos que o aluno conseguiu estruturar o seu texto se baseando nas regras básicas de formatação da ABNT, respeitando o tamanho e o tipo da fonte, assim como também a organização da estrutura, apresentando o título do texto, o nome do autor, o resumo, as palavras-chave e as referências. Novamente salientamos que não houve uma rigidez nas exigências no formato de citação das fontes e das bibliografias, devido à complexidade e a falta de tempo para a orientação necessária para o cumprimento dessas exigências.

Em relação ao conteúdo do material escrito, pudemos observar que logo no início do texto ficou explicitado o posicionamento da *Folha do Subúrbio* no que se refere ao Governo João Goulart:

O jornal Folha do Subúrbio foi um receptor de notícias daquela época (1963 – 1966). Desde antes do golpe o jornal já vinha publicando matérias bastante contundentes com críticas ao governo do presidente João Goulart, até mesmo ironizando o fato de o governo do atual presidente ser considerado operário e o transporte está tão decadente para os próprios operários, “pois não é possível que agora que temos um governo trabalhista no poder, os operários se vejam na contingência de arribar para a capital sem meios e sem recursos”.²⁶²

A partir da introdução do texto, notamos que o editorial exposto na capa da edição de fevereiro de 1963, tratando do horário do trem denominado de “Pirulito” – que naquele momento estava com o horário de saída da estação de Camaçari rumo à Salvador, desfavorável aos operários – chamou a atenção do aluno. No jornal, a reivindicação à Viação Férrea Federal Leste Brasileiro era de que o “Pirulito” saísse da estação de Camaçari às 5:30h, beneficiando assim, a classe operária que trabalhava em Salvador e morava em Camaçari.

Para o aluno, o jornal teve uma postura contrária ao Sr. João Goulart, direcionando a crítica ao governo central. Para ele, havia um toque de ironia nas palavras do editorial pois deixava claro que no momento em que havia um Presidente que se dizia aliado à classe operária, os trabalhadores daquela localidade estavam sendo privados de uma boa oferta de

262 Artigo produzido pelo Aluno E. *A Ditadura Militar e a Mídia*. Disponível em: <https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/a-ditadura-militar-e-midia_3.html>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

transporte público.

Mais adiante, o autor apresenta como a *Folha do Subúrbio* se posicionava politicamente diante do Governo de João Goulart:

O jornal não parava por aí, também acusava o atual governo de fraco nas políticas externas e o denominava de “demagogo”: “o que nunca se viu no Brasil senão nesses dois últimos anos, foi a agitação demagógica montada e posta para funcionar pelas próprias autoridades”.²⁶³

É possível percebermos que a partir das investigações das edições do periódico, o aluno conseguiu observar já nessa matéria, a sua crítica ao governo vigente. Para a *Folha do Subúrbio*, este era um governo demagógico que tinha como interesse, usar a sua política externa do Itamarati para “criar um estado de espírito favorável à expansão e aceitação do credo marxista-leninista.” Para o articulista da matéria do jornal, a partir do governo do Presidente Juscelino Kubitschek a instituição se tornara “uma das mais eficientes células de propaganda vermelha no país.”²⁶⁴

O aluno, citando o historiador Carlos Fico, lembra da importância das “Marchas da Família com Deus, pela Liberdade”:

Segundo o historiador Carlos Fico em seu livro (o golpe de 1964 p. 60-61), um dos motivos de derrubada do então presidente foi as “marchas com Deus, pela liberdade” (19 de março de 1964), movimento que teve início depois de um infeliz discurso do Sr. Goulart no comício da central, no qual segundo a oposição atacava o rosário que é um dos símbolos da Igreja Católica. O movimento teve apoio da igreja, chefes de estado, empresários, parte da população e grande parte dos militares, depois de toda essa pressão popular, no dia 31 de março de 1964 os militares tomaram o poder e derrubaram Goulart.²⁶⁵

Pudemos verificar nessa parte do texto, que o aluno conseguiu compreender a importância das “Marchas” para a queda de Goulart, assim como também, identificar algumas das categorias sociais envolvidas no evento, que possibilitou uma pressão popular que se desencadeou no Golpe militar do dia 31 de março de 1964. Em seguida, o texto trata da receptividade do jornal em relação à posse de Castelo Branco como Presidente do Brasil:

No dia 30 de abril de 1964 o jornal *Folha do Subúrbio* estampou em sua capa uma matéria com o título “o novo presidente”, com a foto do então novo presidente Humberto Castelo Branco, que foi um dos líderes do golpe. A matéria do jornal parabenizou o ocorrido e auto o intitulava como “revolução”, com o seguinte texto:

263 Artigo produzido pelo Aluno E. *A Ditadura Militar e a Mídia*. Disponível em: <https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/a-ditadura-militar-e-midia_3.html>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

264 *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 15 jan. 1963. n. 464.

265 Artigo produzido pelo Aluno E. *A Ditadura Militar e a Mídia*. Disponível em: <https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/a-ditadura-militar-e-midia_3.html>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

“...o estado de revolução entra em recesso para instalar-se a normalidade democrática e realizar-se o ideal da nação brasileira”.²⁶⁶

É perceptível como o texto consegue construir uma narrativa a partir das fontes do periódico e quando possível, o autor se posiciona diante do seu discurso.

Em outra parte do artigo, o aluno consegue identificar o posicionamento político não apenas do jornal, mas também, lança luz à participação do dono e editor do periódico, Eduardo Cavalcanti:

Na edição de 30 de maio, o jornal expõe editorial com o título “moção de congratulações”, com o nome do então redator e dono do jornal (Eduardo Cavalcanti), com um certo tom de comemoração pelo acontecimento da revolução (golpe). “...em reconhecimento pelos serviços prestados pelo ilustre jornalista e dedicado aos inimigos dos comunistas – vêm congratular-se com sua pessoa, nesta vitória”.²⁶⁷

Ao longo do texto o aluno citou várias edições do jornal que corroborava com a tese de que ele havia apoiado o Golpe de 1964 e o regime que se instaurou a partir de então. Porém observamos que houve pouco espaço para refletir sobre o que escreveu. O texto se desenrolou como uma colagem de citações das páginas da *Folha do Subúrbio*, tendo poucos momentos para reflexão. No entanto, na conclusão do artigo, o aluno escreveu:

Com isso é notório constatar que a Folha do Subúrbio e todos os senhores nela envolvida desde até antes que o golpe se consolidar, possuía um posicionamento contrário ao governo de João Goulart pois em várias edições o jornal relacionava-o com o comunismo e com os problemas sociais que haviam se acarretado naquela época com o objetivo de voltar os seus eleitores contra o governo e relatar que segundo eles era preciso mudança, e depois do golpe o jornal só efetivou o seu apoio ao atual governo, com a edição da “marcha da família também nessa cidade”, que deixava explícito o apoio da população para o golpe. Outra forma que comprova isto é o editorial do jornal intitulado “moção de congratulações” (30 de novembro de 1964) que era em comemoração e apoio a consolidação do golpe e várias outras edições de elogio ao governo de Castelo Branco, e a última e mais clara evidência de apoio do jornal ao regime é a denominação do movimento como “revolução” e que seria a esperança do Brasil.²⁶⁸

Nessa conclusão percebemos que o discente juntou os elementos observados por ele no decorrer de sua pesquisa para defender a sua tese de que o jornal apoiara o Golpe de 1964

266 Artigo produzido pelo Aluno E. *A Ditadura Militar e a Mídia*. Disponível em: <https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/a-ditadura-militar-e-midia_3.html>. Acesso em: 13 de agosto de 2020. Folha do Subúrbio, 30 abr. 1964. nº481.

267 Artigo produzido pelo Aluno E. *A Ditadura Militar e a Mídia*. Disponível em: <https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/a-ditadura-militar-e-midia_3.html>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

268 Artigo produzido pelo Aluno E. *A Ditadura Militar e a Mídia*. Disponível em: <https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/a-ditadura-militar-e-midia_3.html>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

e o Regime Militar. Podemos concluir que apesar de algumas dificuldades de análises, o aluno conseguiu construir um texto coerente, identificando elementos importantes nos eventos supracitados. Identificou os grupos sociais envolvidos nas “Marchas” e o posicionamento político do jornal em relação ao Governo de João Goulart, assim como seu apoio às manifestações após o comício da Central e ao Presidente Castelo Branco; recém-empossado.

3.4.3 – O anticomunismo no Brasil

A Equipe 2 ficou incumbida de também escrever dois artigos. Um deles intitulado *O Anticomunismo no Brasil*, que trata da postura do jornal frente ao pensamento comunista e, foi escrito pelos alunos F e G. O texto inicia afirmando que a *Folha do Subúrbio* tinha um posicionamento contrário ao comunismo.

Ao fazer a análise do Jornal “Folha do Subúrbio”, de Camaçari e o livro “Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil” foi possível observar que o jornal de forma discreta se posiciona contra o comunismo, e o livro traz algumas informações complementares.²⁶⁹

Corroborando com a tese apresentada de que o jornal tinha um posicionamento contrário ao pensamento comunista, o texto aborda um artigo da *Folha do Subúrbio*, de novembro de 1966, intitulado “Basta acabar com a miséria?”, em que discute se bastaria acabar com a fome para acabar com o comunismo. O artigo do jornal afirmava que seria entre jovens e trabalhadores de classe social privilegiada que o comunismo se frutificava. Para tanto, não bastava apenas acabar com a fome para vencer o comunismo, mas também, enfrentar a miséria espiritual, que para ele era simbolizada pelo comunismo.

Já os alunos, compreenderam que o texto estaria colocando a culpa da fome no comunismo:

Como na edição de 30 de novembro de 1966, onde o título dizia “Basta acabar com a miséria?”, com esse título e com o enredo da notícia o comunismo para o jornal e para outros era um problema a ser resolvido, ao dizer que para acabar com a fome basta com o comunismo o jornal literalmente joga a culpa da fome e da miséria em cima do comunismo. Mas para poder realmente acabar com a miséria no mundo, seria necessário abrir mão do capitalismo.²⁷⁰

269 Artigo produzido pelos Alunos F e G. *O Anticomunismo no Brasil*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/o-anticomunismo-no-brasil.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

270 Artigo produzido pelos Alunos F e G. *O Anticomunismo no Brasil*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/o-anticomunismo-no-brasil.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

Apesar da dificuldade de interpretar a mensagem central do texto, os alunos conseguiram identificar a crítica ao comunismo que estava inserida no texto do jornal, pois para o articulista, o comunismo era uma mal que deveria ser extirpado do mundo.

Não levando em consideração a questão cronológica, os alunos também chamaram atenção para a conotação religiosa dada pelo movimento anticomunista em 1964.

Uma estratégia que foi extremamente usada pelo movimento anticomunista foi o uso da religião em seu favor para disseminar o movimento. No evento “Marchas com Deus”, em 1964, foi literalmente um evento incitando a população contra o comunismo onde alguns discursos como “vamos para as ruas, antes que os inimigos cheguem aos nossos templos e igrejas!” e por meio desses discursos a religião católica teve um papel no movimento. Nessa época houve uma junção das religiões contra o comunismo, diversas declarações públicas a favor dessa união, até mesmo o Cardeal Câmara deu uma declaração apoiando. Alguns grupos anticomunistas se declaravam democratas dizendo ser a favor da democracia, mas que na verdade esse título servia apenas de fachada, era apenas para encobrir suas verdadeiras intenções.²⁷¹

Nessa passagem do texto, os discentes se fundamentaram na tese do historiador Rodrigo Patto Sá, que explica como o discurso a favor da democracia era usado como “rótulo vazio de conteúdo”, por aqueles que combatiam o comunismo.²⁷² Os educandos trouxeram as falas do autor no formato de citações indiretas, referendando-as através das notas de rodapé.

Contextualizando com a bibliografia citada, os estudantes explicitaram um artigo da *Folha do Subúrbio*, de 1965, que trata do discurso anticomunista atrelado à religião. Na verdade, eles erraram o ano da edição citada.

Na edição de junho de 1964, nº495, o jornal afirma que a corrupção é aliada do comunismo e para salientar essa informação eles usam uma frase de D. José Maurício da Rocha onde ele diz que “A corrupção é a grande meta para a realização dos planos de Moscou”, continuando com as afirmações de D. José, ele afirma que o comunismo é o [inimigo] número um do Estado e da Igreja.²⁷³

A partir da análise do texto produzido pelos alunos, percebemos que, apesar de alguns problemas de interpretação textual e também de dificuldades em deixar claro algumas citações do jornal, constatamos que eles conseguiram compreender como o discurso religioso foi utilizado na década de 1960 por aqueles que combatiam o comunismo, assim como

271 Artigo produzido pelos Alunos F e G. *O Anticomunismo no Brasil*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/o-anticomunismo-no-brasil.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

272 MOTTA, op. cit., p.306.

273 Artigo produzido pelos Alunos F e G. *O Anticomunismo no Brasil*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/o-anticomunismo-no-brasil.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

também identificaram esse discurso nas páginas do jornal *Folha do Subúrbio*.

Demonstrando entendimento da pesquisa realizada, os estudantes encerram o texto afirmando que,

Observando a maneira com a qual o jornal desenvolve suas notícias é possível perceber qual sua posição em relação ao comunismo. Sempre usando frases de pessoas importantes que estão contra o comunismo, o jornal usa essas frases em seu favor. Sempre de forma discreta e nunca usando o nome do jornal diretamente, eles usavam essas frases para depreciar o movimento comunista, visando a extinção do movimento em nosso país.²⁷⁴

Identificamos que os alunos perceberam no jornal o uso da sutileza como um recurso que o permitia se posicionar politicamente contra o comunismo sem expor claramente o nome da *Folha do Subúrbio* e, mais uma vez, foi possível constatarmos o quanto o trabalho de pesquisa possibilitou a compreensão do assunto estudado. É nítido que os educandos se apropriaram do conhecimento, pois tiveram que lidar com as fontes do jornal, lendo várias edições, buscando conexões entre elas e se esforçando para analisá-las e interpretá-las. Verificamos também que eles conseguiram contextualizar as fontes pesquisadas com a bibliografia indicada pelo professor, estabelecendo conexões entre os debates efetuados em sala de aula, a pesquisa documental realizada por todos e a bibliografia que indicamos, permitindo a construção de um conhecimento próprio.

É possível até discordar das análises e interpretações feitas por eles, mas é inegável o esforço de se expressarem e de construir argumentos a partir da pesquisa realizada nessa atividade.

3.4.4 – A Política externa Norte-Americana

Por último, analisamos o artigo produzido pelos Alunos B, C e H, membros da Equipe 2. Esse trio ficou responsável por escrever um texto baseado nas pesquisas do jornal *Folha do Subúrbio*, no que diz respeito à política externa Norte-Americana.

Percebemos que os autores buscaram cumprir as exigências básicas de estrutura e formatação de um artigo, levando em consideração o título, resumo e palavras-chave. Porém, não apresentaram as referências, além de demonstrarem problemas nas citações utilizadas. Observamos também, que neste artigo não constam citações diretas do jornal *Folha do*

²⁷⁴ Artigo produzido pelos Alunos F e G. *O Anticomunismo no Brasil*. Disponível em: <<https://projetoasala3bv.blogspot.com/2019/12/o-anticomunismo-no-brasil.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

Subúrbio, o que fragilizou a estrutura do trabalho apresentado aos moldes de uma pesquisa científica. O texto é claramente focado na bibliografia indicada e baseado quase que exclusivamente no livro *O Golpe de 1964: momentos decisivos*, de Carlos Fico. Os autores fizeram um pequeno resumo do que leram no texto, fugindo um pouco do objetivo principal que foi proposto às duas equipes.

Isso, talvez, aponte para o fato de que pode haver certa resistência de alguns alunos para compreender e praticar os fundamentos de uma pesquisa de cunho científico, ou seja, uma pesquisa pautada em observação e fontes primárias. A cultura reprodutivista que ainda impera em nossas escolas pode ser um obstáculo a ser superado por todos, educadores e educandos.

É importante salientarmos também sobre a necessidade de uma educação que estimule a produção científica já no Ensino Fundamental, para que o estudante avance em sua caminhada educacional produzindo conhecimento e compreendendo os fundamentos do saber científico, quebrando assim a tradição escolar de simples reprodutora do conhecimento acadêmico.

No que concerne ao entendimento do período histórico pesquisado pelos alunos, observamos que o artigo apresenta informações importantes, demonstrando um provável aprendizado dos elementos pesquisados pelos estudantes. Eles identificaram como se constituiu a relação dos Estados Unidos da América com o Brasil após a Segunda Guerra Mundial e assim registraram:

Com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi se estabelecendo cada vez mais essa aliança, que era extremamente vantajosa aos EUA, que era o principal fornecedor bélico. E após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos se aproximou mais do Brasil, tendo apoio técnico e elaborações de projetos do “grande irmão do norte”, que era apoiado pela ideia e medo do Brasil se tornar “outra Cuba”, que não seria permitido de forma alguma, para isso podia ser adotada medidas de ações unilaterais e invasões.²⁷⁵

É perceptível que conseguiram compreender e fazer um resumo da bibliografia que pesquisaram. Em outro momento do texto, ao tratar do financiamento do governo americano através da “Aliança para o Progresso”, os alunos escreveram que “todas essas manobras americanas não passavam de uma tentativa de aproximação criando a imagem de irmão do

275 Artigo produzido pelos Alunos B, C e H. *A Política Externa Norte-Americana*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/politica-externa-norte-americana.html>>. Acessado em: 13 de agosto de 2020.

norte tornando o Brasil palco secundário da Guerra Fria.”²⁷⁶

O artigo continua com referências ao livro de Carlos Fico ao tratar da política de desestabilização financiada pelo governo Norte-Americano durante a presidência de João Goulart²⁷⁷; apesar de não estarem devidamente referendada através das notas de rodapé.

Mais adiante, os autores apresentaram o Golpe de 1964 como consequência do discurso de Jango no comício da Estação Central e das propostas de reformas do governo, a partir de um texto indevidadamente copiado de um site da internet, fugindo assim da proposta de analisar a bibliografia buscando compreendê-la.

Na conclusão do texto, os alunos fizeram um resumo do que foi exposto ao longo do artigo, estabelecendo uma relação com as discussões realizadas durante as oficinas de pesquisa, buscando elaborar interpretações para compreender o Golpe de 1964.

Com o conteúdo visto em jornais e livros pode-se perceber que toda a manobra que culminou no golpe, derivou da manipulação americana com medo do Brasil se tornar um país comunista, visto que Goulart defendia medidas de esquerda para então política brasileira, o que desagradava também as elites, já que suas implantações favoreciam os povos de classe baixa, usaram de artifícios como a “marcha da família com Deus pela liberdade” a fim de atrair o público religioso contra Jango e investimento pesado em publicidade. Com isso, podemos notar até expressões como golpe foi formulada para revolução a fim de diminuir o impacto e deixar mais maleável o acontecido.²⁷⁸

Fica evidente nessa conclusão do artigo dos discentes, que eles conseguiram refletir sobre o tema que foi pesquisado. Desenvolveram interpretações próprias em relação ao período estudado, aliando aos argumentos apresentados nas oficinas de pesquisa e a bibliografia recomendada. Além disso, é perceptível a apropriação do conhecimento histórico estudado, apesar de terem negligenciado a pesquisa com as fontes – foco do trabalho – e plagiado um parágrafo de um texto da internet.

276 Artigo produzido pelos Alunos B, C e H. *A Política Externa Norte-Americana*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/politica-externa-norte-americana.html>>. Acessado em: 13 de agosto de 2020.

277 FICO, op. cit., p.30-36.

278 Artigo produzido pelos Alunos B, C e H. *A Política Externa Norte-Americana*. Disponível em: <<https://projetodasala3bv.blogspot.com/2019/12/politica-externa-norte-americana.html>>. Acessado em: 13 de agosto de 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A principal tarefa do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender. O que dificulta a compreensão, no entanto, não são apenas nossas convicções apaixonadas, mas também a experiência histórica que as formou.*²⁷⁹

O interesse por desenvolver essa pesquisa surgiu, em grande medida, da angustiante constatação do “ensino bancário” ainda predominante em nossas escolas públicas. A imagem de um professor ministrando uma aula expositiva, em que apresenta um “monólogo” para uma turma de jovens dispostos apenas a aprender um pouco da sapiência do seu mestre, infelizmente ainda faz parte de nossa realidade educacional.

Quando iniciamos a pesquisa, tínhamos como objetivo pensar o Ensino de História como prática que tornasse o aluno partícipe da produção do conhecimento histórico e, para que isso se tornasse realidade, a utilização de fontes se revelou de fundamental importância, pois é difícil pensar no ofício do historiador sem lembrar dos objetos que o auxilia na interpretação do passado.

No início da pesquisa perguntamos: é possível que o uso de jornais em sala de aula torne o Ensino de História mais interessante e proveitoso para os estudantes?

Ao cruzarmos as informações que obtivemos durante as oficinas com as respostas dos alunos no questionário observamos que a pesquisa em sala de aula no Ensino de História; tendo jornais como suporte pedagógico, tornou o processo de aprendizagem mais dinâmico e prazeroso. Percebemos também, que a novidade para eles, representada pela metodologia de ensinar pela pesquisa teve um papel fundamental em relação a motivação. Alguns alunos afirmaram que as oficinas com o uso de jornais potencializaram o interesse deles pelo estudo de História e isso nós também observamos durante o desenvolvimento do trabalho. Os alunos apresentaram uma disposição não identificada ainda nessa turma ao longo do ano letivo. Estudantes que não tinha o hábito de participar das aulas e que dificilmente respondiam as atividades propostas pelos professores, se engajaram de tal maneira, que se integraram ao

279 HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século xx: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

desenvolvimento das oficinas, participando do processo de investigação dos jornais e dos debates que elas geravam durante os encontros.

Vários alunos salientaram como a atividade prática de pesquisa influenciou em sua aprendizagem em História durante as oficinas. Percebemos que o fato de deixarem de ser simplesmente espectadores de aulas expositivas que reproduzem o conhecimento histórico produzido no mundo acadêmico, para se tornarem agentes atuantes no processo de construção do saber científico, aguçou ainda mais a curiosidade deles, tornando o ato de aprender uma prática mais instigante e satisfatória.

Dos nove alunos que participaram das oficinas, oito responderam que a metodologia aplicada em sala de aula contribuiu para melhor compreender o período da ditadura militar. Para eles, a metodologia foi um facilitador do processo de aprendizagem. Muitos alunos chamaram atenção de como a metodologia estimulou o confronto de narrativas divergentes, pois estavam analisando um jornal que apoiara o Golpe de 1964 e ao mesmo tempo discutiam contrapontos a partir de bibliografia especializada no período.

No início do trabalho perguntamos também: como a utilização de jornais nas aulas de História pode contribuir para a efetivação da pesquisa e da educação científica no Ensino Médio?

Identificamos durante a pesquisa que a utilização de jornais em sala de aula pode se configurar como um excelente suporte para a efetivação de uma educação científica no Ensino Médio. Ensinar História através da pesquisa, tendo os jornais como suporte pedagógico, permitiu os alunos compreenderem de que maneira se produz o conhecimento histórico e, analisar os documentos, confrontando-os com bibliografia acadêmica desenvolveu no alunado o espírito investigativo necessário para a produção do conhecimento científico.

Ao longo das oficinas foi possível observar a empolgação dos discentes na leitura dos jornais. Cada equipe ficou responsável por responder um problema de pesquisa e isso, potencializou o espírito criativo deles, de maneira que debatiam entre si os textos que estavam sendo analisados procurando tirar as dúvidas que apareciam e ao mesmo tempo apresentavam suas análises dos textos que estavam lendo.

A metodologia do uso de jornais em sala de aula, alicerçada na tese de *Educar Pela Pesquisa*, do professor Pedro Demo, contribuiu para uma melhor compreensão do passado. Nas palavras de vários estudantes, essa metodologia tornou o Ensino de História mais fácil e prazeroso. Foi possível para eles, perceberem como funciona a produção do conhecimento

científico, pois precisaram observar e analisar as fontes, levantar hipóteses sobre o discurso do jornal, ler a bibliografia especializada no assunto, confrontar suas ideias com seus pares, responder o problema de pesquisa e interpretar o passado baseando-se nas leituras das fontes, além de aprenderem que, para a efetivação de um projeto de investigação, é necessário definir temas e recortar o contexto histórico. Ou seja, a base do princípio científico foi experimentada pelos alunos em sala de aula, fazendo com que eles ampliassem a compreensão referente à construção do conhecimento científico.

Por último, perguntamos: de que maneira a utilização de jornais em sala de aula pode estimular uma visão problematizadora dos alunos em relação ao discurso jornalístico?

Constatamos que a partir da utilização dos jornais em sala de aula, em que analisamos o discurso intrínseco nos textos jornalísticos, os alunos começaram a se comportar de maneira mais questionadora frente ao que estavam lendo. Isso foi possível, principalmente, a partir das primeiras atividades realizadas com a turma, nas quais, utilizamos jornais atuais para que os alunos conhecessem a estrutura física de um jornal impresso. Com a atividade, eles aprenderam a diferenciar os gêneros de textos jornalísticos, a identificar os cadernos que constituem um jornal impresso, além de compreenderem quais são as suas fontes de renda e para que público o periódico é direcionado.

Segundo os registros presentes nos questionários e relatórios, para os alunos, a utilização dos jornais em sala de aula proporcionou o desenvolvimento de uma leitura mais problematizadora dos textos jornalísticos. Para eles, isso foi possível porque esse tipo de trabalho permitiu melhorar a capacidade de interpretação de texto, fomentando assim o senso crítico, pois durante as oficinas foi necessário analisar e questionar o tempo todo o discurso jornalístico reproduzido nas páginas do jornal *Folha do Subúrbio*.

Percebemos também que no decorrer das oficinas, os alunos se tornaram cada vez mais questionadores, refletindo sobre os interesses e motivos que levaram a produção dos textos do jornal. Essa postura é importante, pois o indivíduo deixa de ser um simples agente passivo na leitura dos textos – não só os jornalísticos – e se torna um elemento ativo nesse processo, analisando, interpretando e ressignificando o texto lido no momento. Isso ajuda não só na interpretação dos textos escritos, mas também da realidade cotidiana na qual o indivíduo está inserido, além de torná-lo menos ingênuo diante da rede de *Fake News* tão presente em nossa vida atualmente.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

AGUIAR, Flávio. Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Tempo. In: MARTINS, Ana Luzia; DE LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ALVES, Fábio Lopes.; GUARNIERI, Ivanor Luiz. A Utilização da Imprensa Escrita para a Escrita da História: diálogos contemporâneos. In: *Revista Brasileira de Ensino do Jornalismo*, v.1, n.2, 2007. Disponível em: <<http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/93/40>>. Acesso em: 18 abril 2020.

ALVES, Francisco das Neves. O Ensino da História por meio dos Jornais Antigos: as imagens acerca dos atores político-partidários à época imperial. *Historiae*, Rio Grande, (1): p.19-36, 2012.

ALEXANDRE, Marcos; FERNANDES, Renata. O Poder da Mídia. *Comum*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 26, f.145, Jan./Jun. 2006.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. (Org.). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 12.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BLOCH, Marc. *Apologia da história*, ou, o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL, *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

BRIGGS, Asa; Burke Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à internet*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A Imprensa na História do Brasil*. São Paulo: Contexto. EDUSP, 1988.

_____. Mídia e Populismo/ Populismo e Mídia. In: *Revista Contracampo*, v.28, n.3, ed. dez-mar, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Pags: 52-72.

CARVALHO, A. S.; OLIVEIRA, Marcelo Souza.(Org.) *Educação Científica e Popularização das Ciências: práticas multirreferenciais*. Salvador: Edufba, 2016.

CERRI, Luis Fernando. *Ensino de História e Consciência Histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHOMSKY, Noam. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre História e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p.253-270, dez. 2007.

DEMO, Pedro. *Educar pela Pesquisa*. 10.ed. Campinas: Autores Associados, 2015.

_____. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DO VALLE, Hardalla Santos; ARRIADA, Eduardo; CLARO, Lisiane Consta. *A Utilização de Fontes no Ensino de História: a imprensa na construção do conhecimento*. Movimento, Rio Grande, 2010.

FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *O Jornal na Sala de Aula*. 14.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____; ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano: O tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

FICO, Carlos. *O Golpe de 1964: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

_____. *“Prezada Censura”*: cartas ao regime militar. Rio de Janeiro: Topoi, 2002.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. 15.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.114, p.197-223, nov. 2001.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 13.ed. Campinas: Papirus, 2012.

_____. *Caminhos da História ensinada*. 13a.ed. Campinas: Papirus, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século xx: 1914-1991*. São Paulo:

Companhia das Letras, 1995.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KARNAL, Leandro (Org.). *História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____; TATSCH, Flavia Galli. A Memória Evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (Org.) *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2017.

KNAUSS, Paulo. Sobre a Norma e o Óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUKI, Sônia L. (Org.). *Repensando o Ensino de História*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

KUSHNIR Beatriz, *Cães de Guarda: Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2012.

LIMA, Thiago Machado de. *Pelas ruas da cidade: o golpe de 1964 e o cotidiano de Salvador*. Curitiba: CRV, 2018.

LUCA, Tania Regina de. A História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAUAD, Ana Maria. Na Mira do Olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.13. n.1, p.133-174. jan./jun. 2005.

_____; MONTEIRO Charles. Fotografia, cultura visual e história: perspectivas teóricas e metodológicas. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre. v.44, n.1, p. 3-7.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64 - 89. jan./abr. 2016.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador*. 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá, *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. Estado, Imprensa e Ideologia. *Revista de Educação*, Cascavel, jan./jun. 2009. f.165.

PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elsa. *Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor*. São Paulo: Paulina, 2010.

PINSKY, Jaime (Org.). *O Ensino de História e a Criação do Fato*. 14.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. *Revista Brasileira de Educação*, v.11, n.31 jan./abr. 2006.

PRETTO, Nelson. Redes Colaborativas, Ética Hacker e Educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte. v.26. n.03. p.305-316. Dez. 2010.

REIS, José Carlos. *Teoria e História: tempo histórico, história do pensamento e pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

REIS, Daniel Arão. *Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Ensinar História. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2009.

ROITMAN, Isaac. *Educação Científica: quanto mais cedo melhor*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/rl000001.pdf>>. Acesso em: 11 de fevereiro 2019.

_____. Ciência para Jovens: falar menos e fazer mais. In: WERTEHIN, J; CUNHA, C. da. *Ensino de Ciências e Desenvolvimento: o que pensam os cientistas*. 2.ed. Brasília: UNESCO: Instituto Sangari, 2009. p.135. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000185928/PDF/185928por.pdf.multi>>. Acesso em: 18 set. 2019.

ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da História: uma teoria como ciência*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

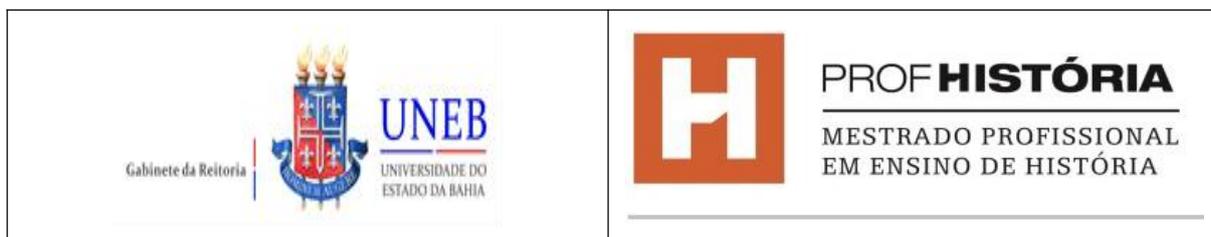
SOUZA, Quincas Rodrigues de. *O Uso de Fontes como Estratégia Didática para Aprendizagem Histórica na Educação Básica*. 2016. 128f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Rio de Janeiro. p.62.

UNESCO. Declaração Sobre a Ciência e o Uso do Conhecimento Científico: versão adotada pela Conferência de Budapeste, 1 de julho de 1999. f.2. Disponível em:<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=14807>. Acesso em: 11 fevereiro 2019.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*; Foucault revoluciona a história. 4.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

ANEXOS

ANEXO nº. 01 – Questionário de Pesquisa.



QUESTIONÁRIO DA PESQUISA, “OS JORNAIS COMO SUPORTE PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA: A FOLHA DO SUBÚRBIO E A PESQUISA EM SALA DE AULA”

Este questionário é parte de uma pesquisa que tem como objetivo observar o impacto do uso de jornais em sala de aula na disciplina de História. Precisamos saber o que você pensa sobre essa questão. Por favor preencha o questionário. Você não precisa se identificar e ninguém terá acesso ao que você escrever exceto eu. Obrigado pela ajuda.

1 – Você gostou de participar das oficinas com o uso de jornais nas aulas de História? Explique.

8 – Como você avalia as oficinas com o uso de jornais nas aulas de História?

Excelente () Bom () Médio () Ruim () Péssimo ()

Explique:

Obrigado!

ANEXOS N°. 02 e 03 - Jornais *A Tarde* e *Correio*, de 21 de outubro de 2019, utilizados em sala de aula



ANEXO Nº. 04 - Jornal Massa!, de 21 de outubro de 2019, utilizado em sala de aula



ANEXO Nº. 05 - Atividade de análise de jornais realizada pelos alunos em sala de aula

Judy

24 10 19

Porteio

Segunda - feira, 21 de outubro de 2019.

Ano XL

Nº: 13504

Segunda a Sábado R\$ 1,50

Domingo R\$ 1,75

Porteio 24 horas com. Ar

Estadio de Barra

Rede Bahia - grupo

A tarde

Solados

Segunda - feira 21 de outubro de 2019

Bahia e Sergipe R\$ 2,50

Outros estados R\$ 5,50

Preço 23:55

www.warner.com.br



24 10 19

Fundador: Ernesto Simões Filhos

Ano 108/Nº 36.709

Crime Recife

Quê: No lide de quem o texto fala

Quem? Sobre oit avos polares

Onde? Na casa

U que? homenagem de Kuler

Quando? Missa no estadi Barra

Porqu? Celebrar homenagem de Kuler

Somo? homenagem de

Quem? Be - prefeito Bruno Ves

onde? Na missa

U que? Combarreu

Quando? No dia da homenagem

porqu? pelo homenagem de ela

com? Comparando a casa onde que

ela morreu e vai emocionou

Glórias internas

A tarde

Vida

Esportes

Economia

Política

Porteio

Esportes

24 horas

Vida

Judy

24 10 19

Classificados A tarde - Populares

- Imóveis
- Empregos
- Veículos
- Veículos

Classificados porteio Empregos e serviços

- Empregos
- Serviços
- Veículos
- Veículos
- Sexy Delivery

Propagandas A tarde

- Ford
- Assine a tarde (deadline do jornal)
- Muito Delivery
- Cartão de visita em

Porteio

- Solados restaurant Week
- Curso Zoma
- Curso de luta duração
- Saltes japonês



**ANEXO Nº. 06 - Edições da *Folha do Subúrbio* distribuídas aos alunos em sala de aula
(Disponibilizamos apenas alguns textos de cada uma dessas edições)**

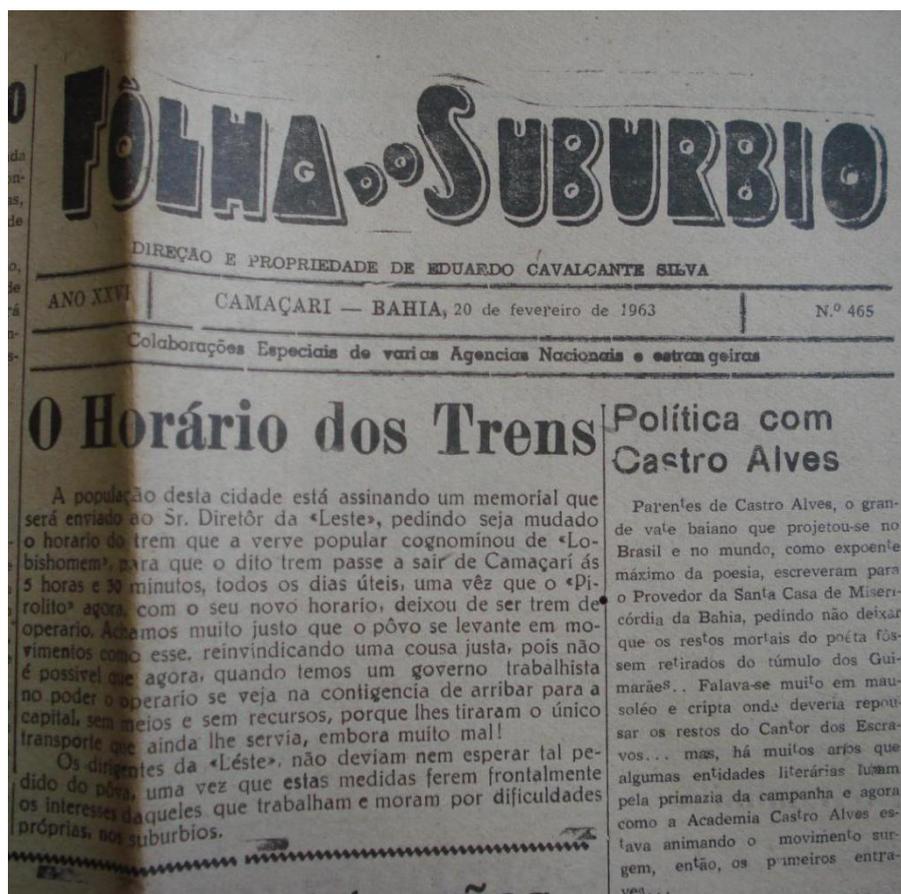
- 1- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 15 jan. 1963. n. 464.
- 2- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 20 fev. 1963. n. 465.
- 3- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 jan. 1964. n. 478.
- 4- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 29 fev. 1964. n. 479.
- 5- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 abr. 1964. n. 481.
- 6- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 mai. 1964. n. 482
- 7- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 31 ago. 1964. n. 485.
- 8- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 25 dez. 1964. n. 489.
- 9- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 23 jan. 1965. n. 490.
- 10- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 abr. 1965. n. 493.
- 11- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 jun. 1965. n. 495.
- 12- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 abr. 1966. n. 505.
- 13- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 31 mai. 1966. n. 506.
- 14- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 jun. 1966. n. 507.
- 15- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 31 jul. 1966. n. 508.
- 16- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 28 set. 1966. n. 510.
- 17- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 31 out. 1966. n. 511.
- 18- *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 nov, 1966. n. 512.

ANEXO Nº 07 - Folha do Subúrbio - Política Internacional e Demagógica



Fonte: *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 15 jan. 1963. n. 464. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO Nº 08 - Folha do Subúrbio - O Horário dos Trens



Fonte: *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 20 fev. 1963. n. 465. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO Nº 09 - Folha do Subúrbio - O novo Presidente

FOLHA DO SUBÚRBIO
DIREÇÃO E PROPRIEDADE DE EDUARDO CAVALCANTE SILVA
ANO XXVIII CAMAÇARI, 30 de Abril de 1964 Nº 481
Colaborações Especiais de várias Agências Nacionais e estrangeiras

O novo Presidente

O Brasil em, a partir de hoje, o General Humberto Castelo Branco na sua presidência. Com isto, cumpre-se o dispositivo constitucional para o preenchimento da vaga da magistratura do País. O Estado de Revolução entra em recesso, para instalarse a normalidade democrática. Realiza-se o ideal da Nação brasileira, que via, aterrorizada, a marcha ascensional do comunismo, bafejado pelos próprios governantes federais, que tinham os mandatos que lhes tinham sido conferidos. Final, o País respira.

O homem que assume a Presidência, hoje, é uma figura adequada ao momento crítico por que passa a Nação. Se o Marechal Dutra foi o homem capaz de restaurar a democracia, depois de longo período ditatorial, posição com a cultura. Oclavio Mangabeira considerava-o, por isso tudo, uma das principais figuras do Exército. E, por sua bravura pessoal e competência como militar, destacou-se na campanha da F. E. B., na Itália.

Deste homem, assim competente e assim digno, espera muito a Nação brasileira. Em suas mãos está não só o readoecimento da autoridade aos cargos públicos, como o império do equilíbrio no exercício do poder, o rumo ao País pelo seu desenvolvimento econômico e tranquilidade social, que se vinha perdendo merce aos muitos atentados contra a normalidade das nossas instituições. Esta, aliás, sua missão mais espinhosa e mais grave, porque ao sucesso neste setor depende a tranquilidade da Nação e o êxito da democracia.

Nós, deste pedaço do Brasil, temos mais um ato a nos unir ao novo chefe da Nação. Fui do Nordeste, passando boa parte de sua vida nesta região, onde serviu, aliás, como oficial general, comandando o IV Exército, conhece e vive nossos problemas de coletividade pobre. E demonstrou entender bem a realidade brasileira, que exige o progresso de nossa região para poder aceitar que quer governar com os pés apoiados no Nordeste.

Temas assim, na suprema curul da Nação, um homem que está preparado para o espinhoso cargo que o Congresso lhe confiou. E, várias vezes, já demonstrou seu propósito de combater a crítica dos inconformados, assegurando que presidirá as eleições de 1965: será fiel servidor da democracia, leal aos ideais da luta que empreenderam as forças armadas — pela democracia, pela liberdade.

em 1946, é de lembrar-se o quanto com ele parece o General Castelo Branco. Cidadão austero, digno, simples, patriota. Tradicionalmente afastado das lutas político-partidárias, o que lhe garante a possibilidade de residiar o movimento de aliança nacional que sustentou o presidente Dutra e que foi uma das garantias de seu governo. Como o Marechal, é homem que não gosta de elogios e não admite bajulações — armado, portanto, para sempre encontrar o caminho do equilíbrio e da justiça, inspirado pela paixão do Brasil, que é o sentimento mais forte e constante de toda sua vida pública.

Na sua carreira militar, conseguiu o atual presidente honras eminentes. E sua vida sempre trouxe a marcha da precu-



Presidente H. Castelo Branco

Moções

idade e da integridade Cristã de nosso povo, contra as ameaças do regime exótico que ultimamente vinha aguçando mais as suas garras, com atitudes e ameaças que muito o torturaram. Felizmente o povo brasileiro libertou-se e nós da Fundação Centro Unitário de Assistência Social estamos a respirar mais livremente, confiantes no novo governo brasileiro, e suas forças Armadas do País e em IUS, principalmente, Camaçari, de abril de 1964. (assinados) Rubens do Espírito Santo, Lauro de Aguiar, Francisco Soares de Lima, Francisco Alves da Cruz, Eozes de Amorim, Solange Santos, Rosane do Espírito Santo, Benedito Almeida da Anunção, Manoel Bepo dos Santos e João Barros Lima.

or proposta do Sr. Eduardo Cavalcante Silva foi feita às Forças Armadas, representadas em o Estado por S. Exa. o General Manoel Mendes Pereira a seguir MOÇÃO DE SOLIDARIEDADE E APOIO — "A Fundação Centro Unitário de Assistência Social" e o Centro Operário de

Fonte: FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 abr. 1964. n. 481. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO Nº 10 - A Marcha da Família também nesta Cidade

A Marcha da Família também nesta Cidade

No dia 19 ultimo, Camaçari assistiu uma de suas maiores festas cívicas dos ultimos tempos, quando quasi toda a população foi ás ruas, em homenagem ás Fôrças Armadas Brasileiras, numa passeata vibrante embora debaixo de chuvas constantes. Pela manhã houve missa em ação de graças, na igreja matriz de São Tomaz de Cantuária, onde grande numero de fiéis rendeu graças a Deus pela vitória que todo o Brasil cristão festeja, contra o Comunismo ateu e sanguinario. Cerca de mil pessoas de todos os credos e partidos, acompanharam os sentimentos da Nação Brasileira nesta hora quando a pátria se liberta das garras da hidra vermelha, que ameaça o mundo.

Ladeando o pavilhão nacional seguiram no grande cortêjo cívico, as bandeiras da Fundação Centro Unitario de Assistencia Social, do Circulo Operario de Camaçari e do Ginasio São Tomáz de Cantuária, levada, esta ultima, pelos colegas que vibravam de entusiasmo e de civismo, embora vividos numa época em que esses sentimentos de brasilidade estavam cedendo lugar ao "nacionalismo" vésigo de meia duzia de fanáticos liberticidas e apatridas!

O Sr. Tenente Enéas Aquino e um seu companheiro Capitão da Aeronautica acompanharam a grande massa e ao encerrar-se a festa o primeiro foi homenageado representando as três armas, nas expressões vibrantes de vários oradores, onde se destacou, pela sua veemencia e verdadeiro sentimento cívico o nosso companheiro jornalista Eduardo Cavalcante Silva, homem que jamais cedeu aos vermelhos um só minuto das suas convicções, seja nas lutas locais, ou através as colunas deste jornal que tem sido a sua tribuna e a sua trincheira, nos seus 28 anos de jornalismo.

(Conclue na 4.ª pag.)

Fonte: FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 abr. 1964. n. 481. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO Nº 11 - Com Deus pela Democracia

Com Deus pela Democracia



As festas civicas denominadas marcha da família com Deus pela democracia, foram coroadas de êxito em todo o país. Todos os brasileiros democratas, vieram as praças afim de assistirem essas comemorações em homenagens as forças armadas, que conseguiram, sem derramar sangue, dominar os comunistas que implantavam o terror vermelho em nossa patria.

Em nossa cidade, comemoramos o acontecimento no dia 19 do corrente; foi um dia de imenso prazer para todos, sem agitação, foi a maior festa cívica de todos os tempos. Cerca de mil pessoas assistiram as cerimoniaes do dia. Foi celebrada missa às 9 horas na matriz, às 15 horas saiu a passeata que percorreu os bairros principais, conduzindo a bandeira brasileira, a do Centro Unitario de Assistência Social, e do Circulo Operario e a do Ginasio São Tomaz de Cantuaria.

Retornando às 17 horas a Praça Desembargador Montenegro, concentrou-se em frente da igreja onde falaram varios oradores, exaltando a vitoria da Revolução.

Alem de outras autoridades locais se destacavam os seguintes oradores: Eduardo Cavalcante Silva, tabelião e jornalista, Cirilo Gonçalves de Oliveira e Tenente Enéas Aquino.

BENEDITO A. ANUNCIAÇÃO

Fonte: FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 abr. 1964. n. 481. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO Nº 12 - Moção de congratulações



Fonte: *FOLHA DO SUBÚRBIO*. Camaçari, 30 mai. 1964. n. 482. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO Nº 13 - Os comunistas e a UNE

Os comunistas e a UNE

INFILTRAÇÃO COMUNISTA — Há anos — e notadamente durante o governo do sr. João Goulart — os sindicatos e as agremiações estudantis têm sofrido o efeito das infiltrações comunistas. Em sua ansia de conquistar mais um satélite, os membros da filial brasileira do PC internacional têm procurado intervir nas classes mais susceptíveis de organização — os operários e os estudantes.

No Brasil, os estudantes sempre foram grupo que aspira à compreensão dos problemas nacionais; deles é que depende, em grande parte o emergir do país, do estado de subdesenvolvimento em que se encontra. Constituem assim os estudantes um grupo tornado "elite", dada a falta de técnicos que incrementem o progresso e que decidirá, futuro e permanentemente, o futuro da Nação.

O grupo estudantil está sempre a ser renovado e, por ser constituído de jovens as mais das vezes idealistas, é uma das forças mais dinâmicas da sociedade — daí ser sempre visada pelos comunistas.

UNE — ELEMENTO DESAGREGADOR — O principal movimento estudantil e o que maior efeito desagregador tem causado é a União Nacional dos Estudantes. O processo de deterioração da entidade foi bastante igual ao processo pelo qual passaram os sindicatos. Nestes havia o imposto sindical a alimentar os pelegos e a enorme força da classe a tentar os comunistas e conquistarem, com ela, o Poder. Já aos estudantes, que nunca receberam o imposto sindical, os comunistas infiltrados no Poder conseguiram corromper através de vultosas verbas e do tráfico de influências.

AS VERBAS DO MEC — As verbas recebidas pela UNE do Ministério da Educação atingiram somas fabulosas. Em 1963, as verbas da União destinadas à UNE somaram cerca de 300 milhões de cruzeiros. Ainda neste ano, o ministro Paulo de Tarso proporcionou verba de 15 milhões de cruzeiros para a realização do "Seminário Estudantil do Mundo Subdesenvolvido", promovido pela União Brasileira dos Estudantes.

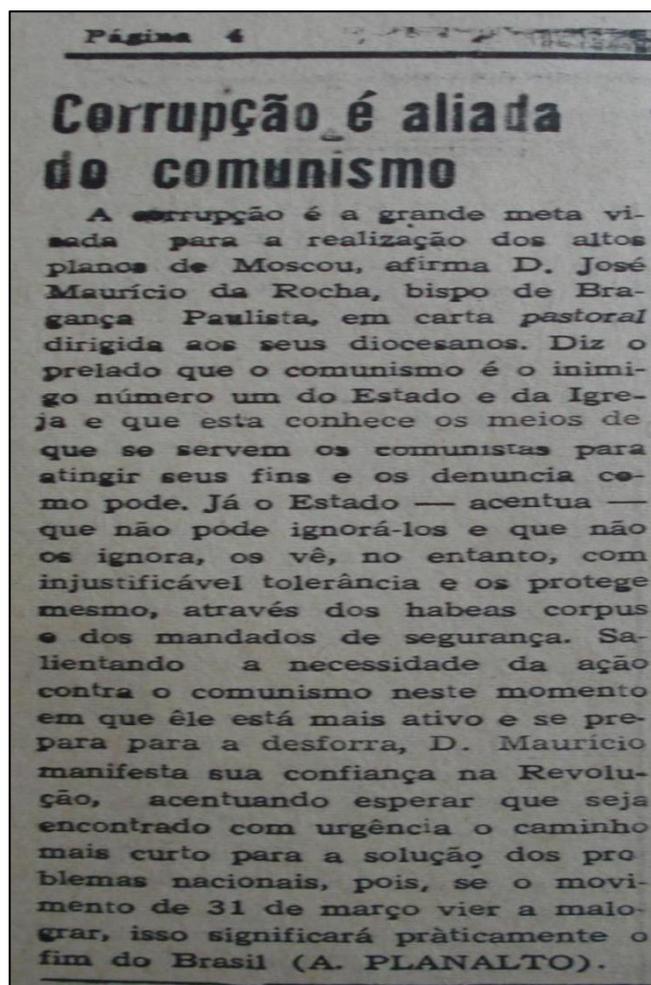
OS FINANCIADORES COMUNISTAS — A influência vermelha na entidade máxima do grupo estudantil brasileiro não se caracteriza somente pela intensa pregação comunista levada a efeito por jovens corrompidos pelo dinheiro abundante do Ministério da Educação. Os países da "cortina de ferro" também contribuíam para a desmoralização de nossa juventude. Assim, a Rússia pagava à UNE a importância de 100 milhões de cruzeiros por cópias do filme "Cinco vezes favela"; já a Checoslováquia contribuía com 300 mil cruzeiros para a campanha de alfabetização, mais 100 milhões para a compra da maquinária da tipografia que a UNE mantinha. Os países sob a esfera de influência moscovita ofereciam também bolsas de estudos a indivíduos escolhidos por sua ideologia. Regressando ao Brasil, estes bolsistas foram utilizados como agentes da poderosa máquina de subversão instalada no país pelos comunistas.

A RECUPERAÇÃO DO ESTUDANTE — Os estudantes da UNE, ao invés de intervirem no processo político brasileiro ingressando em partidos políticos, ensinando aos analfabetos, pregavam a falência de todas as instituições democráticas sobre as quais está fundado o

(Conclue na 2.ª pag.)

Fonte: FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 31 ago. 1964. n. 485. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO Nº 14 - Corrupção é aliada do comunismo



Fonte: FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 jun. 1965. n. 495. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO Nº. 15 - Fragmento do Jornal Folha do Subúrbio utilizado em sala de aula

Trago-vos uma mensagem de con-
gratulações pela inauguração, em
Dias d'Avila, Estado da Bahia, do
"Banco Brasileiro da Produção
S. A.", nesta data, 6 de junho de
1966. Como cidadão brasileiro e,
particularmente como morador des-

**Castro negocia
com sangue**

NOVA IORQUE (tp) — O Secre-
tário geral da organização cubana
no exílio "Comissão para os trata-
mentos humanos dos presos políti-
cos em Cuba" declarou que 166
condenados à morte pelo regime
de Castro, foram executados dei-
xando-lhes escorrer o sangue das
veias. Esse sangue teria sido con-
servado e possivelmente vendido
ao Vietnã ao preço de 100 dóla-
res por litro.

Hanoi desmente Moscou

HONG KONG (tp) — Alegando
que se tratava de uma "invenção
das agências noticiosas do ociden-
te" o governo de Hanoi desmentiu
que a China vermelha tivesse im-
pedido o trânsito dos fornecimen-
tos soviéticos. A verdade porém
é que as agências noticiosas do
ocidente, tais notícias davam como
provenientes de fontes de informa-
ção soviéticas. Na própria im-
pressão soviética se pode ler que
Pequim impediu transportes para o
Vietnã do norte.

**O mais jovem País
independente**

LONDRES (tp) — A 4 de Outu-
bro deste ano, a antiga colonia in-
glesa, Basutolândia, passará a ser
independente sob o nome de Leso-
tho. Terminou já a conferência
relativa à Independência em Lon-
dres. A oposição na Basutolândia
tentou até a última hora adiar a
data para a independência do país.
No entanto o Gabinete inglês che-
gou à conclusão que o atual govêr-
no, cujo chefe é Chief Jonathan,
pesar de escaça maioria é absolu-
tamente competente para chefiar o
país. O novo Lesotho fica encai-
xado na África do Sul.

**Fidel Castro o
bem amado**

São Paulo (ABIM) — Não há
pessoas mais amadas no mundo de
hoje, que os líderes dos regimes co-
munistas. Não são eles os símbolos
do "paraíso" igualitário?

Fidel Castro, por exemplo, sente-
se tão amado que anda continua-
mente com inúmeros guarda-costas,
para impedir que populares, num
excesso de amor, façam alguma ma-
nifestação mais "carinhosa"...

Por outro lado, o chefe comunista
retribui esta simpatia do povo de
modo tocante. Sempre que vai a res-
taurantes, como a "El Patio", obriga
o cozinheiro a comer, em sua pre-
sença, um pouco da comida que vai
ser servida a si próprio...

Fonte: FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 jun. 1966. n. 507. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO Nº. 16 - Fragmento do Jornal Folha do Subúrbio utilizado em Sala de Aula

Rebelião de jovens na China Vermelha

TAIPE (tp) — Segundo se soube de fontes bem informadas, por meados de Abril passado mais de mil jovens enviados pelos comunistas para as regiões de Sinkiang a fim de trabalhar no amanho dos campos, revoltaram-se contra as autoridades. Foi a fome constante a que estavam sujeitos que os levou à rebelião. Os jovens começaram por soltar fogo a vagões carregados de gêneros alimentícios que se destinavam às tropas comunistas. A rebelião, que alastrou como fogo em floresta, causou ainda a destruição de vários celeiros, tendo-se perdido mais de 100 toneladas de trigo. Apenas a intervenção das forças armadas conseguiu dominar a revolta: durante os recontros mais de cem foram alvo das balas e foram presos mais de 400. Durante os úl-

timos anos, os comunistas enviaram para as regiões de Sinkiang, mais de cem mil jovens oriundos das províncias de Shangai, Hopeh, Hohnam, Kiangsu, Chekiang e Suhaci. Uma vez ali, são obrigados a trabalhar mais de 12 horas por dia com insuficiente alimentação.

nosso companheiro L. Cidreira Dórea, redator comercial desta "Fólha", levam-nos a darmos início, a partir deste número, de uma página dedicada ao desenvolvimento agrícola, pecuario e avícola, em nossa terra, para cuja permanência esperamos contar com o apoio de todos os que militam nestes ramos tão importantes da vida nacional, onde se destacam os pequaristas, fazendeiros e técnicos.

Abraçar o comunismo é abraçar o ateísmo

São Paulo (ABIM) Na reunião dos sacerdotes italianos em Florença, sob o tema "Pregação e comunismo à luz dos ensinamentos de Paulo VI", o arcebispo de Siena, D. Castellano, declarou que "Quem abraçar o comunismo integralmente, abraça também o ateísmo".

Realmente, é impossível separar-

se o ateísmo de qualquer aspecto da doutrina comunista, seja o político, o econômico, ou o social, pois éle "funda-se numa concepção da sociedade humana diametralmente oposta à verdadeira doutrina católica..."

(Pio XI "Quadragesimo Anno, Edit. Vozes, pag 39).

Fonte: FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 jun. 1966. n. 507. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO Nº 17 - Basta Acabar com a Miséria?

Basta Acabar com a Miséria?

Paulo J. Guimarães

"Basta acabar com a miséria para acabar com o comunismo". — "A questão social é uma questão de estômago". — "Quando não houver mais fome não haverá mais comunismo". — Estas e outras afirmações de igual teor ouvimos e lemos frequentemente. O primarismo desse raciocínio revela em que medida é ignorado o problema comunista, com suas profundas implicações ideológicas. É verdade que se pode encontrar comunistas que o são por força de um meio impulso de revolta contra injustiças sociais. E seria este um motivo a mais exatamente para ser repudiado o comunismo que constitui um sistema visceralmente in-

justo. Mas também é exato que os verdadeiros comunistas o são porque a doutrina marxista encerra uma concepção da vida e do mundo que perfilham independentemente da existência da miséria. Porque se trata de uma doutrina materialista, que reduz a vida humana a horizontes terrenos, negando qualquer valor transcendente. Por isso, onde vamos encontrar, atualmente, os adeptos mais renitentes do comunismo? Entre intelectuais e estudantes é que vemos o comunismo lançar raízes mais profundas. E intelectuais bem situados economicamente. E estudantes pertencentes a famílias abastadas. Por que? Porque o comunismo significa, para eles, um sistema que encerra a vida humana dentro

de dimensões materialistas. E é exatamente pelo fato de a ideologia marxista vir encontrando dificuldade para permear os meios operários que estes já estão sendo considerados "reacionários" pelos vermelhos...

De resto, há exemplos muito ilustrativos de que o comunismo não é questão de simples bem estar econômico, de pura exigência gástrica... É ver o que ocorre em certos meios como por exemplo, entre os estivadores do porto do Rio de Janeiro. Ganham eles muitíssimo bem, desfrutam de salários que muito médico, muito advogado, muito engenheiro está longe de alcançar... Constituem os estivadores, uma classe inflada de vantagens e privilégios legais, próprios da autênticos príncipes da República. No entanto, entre estes estivadores se encontra o foco mais ativo do comunismo no meio operário nacional. Apesar de viverem eles à tripa fórra...

Fato idêntico ocorre na Itália. Em regiões onde é maior o bem estar econômico dos operários (Regio Emilia, Toscana, etc.), o comunismo tem maior contingente de adeptos.

E não nos esqueçamos do episódio institucional do ano passado, no Brasil. O chamado "movimento da legalidade", enfunado por ativistas vermelhos, foi procurar entre a gente sofrida e a terra castigada do Nordeste o "mólho" revolucionário? Não. Foi encontrar num dos Estados mais ricos do país, o Rio Grande do Sul, desacerado pela esquerdização de cúpula, o instrumento de deflagração revolucionária.

As injustiças sociais devem ser corrigidas. A difusão de melhores condições de vida precisa ser levada avante. Mas não confinemos o homem na escala animal como certos planistas que só raciocinam em função do econômico. Com homens bem alimentados e bem trajados, também se prepara a seara vermelha. Acabar com a miséria física desacerando a miséria espiritual também é trabalhar pelo comunismo. (Agência Planalto).

Neo-Zelandezes no Vietname



O General William Westmoreland Comandante da Assistência Militar ao Vietname. Inspecciona um posto neo-zelandês, em recente visita à frente de combate. A Nova Zelândia é um dos vários países que prestam ajuda militar e econômica à República do Vietname, contra a agressão comunista

99% ou mesmo 100% sotrem de cárie no mundo

Fonte: FOLHA DO SUBÚRBIO. Camaçari, 30 nov. 1966. n. 512. Cópia do arquivo do autor.

ANEXO N° 18 - Endereço do blog *Os Jornais Como Suporte Pedagógico no Ensino de História*

<https://osjornaiscomosuportepedagogico.blogspot.com/>